MARY WESTMACOTT

A Carga

MARY WESTMACOTT

(Agatha Cristhie)

A Carga



EDITORA NOVA FRONTEIRA

2ª EDIÇÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

A Carga

Agatha Christie escrevendo sob o nome
Mary Westmacott

Tradução de CLARICE LISPECTOR

Título original em inglês
THE BURDEN

EDITORA NOVA FRONTEIRA

LAURA

Ela viveu muito tempo à sombra da linda irmã. Finalmente apareceu um homem que sabia que Laura era capaz de amar tão apaixonadamente quanto a deslumbrante irmã... se lhe dessem uma chance.

PEQUENA COLEÇÃO
AGATHA CHRISTIE.



Pois meu remo é ligeiro e o meu fardo é leve”
São Mateus, v. 30, Livro II

Senhor, com o seu prazer mais refinado,
Traspassa meu espírito grosseiro;
Oh, Senhor, se sou por demais empedernido,
Escolha, então, antes que morra esse espírito,
Uma dor aguda, mortífero pecado,
E deixa que se apossem de meu coração já morto.

R. L. Stevenson

Prólogo

Como ainda era outubro não haviam, ainda, ligado a calefação e por isso a igreja estava fria. Fora, o sol prometia calor e alegria, mas dentro das geladas paredes cinza só se sentia umidade e a chegada próxima do inverno.

Laura estava entre a ama magnífica, no seu uniforme de rendas e babados, e do reverendo Henson, o pároco. O vigário-geral estava acamado, com uma forte gripe. O Sr. Henson era jovem e magro, com um enorme pomo-de-adão, uma voz alta e nasal.

A Sra. Franklyn, frágil e bela, apoiava-se no braço do marido que, ao seu lado, apresentava-se sério e imponente. O nascimento da segunda filha não fora consolo bastante para compensar a morte do primogênito Charles. Ele desejara um filho... e ainda por cima o médico dissera que não poderiam mais ter outros filhos.

O Sr. Franklyn voltou os olhos para Laura e em seguida para o bebê aninhado nos braços da governanta.

Duas filhas... era verdade que Laura era uma boa menina, uma criança adorável e que a recém-nascida era sadia e forte, mas mesmo assim, ele preferiria que tivesse sido um filho!

Charles! Charles! Com os cabelos louros, o balanço da cabeça quando ria, o sorriso encantador, a beleza, a inteligência; enfim, um menino excepcional. Se tivesse que perder um filho poderiam ter levado Laura.

Os olhos do pai encontraram-se com os da filha — grandes e trágicos olhos cravados num rosto pálido — e Franklyn ruborizou-se envergonhado. Como poderia desejar uma coisa destas?, pensou, ele que adorava Laura. Mas, mas... ela não era Charles.

Apoiando-se no marido, com os olhos semicerrados, Angela Franklyn murmurava:

— Meu filho... meu lindo filho... meu querido... não posso me conformar. Por que não foi Laura em seu lugar?

Ela não sentiu culpa pelo que disse; era mais voluntariosa, mais honesta do que o marido, mais primitiva como pessoa. Para ela, uma filha nunca poderia significar o mesmo que o primogênito. Comparada a Charles, Laura era um verdadeiro anticlímax: uma criança quieta, obediente, mas sem... sem? Personalidade.

Ninguém poderia tomar o lugar de Charles, pensou Angela Franklyn.

Sentiu o marido apertar seu braço; abriu os olhos e concentrou a atenção na cerimônia. Que voz irritante tem o Sr. Henson!

Angela olhou com certa indulgência para o bebê nos braços da ama — palavras tão pomposas para um tico de gente!

A criança, que dormitava, piscou os olhinhos cor do céu — os olhos de Charles — e riu satisfeita.

— O sorriso de Charles — pensou Angela. Uma onda de calor maternal fremiu seu âmago. Sua filha, sua linda filha. Pela primeira vez desde a morte de Charles pensou na criança. Olhou para Laura e cismou: — Que será que esta menina está pensando?

— Tão quietinha — pensou a ama, olhando para Laura. — Quieta demais para meu gosto. Não é normal uma criança ser tão bem comportada. Talvez porque não liguem para ela... Será que é por isso?

O reverendo Eustace Henson via chegar o momento que mais temia. Não estava acostumado a batizar, se ao menos o vigário tivesse vindo! Olhou com prazer para Laura, que assistia à cerimônia com seriedade. Que menina boa! Em que será que ela está pensando? Ainda bem que nem ele, nem Angela, nem Arthur Franklyn sabiam.

Não era justo.

Não, não era justo.

A mãe gostava do bebê tanto quanto de Charles.

— Não, não era justo.

Ela odiava o bebê... odiava, odiava, odiava! Queria que a criança morresse!

Parada em frente à pia batismal, repetia para si mesma, baixinho:

— Queria que ela morresse!

Sentiu um leve toque no ombro. Era a ama lhe dando a criança.

— Cuidado, segure-a bem — murmurou a ama, — e passe-a ao pastor.

— Eu sei — sussurrou Laura.

O bebê estava no seu colo.

— E se eu abrisse os braços e a deixasse cair... neste chão de pedras. Será que ela morreria? — pensou Laura.

Nas pedras, negras e frias — mas o bebês viviam tão agasalhados. — Será que eu teria coragem? — pensou.

Hesitou um momento e entregou a criança aos braços nervosos do reverendo que não possuía a prática do vigário e que repetia os nomes de Shirley, Margaret, Evelyn... a água borrifou a testa da criança que, em vez de chorar, riu de prazer.

Canhestramente o reverendo beijou a testa da criança, pois este era o hábito do vigário. Com alívio devolveu a criança à ama.

O batizado estava encerrado.

Parte I
LAURA - 1929

Capítulo Um

Sob o manto da calma aninhava-se na criança um ressentimento crescente.

Desde a morte de Charles tinha ela esperanças...

Ela que sofrera tanto com a morte dele, pois o adorava, passou a nutrir esperanças. É claro que com Charles perto, lindo, alegre, travesso, os pais tinham que amá-lo. Laura achava que eles tinham razão, ela sempre fora quieta, sem graça, a típica segunda filha não desejada que viera logo após o nascimento do primogênito. Os pais eram bons com ela, carinhoso até, mas só amavam verdadeiramente Charles.

— Laura é um encanto — disse, um dia, a Sra. Franklyn, para uma visita. — Mas é tão sem graça...

Ela aceitara a justiça deste julgamento com a honestidade dos desesperançados.

Era uma criança sem graça, pequena, pálida, de cabelos lisos; não dizia coisas engraçadas como Charles. Era boa, obediente, não dava trabalho; enfim era, e sempre seria, uma pessoa insignificante.

— Mamãe gosta mais de Charles do que de mim — murmurou ela, um dia, para a ama.

— Não diga bobagens — retrucou a ama, — e não seja injusta! Sua mãe gosta tanto de um quanto do outro... ela é como todas as mães, gosta igualmente dos filhos.

— As gatas não são assim — disse Laura, lembrando-se dos gatinhos recém-nascidos.

— Os gatos são animais — disse a ama. — E de qualquer maneira lembre-se de que Deus ama você — acrescentou, minimizando a simplicidade da sua assertiva.

Laura aceitou mais esta verdade, acreditando que, no fundo, talvez Deus gostasse mais de Charles do que dela. Afinal ele era muito mais bonito!

— Além do mais — pensou Laura — eu posso gostar de mim, mais do que Charles, mamãe e papai juntos!

Foi então que Laura se tornou mais pálida, mais silenciosa, mais bem comportada, o que fazia até a ama sentir-se mal e comentar com a arrumadeira que tinha medo de que Deus levasse a menina mais cedo para o Céu.

Mas foi Charles quem morreu e não Laura.

* * *

— Por que não arranja um cachorro para esta menina? — perguntou o Sr. Baldock, amigo e confidente do pai de Laura.

Arthur Franklyn pareceu surpreso com a pergunta, ainda mais, porque estavam discutindo calorosamente as consequências da Reforma na política inglesa.

— Que menina? — perguntou, surpreso.

O Sr. Baldock apontou com a cabeça para Laura, que se balançava silenciosamente no parque.

— Ora, para quê? — perguntou o Sr. Franklyn. — Os cachorros só dão trabalho, com as patas eternamente enlameadas em cima dos tapetes e das poltronas.

— Um cachorro — explicou o Sr. Baldock, no tom de conferencista, que conseguia irritar qualquer ouvinte, — possui uma extraordinária capacidade de levantar o ego de um homem. Para um cachorro, o dono é um deus idolatrado, e no atual estado de decadência em que vivemos, não só idolatrado como também amado. Possuir um cachorro faz com que as pessoas se sintam importantes, poderosas.

— Hum — sussurrou o Sr. Franklyn, — e isso é bom?

— Nem sempre — retrucou Baldock — mas eu tenho uma fraqueza na vida! Gosto de ver as pessoas felizes. Gostaria de ver Laura feliz!

— Ela é feliz. E além do mais já tem um gatinho.

— Bah! — exclamou Baldock, — não é a mesma coisa. Se você se desse ao trabalho de pensar um pouco, veria que não é a mesma coisa. É seu mal, você não usa a cabeça para pensar. Veja por exemplo suas teorias sobre a Reforma. Acha que...

Voltaram a discutir com vigor e, como sempre, o Sr. Baldock aproveitou para fazer as declarações mais descabidas, disparatadas e absurdas.

Mas um sentimento um tanto incômodo se apossou da mente de Arthur.

À noite, ao entrar no quarto da mulher, que se vestia para o jantar, ele resolveu abordar o assunto.

— Laura vai bem? Bem disposta, feliz etc... não vai?

A mulher voltou os olhos azuis, da cor dos olhos de Charles, para o marido, espantada.

— Querido! É claro que vai. Laura está sempre bem. Nunca tem ataques histéricos, como outras crianças, não me dá o mínimo trabalho. É uma santa!

Ela fechou o clipe do colar de pérolas, em volta do pescoço.

— Por quê? — perguntou ela, depois de uma ligeira pausa. — Por que esta súbita preocupação com Laura?

— Por causa de Baldy, foi ele quem perguntou — respondeu Franklyn.

— Ora, Baldy! — a Sr. Franklyn sorriu. — Você sabe como ele é! Gosta de agitação...

Uns dias depois, quando acabavam de almoçar e a Sra. Franklyn se retirava da mesa com os convidados, entre eles, o Sr. Baldock, encontraram com a ama no corredor.

— Não há nada de errado com Laura, não é mesmo? — perguntou Angela Franklyn, bem alto e deliberadamente. — Ela anda bem e está muito feliz, não é?

— Sim, senhora — respondeu a ama, espantada com a súbita curiosidade da Sra. Franklyn. — É uma menina de ouro, que não me dá o menor trabalho. Completamente diferente de Charles.

— Ah! Por que Charles lhe dá trabalho? — perguntou o Sr. Baldock.

— É como todos os meninos — respondeu a ama, voltando-se para Baldock, com um tom de deferência na voz. — Mas vai muito bem, também. Daqui a pouco vai para o colégio. Por enquanto comporta-se como todos os meninos da sua idade. Come doces demais, o que lhe prejudica a digestão.

Sorrindo com indulgência a ama se retirou.

— Ela adora Charles — disse Angela Franklyn, enquanto entravam na sala de visitas:

— Isto é óbvio — começou Baldock, — sempre achei as mulheres umas tolas — acrescentou pensativo.

— Mas a ama não é uma tola, antes pelo contrário!

— Eu não estava pensando nela.

— Em quem estava pensando então? — perguntou a Sra. Franklyn com uma rispidez calculada, pois afinal de Baldy, por ser excêntrico e crítico, podia-se esperar qualquer comentário.

— Estava pensando em escrever um livro sobre os segundos filhos — respondeu Baldock.

— É mesmo? Não vai me dizer que é a favor dos filhos únicos? Pensei que todo o mundo fosse contrário a isso, por todos os pontos de vista!

— Não, pelo contrário, vejo até certas vantagens numa família com dez filhos, se souberem educar estas crianças, responsabilizando-as pelas obrigações da casa, pelo cuidado com os irmãos menores etc. Todos como peças na engrenagem familiar, úteis à sociedade, não fingindo ser úteis! Hoje em dia, dividimos as crianças em grupos de idade! A isto chamam educação!

— Você e suas teorias — replicou Angela, sorrindo, — E qual é sua teoria sobre os segundos filhos?

— O problema do segundo filho — respondeu Baldock, em tom didático, — é que é sempre um anticlímax. O primogênito é uma aventura, assustadora, dolorosa, onde a mãe pensa que vai morrer e o marido (como Arthur aqui presente) pensa também que vai ficar viúvo. Quando a criança nasce e começa a gritar, os pais justificam este filho pelo trabalho que ele deu! E aí, às vezes pouco tempo depois, surge o segundo filho... dando todo aquele trabalho... mas causando menos apreensão, menos medo e muito mais aborrecimento! Enfim, chega a criança que também é nossa mas não é mais novidade, e como não deu tanto trabalho não é tão maravilhosa.

Angela deu de ombros.

— Os homens solteiros sabem tudo — murmurou com ironia. — Esta regra se aplica ao terceiro e ao quarto filho?

— Não — respondeu Baldock. — Notei que sempre existe um intervalo maior até a chegada do número três. Este filho é consequência da independização crescente dos dois irmãos mais velhos. Seria tão bom termos um bebê novamente! Que idéia! Umas criaturinhas nojentas, orientadas somente pelo instinto! Por isso continuam copulando e tendo filhos, mas nunca mais terão a mesma emoção do primeiro filho.

— O que você diz é muito injusto.

— Eu sei. Mas a própria vida é injusta.

— Que se pode fazer, então?

— Nada.

— Ora, Baldy... então por que estamos aqui discutindo?

— É como eu disse a Arthur outro dia, sou um moleirão. Gosto de ver as pessoas felizes, compensá-las pelo que lhes falta, reparar certas arestas. Por que senão o fizerem poderão ter sérios problemas...

* * *

— Como Baldy fala besteiras! — comentou Angela, com o marido, assim que os convidados se retiraram.

— Ele é um dos maiores estudiosos do país! — retrucou Franklyn, piscando o olho.

— Eu sei — disse Angela com desprezo. — Adoraria ouvi-lo falar sobre os gregos, os romanos e até sobre os elisabetanos. O que não suporto são as preleções sobre pedagogia...

— Um assunto em que ele é absolutamente leigo — concordou o marido. —

Imagine que ele sugeriu que nós déssemos um cachorro para Laura!

— Um cachorro? Mas ela já tem um gato!

— Segundo ele, não é a mesma coisa.

— Que estranho! Ainda mais ele que não suporta cachorros.

— É verdade.

— Quem deveria ter um cachorro é Charles. Outro dia, ele ficou apavorado quando os cachorrinhos da paróquia correram atrás dele. Se tivesse um já estaria acostumado. Devia também aprender a montar. Se ele tivesse um pônei...

— Isso não é possível — respondeu Franklyn com ar definitivo.

Na cozinha, a arrumadeira comentava com a cozinheira.

— O velho Baldock notou também...

— Notou o quê?

— Que a menina Laura não vai durar muito! Até perguntaram a ama como ela ia... Ah! Aquele olhar, aquela falta de maldade... tão diferente de Charles! Ouça bem o que digo, Laura não vai viver muito tempo...

E no entanto foi Charles quem morreu.

Capítulo Dois

Charles morreu de paralisia infantil; os dois outros colegas de escola, atacados pela doença, conseguiram escapar,

Para Angela Franklyn, que não possuía boa saúde, o golpe foi tão rude que quase morreu. Charles era o Céu e a Terra para ela; passava os dias no quarto, olhando para o teto, incapaz até de chorar. O marido, a filha e os criados andavam pé ante pé, pela casa, para não incomodá-la. Finalmente o médico da família aconselhou Franklyn a levá-la para o exterior.

— Uma mudança completa de ar e de paisagem. Temos que estimulá-la. Uma região de ar puro... a Suíça talvez...

Os Franklyn partiram, deixando Laura com a ama e a Srta. Weeker, uma afável, porém sem graça, governanta. Para Laura, a ausência dos pais foi uma época de diversão. Tecnicamente ela passou a ser dona da casa; todas as manhãs "falava" com a cozinheira, a simpática e gorda Sra. Brunton, encomendando as refeições. As duas discutiam o *menu* e a cozinheira acabava prevalecendo, apesar de parecer que Laura é quem tinha decidido tudo.

Aos poucos Laura passou a sentir menos e menos a falta dos pais, pois passou a desenvolver uma fantasia sobre a volta deles.

A morte de Charles era horrível, é claro que eles gostavam mais dele do que dela, disso ela não tinha a menor dúvida, mas agora ia passar a imperar no reino de Charles. Era a filha única, o futuro e a esperança da família, o receptáculo de todo afeto dos pais. Sua imaginação criava cenas da chegada dos pais, a mãe com os braços abertos...

— Laura querida! Você é tudo que eu tenho no mundo...

Cenas de amor e afeto, completamente diversas da verdadeira natureza de Angela ou de Arthur; mas para Laura, com sua imensa carência, aos poucos iam-se tornando mais e mais reais.

Caminhava pelas alamedas, ensaiando as conversas, abrindo os braços, sacudindo a cabeça, murmurando frases. Tão absorvida vivia nestas fantasias, que um dia, não se apercebeu do Sr. Baldock que vinha em sua direção, carregando as compras que tinha acabado de fazer na cidade.

— Alô, Laura.

Laura, que estava imaginando a pobre mãe cega: — Não posso abandoná-la por nada deste mundo! — dizia ao marido imaginário, o pobre visconde, levou um susto.

— Seus pais ainda estão viajando?

— Sim — respondeu Laura corando até a raiz dos cabelos. — Só vão voltar

daqui a dez dias.

— Então, por que não vem tomar chá comigo amanhã?

— Está bem, irei.

Laura sentiu-se honrada e feliz com o convite. O Sr. Baldock, professor da Universidade que ficava na cidade vizinha, morava num bangalô e comportava-se como um anacoreta, recusando tomar parte na vida social de Bellbury. O único amigo que tinha era Arthur Franklyn — que conhecia de longa data. John Baldock não era um homem fácil, tratava seus alunos com crueldade e ironia, uma atitude que servia de encorajamento para os melhores e de desilusão para a maioria. Havia escrito vários volumes sobre fases obscuras da história, numa linguagem tão complicada que poucos podiam entendê-lo. Não ouvia os pedidos insistentes dos editores que suplicavam que escrevesse numa linguagem mais fácil, pois achava que só para as pessoas que conseguiam entendê-lo é que valia a pena escrever! Era rude com as mulheres, o que as cativava de certa forma; cheio de preconceitos e arrogâncias mas no fundo um homem infinitamente bom; em suma, um poço de contradições.

Laura sabia que era uma honra ser convidada para tomar chá com o Sr. Baldock.

Vestiu-se com cuidado, penteou os cabelos de maneira diferente e partiu com uma certa apreensão para a casa do eremita. Foi recebida por uma governanta do Sr. Baldock, que a conduziu imediatamente para a biblioteca.

— Alô — disse o Sr. Baldock. — Que está fazendo aqui?

— O senhor me convidou para o chá — respondeu Laura.

O Sr. Baldock olhou para ela com carinho, enquanto Laura o encarava com firmeza e gravidade, escondendo a insegurança que sentia.

— É verdade — murmurou Baldock, coçando o nariz. — É verdade, se bem que não sei por quê. Bem, já que está aqui, sente-se.

— Onde? — perguntou Laura.

Era uma pergunta apropriada. A biblioteca era uma sala coberta de livros até o teto. Além das estantes, as mesas e as cadeiras também estavam ocupadas.

O Sr. Baldock considerou a pergunta por uns instantes.

— Temos que dar um jeito nisso.

Selecionou uma poltrona que parecia mais vazia e desocupou-a, colocando as pilhas de livros no chão.

— Pronto — disse, por fim, limpando as mãos da poeira que o fazia espirrar.

— O senhor não manda as empregadas limparem esta sala? — perguntou Laura, sentando-se.

— De modo algum — respondeu Baldock. — E creia, não é fácil convencê-las. Não há coisa que uma mulher goste mais do que invadir uma biblioteca com

um espanador e desarrumar tudo, empilhando os livros, não por assunto, mas por cor ou tamanho. Quando termina o serviço, sai feliz da vida de vassoura na mão, enquanto eu passo a levar um mês para achar qualquer livro. As mulheres! Não sei o que Deus pensou quando as criou! Talvez achasse que Adão estava bem demais como dono do Universo, dando nome aos animais e as coisas e que precisava de levar uns contras. Talvez tivesse razão... mas não precisava ir tão longe. Veja onde a mulher colocou o homem... no Pecado Original.

— Sinto muito — disse Laura.

— O que quer dizer com isso?

— Que você se sinta assim a respeito das mulheres. Porque, penso, também sou mulher.

— Ainda não, graças a Deus! — disse o Sr. Baldock. — Ainda vai demorar um pouco e não adianta precipitarmos as desgraças. Aliás, eu não havia esquecido que você vinha tomar chá, mas tinha minhas razões para dizer o que disse.

— Que razões?

— Bem — resmungou Baldock, esfregando o nariz. — Queria ver o que você responderia... Você se saiu muito bem.

Laura olhou para ele, sem entender.

— Outra razão é que, se vamos ser amigos, e parece que isto já muito provável, você tem que me aceitar como sou, um velho malcriado e rabugento. Não adianta esperar rapapés! Minha filhinha, como vai você? Há quanto tempo não nos víamos... etc...

Laura riu da voz de falsete de Baldock.

— Até que seria engraçado! — comentou Laura.

— É verdade.

Laura parou de rir e olhou novamente para Baldock.

— Acha mesmo que vamos ser amigos?

— É uma questão de simpatia. Você gostaria?

— Me pareceria um tanto estranho — respondeu Laura, duvidosa. — Geralmente chamamos de amigos as pessoas de nossa idade.

— Pode ter certeza de que não vou brincar de “pular amarelinha” com você!

— Mas, nem eu brinco mais disso! — disse Laura.

— Nossa amizade seria assentada num plano intelectual.

Laura ficou satisfeita.

— Não sei bem o que quer dizer com isso, mas acho ótimo!

— Quer dizer — disse o Sr. Baldock — que quando nos encontrarmos discutiremos assuntos que nos interessam.

— Que tipo de assuntos?

— Bem, comida por exemplo. Eu adoro comer... e espero que você também. Eu tenho sessenta e poucos anos e você... quantos tem? Uns dez? Tenho certeza de que seu paladar é diferente do meu, e isso é bastante interessante. Além do que existem outros assuntos como: cores, flores, animais, história da Inglaterra...

— Como por exemplo as esposas de Henrique VIII?

— Isto mesmo. É só falar em Henrique VIII que todo o mundo lembra-se das esposas! Chega a ser um insulto a um homem que foi considerado o príncipe mais belo da Cristandade... que foi um estadista de primeira! No entanto, só nos lembramos dele porque tentou conseguir um herdeiro. As esposas não tiveram a menor importância sob o ponto de vista histórico.

— Não concordo.

— Está vendo? — perguntou Baldock. — Já estamos debatendo.

— Eu gostaria de ter sido Jane Seymour.

— Por quê?

— Ela morreu — respondeu Laura.

— Mas Ana Bolena e Catherine Howard também.

— Foram decapitadas. Jane só esteve casada com ele um ano, teve um filho e morreu... todo o mundo deve ter ficado triste!

— É um ponto de vista! Vamos passar para a outra sala e ver o que temos para o chá.

Ao ver a mesa cheia de sanduíches, *éclairs*, bolos, biscoitos, Laura não pôde conter um riso de satisfação.

* * *

— Que chá maravilhoso! — exclamou, batendo palmas. — O senhor estava me esperando! A não ser que tenha um chá destes em casa todos os dias.

— Deus me livre.

Os dois sentaram-se. O Sr. Baldock comeu uns seis sanduíches-de-pepino, Laura uns quatro *éclairs* e vários outros doces.

— Você tem bom apetite! — comentou o Sr. Baldock. — É um bom sinal.

— Estou sempre com fome. Acho que por isso nunca fico doente. Charles vivia doente.

— Hum... acho que você deve sentir muito a falta dele, não?

— Sinto, demais.

O Sr. Baldock franziu o cenho.

— Está bem, está bem. Ninguém duvida disso.

— Eu sei.

Baldock observou-a calado.

— Foi horrível a morte dele — continuou Laura, como se estivesse repetindo uma poesia bem decorada.

— Foi mesmo!

— Horrível para mamãe e papai. Agora os dois só têm a mim...

— Ah!

Laura olhou para Baldock sem entender, mergulhando no seu mundo de fantasia, onde uma voz maternal murmurava: — Laura, meu amor, você é tudo que me resta... minha única filha, meu tesouro.

— Manteiga rançosa! — disse o Sr. Baldock, empregando uma expressão muito pessoal de desagrado. — Manteiga rançosa! Venha para o jardim, Laura, vamos dar uma olhada nas roseiras. Conte-me o que faz durante o dia.

— De manhã, a Sra. Weeker me dá aula...

— Aquela mulher chata!

— O senhor não gosta dela?

— É a imagem de Girton. Nunca, ouça bem, nunca vá para Girton.

— O que é Girton?

— Um colégio para moças. Me dá arrepios só de pensar...

— Vou para um internato quando tiver doze anos.

— Antros de perdição.

— O senhor acha que eu não vou gostar?

— Acho que vai... é disso que eu tenho medo! Certamente vai se apaixonar pela professora de Música, antes de entrar para Girton ou Somerville. Bem, vamos aproveitar o tempo que resta antes de você entrar para estas porcarias. Que pretende fazer quando crescer?

— Gostaria de ser uma enfermeira e tomar conta dos doentes... dos leprosos.

— Não vejo mal nisso. Tome cuidado para não trazer um doente para casa e colocá-lo na cama do marido como Santa Elisabete da Hungria. Uma mulher muito boa, mas péssima como esposa...

— Mas eu não pretendo me casar!

— Não? Pois eu acho que você vai se casar. Ser solteirona é pior do que ser uma mulher casada. O azar é dos homens, mas acho que você será uma boa esposa, melhor do que a maioria das mulheres.

— Mas, não tenho direito de abandonar meus pais. Eles só têm a mim no mundo.

— Eles têm uma cozinheira, uma arrumadeira, dinheiro e amigos. Não se preocupe com eles. Os pais têm que se conformar em perder os filhos quando eles crescem. Às vezes, é até um alívio. Que acha das rosas?

— Lindas — disse Laura.

— Gosto mais delas do que das pessoas. Para começar não duram tanto.

Baldock segurou a mão de Laura com firmeza.

— Adeus Laura. Você precisa voltar para casa... não se deve forçar muito uma amizade.

— Adeus Sr. Baldock. Obrigada pelo chá... estava delicioso.

Como era bem educada, estas frases saíram quase que mecanicamente dos seus lábios.

— Está certo — disse Baldock, batendo com carinho no ombro da menina. — Seja certinha! É de boa educação e isto sempre ajuda. Quando chegar à minha idade pode se dar ao luxo de dizer o que pensa...

Laura sorriu, atravessou o portão e voltou-se de repente.

— O que foi?

— Então está combinado? Somos realmente amigos?

Baldock coçou o nariz.

— Sim — respondeu, suspirando.

— Espero que não seja um grande sacrifício para o senhor.

— Eu acabo me acostumando.

— É mesmo? Eu também. Mas acho que vai ser ótimo. Adeus.

— Adeus.

Ao ver a figurinha desaparecer, Baldock murmurou entre os dentes:

— Veja só o que foi arranjar este velho idiota!

Voltou para casa e encontrou a velha Sra. Rouse.

— A menina, já foi?

— Sim.

— Não ficou muito.

— O suficiente — respondeu Baldock. — As crianças e os subalternos nunca sabem quando é hora de se retirarem. É preciso avisá-los.

— Ora veja! — sibilou a Sra. Rouse, indignada.

— Boa noite — disse Baldock, entrando —, vou para a biblioteca e não quero ser mais incomodado hoje.

— E o jantar?

— Faça o que quiser. Leve esses doces daqui, coma-os ou dê para o gato.

— Obrigada. Minha sobrinha...

— Sua sobrinha, ou o gato, seja lá quem for! — disse Baldock, batendo a porta da biblioteca.

— Ora veja! Que velho ranzinza! Só eu mesma é que aguento com ele!

Laura voltou para casa, sentindo-se importantíssima. Colocou cabeça na janela da cozinha e observou Ethel, a arrumadeira, que se debatia com um ponto complicado de crochê.

— Ethel! Eu tenho um amigo!

— Que bom, meu bem — murmurou Ethel entre dentes, contando os pontos. — Cinco lisos, duas laçadas, oito lisos...

— Eu tenho um amigo! — repetiu Laura, triunfante.

— Cinco lisos... não sei onde pulei um ponto...

— Tenho um amigo — berrou Laura, furiosa, com a falta de compreensão de sua confidente.

— Faça um bom carinho nele, meu bem.

Capítulo Três

Angela Franklyn temera voltar para casa, mas quando o carro entrou pelo portão principal, não achou tão ruim assim quanto esperava.

Ao ver o carro entrar pela alameda, Angela virou-se para o marido.

— Olhe Laura nos esperando nos degraus da escada. Ela parece muito satisfeita em nos ver!

Correndo para fora do carro, Angela abraçou a filha, apertando-a nos braços com carinho e amor.

— Laura, meu bem, que bom vê-la de novo! Você sentiu muito nossa falta?

— Não muito — respondeu Laura. — Estive tão ocupada. Fiz um tapete de ráfia para a senhora.

A lembrança de Charles percorreu a mãe — como ele se atirava em seus braços gritando: — Mamãe, mamãe!

Que dor! Por que lembrar-se? Ela tentou afastar estas lembranças e sorriu para Laura.

— Um tapete de ráfia? Que amor!

Arthur Franklyn acariciou os cabelos da filha.

Entraram na casa. O que Laura esperava, nem ela mesma sabia. Seus pais estavam de volta, alegres por vê-la, acariciando-a, fazendo perguntas. Eles não eram diferentes dos outros pais... ela sim, é quem era diferente dos outros filhos; não tinha falado ou agido como devia...

Nada se passou como ela imaginara. Não... ela não tinha ocupado o lugar de Charles. Faltava-lhe algo! Talvez amanhã fosse diferente, ou depois de amanhã, quem sabe? O centro da casa, pensou Laura, lembrando-se de repente de uma frase que lera num livro infantil.

Ela agora era o centro da casa.

Pena que ela não se sentisse assim. Nada mudara... ela era a mesma Laura!

* * *

— Baldy parece que gosta muito de Laura! — disse Angela. — Imaginem, convidá-la para um chá, enquanto estávamos fora!

Arthur disse que gostaria de saber sobre o que conversaram.

— Penso — disse Angela, depois de uma ligeira pausa —, que devemos falar com Laura, senão ela vai acabar ouvindo pelos criados ou por alguma visita. Afinal já está na idade de entender as coisas...

Angela estava deitada numa espreguiçadeira de palha, sob uma frondosa árvore.

Virou-se para o marido e encarou-o com seu ar de sofrimento que a vida e o tempo não mais poderia apagar.

— Vai ser menino — disse Arthur. — Sei que vamos ter um menino.

Angela sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não adianta sonhar.

— Mas, eu tenho certeza! — disse Arthur convicto.

Um menino como Charles, outro Charles, rindo, correndo, brincando.

Pode ser outro menino, pensou Angela, mas não será Charles!

— Se bem que, se for menina, nós também vamos ficar felizes — disse Angela, sem convicção. — Arthur, eu sei que você quer um filho!

— Sim — suspirou o marido —, eu quero um filho.

Sem saber por que, ele acrescentou, com um pouco de culpa:

— Laura é tão boa.

Angela concordou.

— É mesmo. Vamos sentir falta dela quando for para o colégio. Além do mais, eu quero que seja um menino por causa dela também — continuou Angela. — Ela poderia ficar com ciúmes se viesse uma irmãzinha... por mais absurdo que isso possa parecer.

— É mesmo!

— Mas as crianças, às vezes, e isto é natural... por isso acho que devemos falar com ela... preparar-lhe o espírito.

Por isso, Angela Franklyn foi falar com a filha.

— Que tal se você tivesse um irmãozinho? Ou uma irmã? — acrescentou, um pouco depois.

Laura olhou para ela sem entender. Estava espantada com a pergunta.

— Eu... vou ter um bebê... deve chegar em setembro... vai ser bom, não vai?

Angela sentiu-se mal quando viu Laura recuando, ficando vermelha, presa de uma emoção incompreensível. Ficou preocupada com a reação da menina.

— Será — disse Angela depois ao marido — que nós erramos? Afinal nunca falei com ela sobre... bebês etc. Será que ela não sabe?

Arthur revidou, dizendo que, dado o número astronômico de gatinhos que nasciam, na casa, era pouco provável que Laura desconhecesse os mistérios da natureza.

— Eu sei. Mas quem sabe ela ache que as pessoas sejam diferentes? Talvez tenha ficado chocada!

Foi realmente um choque para Laura, mas não tinha relação alguma com a biologia; ela simplesmente não acreditava que sua mãe fosse capaz de ter outro filho.

Para Laura, com a morte de Charles, o centro da casa passara definitivamente

para suas mãos. E agora... agora viria outro Charles, pois ela acreditava piamente que a criança seria um menino! Ficou desolada com a notícia, pensativa, debaixo de uma árvore, horas inteiras... finalmente, resolveu fazer uma visita e encaminhou-se para a casa do Sr. Baldock.

Este, rangendo os dentes e expelindo veneno, estava ocupado em redigir uma crítica sobre um livro de história, de um colega seu, recém-publicado. Olhou furioso para a porta ao ver a Sra. Rouse anunciar.

— A Senhorita Laura!

— Oh! É você? — perguntou Baldock, desconcertado ao ver a menina chegar numa hora tão imprópria. Que inferno! em feito, isto lhe serviria de lição para não se meter com crianças. Seu olhar se encontrou com o de Laura, que não parecia pedir desculpas. Era um olhar grave, preocupado, mas confiante do divino direito de estar ali, naquela hora.

Laura não murmurou sequer uma desculpa.

— Vim aqui para lhe dizer que vou ter um irmão.

— Oh! — exclamou Baldock, surpreso. — Bem... e... — balbuciou a seguir, para ganhar tempo. Laura continuou calada, impassível, olhando para ele. — Que novidade, hein? Está contente?

— Não, não estou.

— Eu acho os bebês uma chatice! — murmurou Baldock, sorrindo. — Sem dentes, sem cabelos, choramingando o dia inteiro. Só as mães acham graça neles. Se não fosse assim os coitados morreriam à míngua. Mas você vai acabar se acostumando — continuou o velho professor, num tom encorajador. — É como um cachorrinho novo para brincar.

— Charles morreu — disse Laura. — O senhor acha que meu novo irmão vai morrer também?

— Não sei por quê! — respondeu Baldock, com firmeza. — As desgraças não costumam se repetir.

— É o que diz a cozinheira.

— Charles...

Baldock olhou novamente para ela.

— Não sei por que vai ser um irmão. Pode ser uma irmã!

— Mamãe acha que vai ser um menino.

— Não se fie no que sua mãe acha! Muitas mães se enganam.

O rosto de Laura se iluminou.

— Lembro-me de Jehosaphat — disse ela —, o último nenen de Dulcibella. Acabou nascendo uma gatinha que a cozinheira chama de Josephine.

— Está vendo? — comentou Baldock. — Não sou homem de apostas, mas vou apostar que vai ser uma menina.

— Vai? — perguntou Laura, sorrindo agradecida. O sorriso tão inesperado chocou Baldock. — Obrigada. Agora vou-me embora. Espero não haver interrompido seu trabalho.

— Não tem importância. Sempre que tiver algo de importante pode vir me visitar. Sei que você não me interromperia para dizer bobagens...

— Claro que não!

Laura saiu, fechando a porta cuidadosamente. A conversa tinha-lhe animado; o Sr. Baldock era um homem muito inteligente.

Tem muito mais probabilidade de ter razão do que mamãe, pensou.

Uma irmã! Sim, isto seria mais fácil do que um irmão. Seria uma outra Laura... uma Laurinha! Sem dentes, sem cabelo e sem graça!

* * *

Ao acordar do anestésico Angela voltou seus belos olhos azuis, perguntando para a enfermeira o que os seus lábios temiam murmurar.

— Está... tudo bem?

A enfermeira sorriu com eficiência.

— A senhora é mãe de uma linda criança, Sra. Franklyn. Uma menina.

Os olhos azuis se fecharam.

Uma menina, uma menina! Uma onda de desapontamento cobriu-lhe a alma. Ela tivera tanta certeza... e no entanto lá estava a resposta: uma segunda filha.

A antiga dor voltou mais forte. Charles! Seu lindo filho, Charles!

No andar de baixo, a cozinheira conversava.

— Bem, Laura, o que acha de sua nova irmã?

— Eu sabia que ia ser uma irmã — respondeu Laura. — O Sr. Baldock me contou.

— O que um velho solteirão sabe dessas coisas?

— Ele é muito inteligente — respondeu Laura.

Angela demorou muito a se recuperar; seu marido já estava preocupado. Quando o bebê fez um mês, ele resolveu conversar com a esposa.

— Tem tanta importância assim? Ser uma menina e não um menino?

— É claro que não... só que eu tinha tanta certeza.

— Mesmo que fosse um menino não seria Charles, não é mesmo?

— É claro que não.

A enfermeira entrou no quarto com a criança.

— Vejam só quem chegou. A menina mais linda do mundo veio falar com a mãe!

Angela segurou o bebê no colo, olhando com raiva para a enfermeira.

— As besteiras que estas mulheres dizem — resmungou, assim que a enfermeira se retirou.

Arthur riu.

— Laura, meu amor, me dê uma almofada — disse Angela.

Laura pegou uma almofada e ajudou Angela a acomodar o bebê, sentindo-se segura e adulta. Era dela que sua mãe dependia.

A noite estava fria, na lareira um fogo brando crepitava. O nenen balbuciou feliz.

Angela olhou para os olhos azuis e para a boca da criança. Com surpresa viu os olhos de Charles. Charles nesta idade, ela quase havia se esquecido.

Um amor arrebatador percorreu seu ser. O seu bebê, o seu tesouro. Como pudera ser tão fria, diante de uma criança tão maravilhosa? Tão cega? Uma criança feliz como Charles.

— Meu bem, meu amor — murmurou.

Debruçou-se sobre a criança num abandono de amor e ternura. Esqueceu de Laura, que a observava e que se retirou silenciosamente. Angela, com certo sentimento de culpa, voltou-se para o marido.

— Mary Wells não pode vir para o batizado. Que tal se fizéssemos Laura de madrinha? Acho que ela iria ficar satisfeita!

Capítulo Quatro

— Gostou do batizado? — perguntou o Sr. Baldock.

— Não — respondeu Laura.

— A igreja devia estar fria — disse Baldock. — Só se salva a fachada normanda de mármore.

Laura não ficou impressionada com esta informação; estava preocupada com outras coisas.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Sr. Baldock?

— Claro.

— É pecado rezar pedindo para alguém morrer?

O Sr. Baldock olhou de soslaio.

— Acho que seria uma interferência imperdoável.

— Interferência?

— O Todo-Poderoso é quem manda, não é? Para que se meter nos assuntos d'Ele? O que você tem a ver com isso?

— Não acho que Ele vai se importar muito. Afinal, depois que uma criança é batizada, se ela morre, vai para o Céu.

— Acho que vai.

— Deus gosta das crianças, segundo a Bíblia. Logo vai recebê-la bem.

O Sr. Baldock deu uma volta pela sala. Sentia-se nervoso, mas não quis demonstrar.

— Ouça, Laura — disse, finalmente. — Você deve ocupar-se dos seus assuntos.

— Mas isto é meu assunto.

— Não, não é. Seu único assunto é você mesma. Reze o que quiser em relação a você; reze para ter orelhas azuis, uma tiara de brilhantes, ou para ganhar um concurso de beleza. O pior que pode acontecer é ver realizado seu sonho.

Laura olhou para Baldock sem entender.

— Sei do que estou falando — enfatizou o professor.

Laura agradeceu e disse que precisava voltar para casa. Ao passar pela igreja hesitou. Lembrou-se das conversas de uma faxineira católica que fazia serviços em sua casa. Um dia, conversando com a cozinheira, que era muito religiosa, elas falaram sobre uma mulher escarlate. Agora, quem e o que era esta mulher escarlate, Laura não sabia.

Somente tinha uma vaga idéia de associá-la com a Babilônia.

Naquele momento lembrou-se da conversa de Molly, que rezava por uma intenção acendendo uma vela ou coisa parecida. Laura hesitou, deu um suspiro,

olhou para a rua e entrou na igreja.

Era uma igreja pequena e escura e não cheirava bem como a paróquia aonde iam todos os domingos. Nem sinal da mulher escarlate, mas sim uma imagem de uma senhora de capa azul, segurando um candelabro com algumas velas acesas. Ao lado, algumas velas novas numa caixa coletora.

Laura hesitou novamente. Suas noções teológicas eram limitadas e confusas.

Deus, ela sabia, tinha obrigação de amá-lo porque era Deus. O Diabo, de chifres e rabo, era especialista em tentar as pessoas. A mulher de escarlate ficava num plano intermediário. Olhando para a imagem da Senhora de Capa Azul, Laura concluiu que poderia tratar com ela o problema das intenções.

Deu um longo suspiro e puxou do bolso algumas moedas. Depositou algumas na caixa e apanhou uma vela, colocando-a no candelabro, e em seguida falou baixinho com a imagem:

— Esta é minha intenção. Por favor, deixe o bebê ir para o Céu. O mais depressa possível — acrescentou.

Ficou parada diante da imagem por alguns momentos. As velas queimavam, e a Senhora de Capa Azul continuava impassível e bondosa. Laura sentiu uma sensação de vazio, suspirou profundamente e foi para casa.

No terraço encontrou o bebê deitado no seu carrinho; aproximou-se e examinou a criança adormecida. Enquanto olhava, a cabecinha se mexeu e dois olhos azuis encararam Laura.

— Você vai para o Céu logo — disse Laura, baixinho, para a irmã. — Lá é maravilhoso — insistiu, num tom encorajador. — Cheio de pedras preciosas e de ouro... e harpas — acrescentou num tom convincente. — Muitos anjos com asas de pena. Muito melhor do que aqui!

Laura pensou por alguns instantes.

— Você vai encontrar-se com Charles. Não é maravilhoso? Imagine encontrar Charles.

Angela apareceu na porta.

— Alô, Laura. Está conversando com o bebê? — perguntou, debruçando-se sobre o carrinho. — Alô, meu bem. Já está acordada?

Arthur Franklyn entrou em seguida.

— Por que as mulheres têm mania de falar bobagens com os bebês? Não é mesmo, Laura? Você não acha estranho?

— Eu não acho que seja bobagem — disse Laura.

Arthur surpreendeu-se com a resposta.

Que menina estranha, pensou. Como era difícil saber o que se passava na sua cabeça.

— Preciso comprar um cortinado ou uma gaze — disse Angela —, para

colocar em cima do carrinho. Tenho medo de que um gato dê um pulo e asfixie a menina.

Temos tantos gatos em casa.

— Ora.— disse o marido. — Outra grande bobagem. Não acredito que um gato asfixie uma criança.

— Mas, é verdade Arthur. Eu já li sobre isto nos jornais.

— Não é possível.

— De qualquer maneira vou comprar um cortinado e avisar a babá para ficar de olho, quando colocar a menina no terraço. Pena que a velha ama tivesse que ir visitar a irmã doente; não tenho a menor confiança nesta nova babá...

— Ora, por quê? Ela parece muito boa. Adora o bebê, tem ótimas referências...

— Eu sei. Ela “parece” ótima. Mas... nas referências existe um espaço em branco de um ano...

— Foi quando ela esteve cuidando da mãe doente.

— É o que todas dizem e é impossível a gente verificar. Pode ser uma desculpa para esconder alguma outra falta...

— Alguma complicação amorosa?

Angela olhou para o marido apreensiva, avisando-o com o olhar da presença de Laura.

— Cuidado, Arthur. Não, não foi isso que quis dizer.

— O que foi então, querida?

— Não sei bem — respondeu Angela, vagarosamente. — É que quando estou com ela sinto que existe algo que ela não quer revelar...

— Quem sabe se a polícia está atrás dela?

— Arthur! Que brincadeira de mau gosto!

Laura afastou-se silenciosamente. Como era inteligente, sentiu que devia deixar os pais a sós, conversando à vontade, sobre a babá; aliás, o assunto não lhe interessava em absoluto. Afinal, a babá era uma moça pálida, suave e simpática, que não tomava o menor conhecimento da existência de Laura.

E ela precisava de sossego para se concentrar na Senhora de Capa Azul.

* * *

— Venha Josephine — disse Laura zangada.

Josephine, ex-Jehoshaphat, embora não resistisse ativamente, mostrava todos os indícios de resistência passiva. Tirada de um delicioso sono, tinha sido carregada, por Laura, até o terraço.

— Pronto — disse Laura, colocando Josephine no chão, perto do carrinho do

bebê.

Laura encaminhou-se para o gramado, indo até a limeira.

Josephine, sacudindo o rabo vagarosamente, lembrando-se indignada do sono interrompido, começou a lavar o estômago, esticando a pata traseira. Assim que terminou esta parte da toalete, bocejou e deu um olhar em volta. Começou a lavar desinteressadamente as costas, mudou de idéia, bocejou novamente e, por fim, resolveu retirar-se para os fundos da casa.

Laura seguiu-a, apanhou-a com determinação e colocou-a de volta no terraço; Josephine olhou para a dona furiosa, sacudindo o rabo. Assim que Laura voltou para a árvore, Josephine levantou-se, bocejou, espreguiçou-se e partiu. Novamente Laura trouxe-a de volta.

— Está quente aqui, Josephine!

Era óbvio que Josephine não concordava; estava furiosa, sacudindo o rabo e retesando as orelhas.

— Alô, Laura.

Laura voltou-se espantada. O Sr. Baldock estava atrás dela, sem que tivesse sido notado. Josephine aproveitando-se da distração momentânea de Laura, correu para uma árvore e encarapitou-se num galho, bem alto, apreciando a cena com seus olhos maliciosos.

— É uma das vantagens que os gatos têm sobre os seres humanos — disse Baldock. — Quando querem escapar dos homens sobem nas árvores. Nós, por exemplo, se quisermos escapar de alguém, temos que nos fechar no banheiro.

Laura chocou-se com a comparação. Banheiro era uma palavra que entrava na categoria das coisas que a antiga ama considerava imprópria para mocinhas.

— Mas temos que sair dele — continuava Baldock — quanto não fosse para deixar outras pessoas entrarem. Este seu gato pelo jeito vai passar algumas horas em cima desta árvore!

Imediatamente, Josephine demonstrou que os gatos são guiados por outra lógica, pois desceu da árvore correndo e veio se enroscar nas calças do Sr. Baldock.

Era isto que eu queria, parecia dizer Josephine.

— Alô, Baldy — disse Angela, aparecendo pelo terraço. — Veio cumprimentar a herdeira? Ah! meu Deus, estes gatos! Laura, meu bem, leve Josephine lá para dentro.

Coloque-a na cozinha. Eu estou para arranjar um mosqueteiro para proteger o berço, mas ainda não tive tempo. Arthur caçoa de mim, mas já ouvi falar de gatos que pulam e adormecem no colo dos bebês e acabam asfixiando-os. Não quero gatos aqui no terraço.

O Sr. Baldock acompanhou, com o olhar, Laura que se retirava com o gato.

Depois do almoço, Arthur Franklyn levou o amigo para a biblioteca.

— Tenho um artigo aqui...

O Sr. Baldock interrompeu-o, sem a menor cerimônia, como era seu costume.

— Espere um pouco... preciso falar com você. Por que não manda a menina para a escola?

— Laura? Mas é o que vamos fazer. Depois do Natal, é claro, quando ela estiver com onze anos...

— Não devem esperar até lá. Mande-a já!

— No meio do ano? Além do mais a Srta. Weekes...

O Sr. Baldock deu sua opinião, entre os dentes, sobre a Srta. Weekes.

— Laura não precisa ser instruída por uma solteirona frustrada, cheia de idéias revolucionárias. O que ela precisa é o convívio de outras crianças, outras ocupações.

Senão vai ocorrer uma tragédia.

— Tragédia? Como assim?

— Dois meninos, há pouco tempo, arrancaram a irmãzinha o berço e a atiraram no rio porque achavam que a criança estava dando muito trabalho à mãe. Pelo menos elas acreditavam nisso!

Arthur Franklyn limitou-se a olhar para Baldock.

— Por ciúmes? — perguntou, por fim.

— Meu caro Baldy, Laura não é nem jamais foi uma criança ciumenta.

— Como sabe? O ciúme corrói por dentro.

— Ela nunca demonstrou ciúmes. É uma menina doce, sem grande temperamento, gentil... pelo menos, eu acho.

— Você acha — resmungou Baldock. — Nem você nem Angela têm a menor idéia do que se passa com Laura.

Arthur Franklyn sorriu confiante, pois estava acostumado aos exageros de Baldock.

— Vamos ficar de olho nela, se é isso que o está preocupando. Vou falar com Angela, preveni-la para não fazer muita festa na pequena e dar mais atenção a Laura.

Isto será o suficiente. Aliás, sempre quis saber o que você viu em Laura.

— Ela promete ser uma personalidade muito interessante, pelo menos na minha opinião — disse Baldock.

— Vou falar com Angela... sei que ela vai achar graça.

Mas Angela, para surpresa do marido, não achou graça.

— Acho que ele tem certa razão. Os psicólogos concordam que é normal uma criança ter ciúmes do irmão. É claro que Laura não demonstra nada, sempre tão calma...

além do mais não parece estar tão ligada comigo... vou procurar demonstrar que estou ligada a ela...

Por isso, uma semana depois, quando iam passar o fim de semana fora, visitando uns amigos, Angela recorreu a Laura.

— Você vai tomar conta do bebê, não vai? Pelo menos enquanto estivermos fora. Sinto-me segura, sabendo que você está aqui para olhar por tudo. A nova babá ainda não tem muita experiência...

Laura ficou satisfeita com a recomendação da mãe. Sentiu-se importante, adulta.

Seu rosto brilhou com a nova responsabilidade.

Infelizmente, logo depois, ouviu uma conversa entre Ethel e a nova babá que destruiu a recomendação da mãe.

— Que criança linda, não é? — perguntou Ethel, apontando para o bebê. — Que gracinha! É estranho Laura ser tão sem graça... não me admira que os pais sempre tenham preferido Charles e agora esta pequerrucha. Laura é muito boazinha mas tão feiosa...

Aquela noite, Laura ajoelhou-se à beira da cama.

A Senhora da Capa Azul não tinha tomado conhecimento da intenção. Laura precisava recorrer a uma instância superior.

— Por favor, Deus, mate o bebê depressa e mande-o para o Céu!

Deitou-se em seguida, o coração batendo, sentindo-se cuida e má. Havia cometido o que o Sr. Baldock dissera que não devia fazer. Desobedecera um homem muito inteligente... Quanto à vela que acendera à Senhora da Capa Azul, Laura não se sentia culpada.

Talvez porque achasse que sua prece não seria atendida. Também não tinha importância colocar Josephine no terraço; ela nunca colocaria o gato dentro do carrinho, pois sabia que isto era errado e criminoso. Mas e se Josephine por conta própria tivesse...?

Hoje, contudo, ela cruzara o Rubicão. Deus era Todo- Poderoso...

Arrepiada de frio, Laura finalmente adormeceu.

Capítulo Cinco

Angela e Arthur Franklyn haviam saído. Gwyneth Jones, a nova babá, colocou o bebê na cama, sentindo, àquela noite, uma estranha sensação. Ultimamente, vinha tendo uns pressentimentos...

— Estou imaginando coisas — murmurou baixinho. — Fantasias idiotas!

O médico havia-lhe garantido que não teria outro ataque. Quando era criança tivera várias convulsões que pararam com a adolescência até aquele dia terrível...

Convulsões infantis, dissera uma tia. Mas o médico usou outro nome e disse claramente como se chamava a doença. Além disso, recomendara firmemente que ela não deveria se empregar como babá para não pôr em perigo a vida de uma criança.

Ela havia gasto muito dinheiro para se tornar uma ama competente. Era sua profissão — o que ela sabia fazer — toda a sua vida. Tinha diplomas, adorava cuidar de crianças e além do mais era uma profissão rendosa. Já se passara um ano e ela não sentira coisa alguma; era besteira do médico assustá-la daquela maneira.

Resolveu escrever para a agência, uma outra agência, e conseguiu um novo emprego naquela casa, tomando conta de uma criança adorável. Colocou o bebê na cama e desceu para o jantar.

Vou esquentar um pouco de leite, pensou. Talvez isso me acalme.

Acendeu a espiriteira e colocou-a perto da janela.

Não houve aviso algum. Ela caiu como uma pedra no chão, contorcendo-se em convulsões. A espiriteira voou para o lado e a chama correu pelo tapete até incendiar a cortina de musseline.

* * *

Laura acordou sobressaltada.

Tivera um pesadelo — embora não pudesse lembrar-se dos detalhes: alguma coisa que a perseguia, mas agora estava tudo bem, ela estava em casa na sua cama.

Acendeu a luz do abajur, à beira da cama, e olhou para o relógio. Doze horas. Meia-noite.

Sentou-se na cama, relutando em apagar a luz novamente.

Ouviu um barulho estranho... estalos!

Deviam ser ladrões, pensou Laura, que como todas as crianças, vivia apavorada com medo de assaltos. Saltou da cama e abriu uma fresta da porta. Olhou para o corredor, tudo quieto e escuro.

Sentiu um estranho cheiro de fumaça. Aspirou profundamente dirigindo-se para o hall e abrindo a porta de comunicação que dava para o quarto dos empregados. Nada.

Foi para o outro lado do corredor que dava para o quarto e para o banheiro da irmã.

Recuou apavorada. Uma grande espiral de fumaça envolveu-a.

— Fogo! A casa está pegando fogo.

Laura gritou, correndo para o quarto dos empregados.

— Fogo! A casa está pegando fogo.

Não conseguiu lembrar-se mais tarde do que aconteceu. A cozinheira e Ethel descendo as escadas para telefonar. A cozinheira abrindo a porta de comunicação mas não conseguindo entrar por causa da fumaça.

— Não se preocupe — murmurou a cozinheira, tentando consolá-la. — Os bombeiros vêm vindo... vão retirá-las pela janela... não se preocupe.

Mas Laura sabia que tinha que se preocupar. Estava apavorada com a idéia de que sua prece tinha sido atendida. Deus agira com prontidão e com indescritível horror!

Era a maneira d'Ele, a terrível maneira d'Ele de levar o bebê para o Céu.

A cozinheira levou Laura para baixo.

— Vamos Laura, não podemos ficar aqui. Precisamos sair desta casa.

Mas a ama e o bebê não podiam sair; estavam presos na casa.

A cozinheira correu escada abaixo, empurrando Laura. Quando passaram pela entrada, onde iam se encontrar com Ethel, a cozinheira soltou a mão de Laura e esta imediatamente voltou e correu para o andar superior.

Abriu a porta de comunicação e ouviu no meio da fumaceira um choro de criança. Algo vibrou dentro de Laura: um calor, uma paixão: era uma emoção incalculável... era o amor.

Pensou com frieza e calma. Havia lido ou alguém lhe tinha dito que quando se quer salvar alguém de um incêndio, deve-se molhar uma toalha e prendê-la na boca.

Laura correu para o quarto, molhou uma toalha numa bacia de água, enrolou o pano no pescoço e mergulhou na fumaça. As labaredas devoravam a passagem, engolindo as madeiras do forro que tombavam num estrépito.

Onde um adulto hesitaria passar, Laura, com o destemor natural de criança, atravessou, determinada a salvar o bebê. Não podia abandonar o bebê; passou pelo corpo desmaiado da babá, sem saber o que era. Tossindo, já quase sem fôlego, chegou até o berço. O mosqueteiro havia protegido a criança da fumaça. Laura agarrou o bebê, envolvendo-o na toalha molhada, tropeçando de volta para a saída quase sem ar. Mas não podia mais voltar; as chamas obstruíam o

caminho.

Laura não perdeu a calma. Lembrou-se da porta para a lavanderia; encontrou-a e subiu pelas escalas de madeira. Ela e Charles haviam brincado tantas vezes no forro da casa. Se, ao menos, ela pudesse chegar até o telhado!

Os bombeiros chegaram e duas mulheres gritavam ao mesmo tempo.

— O bebê, o bebê e a ama estão naquele quarto!

O bombeiro apertou os lábios. Aquela parte da casa estava em chamas.

Não dá mais, pensou. Nunca conseguirei tirá-los com vida.

— Todos os outros já saíram? — quis saber.

— Onde está Laura? — perguntou a cozinheira, olhando em volta. — Ela saiu comigo. Onde será que se meteu?

— Ei, Joe — gritou um bombeiro, nesse momento. — Tem alguém no telhado, do outro lado. Traga a escada.

Um pouco depois desceram a carga — e a depositaram no gramado com cuidado. Laura, irreconhecível, coberta de fuligem, com os braços escoriados, semiconsciente, mas segurando firmemente nos braços um pequeno embrulho, que aos gritos proclamava estar são e salvo.

* * *

— Se não fosse por Laura — Angela calou-se, tentando controlar suas emoções.

— Descobrimos toda a verdade sobre a babá. Era epiléptica e contrariou as ordens médicas, empregando-se como ama. Deve ter deixado cair a espiriteira quando teve o ataque. Sempre desconfiei dela, mas não podia saber por quê!

— Coitada, pagou caro por isso — comentou Arthur.

Angela, indômita no seu amor maternal, recusou-se a ter pena de Gwyneth Jones.

— E o bebê teria morrido queimado se não fosse por Laura.

— E Laura está bem? — perguntou Baldock.

— Sim, foi só o choque, eu acho. Os braços ficaram um pouco queimados. O médico disse que ela vai ficar boa.

— Que bom — comentou o Sr. Baldock.

— E você, insinuando que ela estivesse com ciúmes do bebê a ponto de cometer uma loucura! Vocês solteirões são incorrigíveis.

— Está bem, está bem — disse Baldock. — Mas não costumo me enganar. Graças a Deus eu não estava com a razão desta vez.

— Vá dar uma olhada nelas!

O Sr. Baldock obedeceu. O bebê estava deitado num tapete, em frente à

lareira, dando uns pontapés no ar, e murmurando uns sons ininteligíveis. Ao seu lado, estava Laura, com os braços envoltos em gaze; havia perdido os cílios, o que dava ao seu rosto um ar infinitamente cômico; enquanto brincava com uns anéis coloridos, atraindo a atenção da irmãzinha. Voltou-se para o Sr. Baldock.

— Alô, Laura — disse o Sr. Baldock. — Como vai? Ouvi dizer que você é uma heroína. Que grande salvamento!

Laura olhou paira Baldock e silenciosamente continuou seu jogo.

— Como vão seus braços?

— Doeram muito, mas agora eles botaram um remédio e não sinto nada.

— Você é estranha — disse o Sr. Baldock, acomodando-se numa poltrona. — Um dia deseja que o gato asfixie sua irmã... sei que desejou... não adianta tentar me enganar... e no dia seguinte está engatinhando pelo forro da Casa, salvando a criança, pondo em perigo sua própria vida.

— De qualquer maneira ela está salva — disse Laura. — Está ilesa, completamente ilesa. Nunca vou deixar que aconteça coisa alguma com ela. Nunca — disse, debruçando-se sobre a criança. — Vou protegê-la a vida inteira.

O Sr. Baldock ergueu a sobrancelha.

— Agora é amor? Você gosta dela, não é?

Laura voltou-se para o Sr. Baldock, que parecia espantado ao ver a transformação no rosto de Laura, radiante de emoção; apesar do ar grotesco por falta dos cílios e das sobrancelhas, a emoção tornava a menina bonita.

— Compreendo — disse o Sr. Baldock —, compreendo... e agora como vai ser?

Laura pareceu espantada e apreensiva com a pergunta.

— Não está certo? Não posso amá-la?

Baldock olhou para a menina pensativo.

— Está certo para você, Laura, para você.

Ele voltou-se para seus pensamentos, batendo com a mão no queixo. Como historiador, sempre se preocupara com o passado, mas havia momentos em que a incapacidade de prever o futuro, como agora, o irritava profundamente.

Olhou para Laura e para a sorridente Shirley, franzindo o cenho.

Onde estarão daqui a dez, vinte ou vinte e cinco anos? pensou. Onde estarei eu?

A resposta lhe veio imediatamente.

— Debaixo da terra — murmurou, para si mesmo. — Debaixo da terra.

Ele sabia disso, mas como qualquer outra pessoa cheia de vitalidade achava-se imortal. Que entidade negra e misteriosa era o futuro? Que aconteceria em vinte anos?

Outra guerra, talvez (não era provável)? Novas doenças? Ou será que as

pessoas possuiriam aparelhos em volta do corpo que as permitissem voar, como uns anjos hereges? Viagens a Marte? Alimentação em pílulas, em vez de suculentos bifes ou legumes?

— Em que está pensando? — perguntou Laura.

— No futuro.

— Amanhã?

— Mais longe do que isso. Você já sabe ler, Laura?

— Claro — respondeu Laura, indignada. — Já li vários livros infantis...

— Não precisa entrar em detalhes — disse o Sr. Baldock. — Como você costuma ler um livro? Começa do princípio e vai até o fim?

— Sim, e o senhor?

— Não, eu dou uma olhada no começo, percebo do que se trata e passo para o fim para ver a que conclusão o autor chegou. Depois volto para o meio para ver como ele conseguiu chegar àquelas conclusões. É muito mais interessante.

Laura olhou com interesse, mas desaprovando o método.

— Acho que o autor não gosta de ser lido dessa maneira.

— Claro que não.

— Acho que devemos ler como o autor escreveu! — insistiu Laura.

— Ah! — exclamou o Sr. Baldock —, mas você está esquecendo um detalhe. O

leitor! Ele também tem seus direitos. O autor escreve o livro como quer, faz o que bem entende, troca pontuação... mexe no sentido como bem entende... enquanto o leitor lê o livro como quer ler. E o autor não tem nada com isso.

— Parece que o senhor está descrevendo uma batalha — comentou Laura.

— Gosto de batalhas — disse Baldock. — Para dizer a verdade vivemos escravizados pelo Tempo. A sequência cronológica não tem significação alguma se considerarmos a Eternidade. Podemos pular pelo Tempo como desejamos, pois ninguém toma conhecimento da Eternidade.

Laura desinteressou-se pela Eternidade. Estava preocupada com Shirley. Ao ver o ar de dedicação de Laura para com a irmã, o Sr. Baldock sentiu-se novamente ligeiramente apreensivo.

Parte II
SHIRLEY - 1946

Capítulo Um

Shirley caminhou rapidamente pela alameda, balançando a cesta com os sapatos pendurados pelos cordões; sorria e estava quase sem fôlego. Precisava andar depressa, pois estava atrasada para o jantar. Na verdade, não deveria ter jogado aquela última partida de tênis. Aliás tinha sido uma péssima partida. Pam correndo como um coelho, de um lado para outro, tendo como parceiro Gordon... não eram adversários para ela e nem para... como era mesmo o nome daquele rapaz? Henry! Mas, Henry de quê? — pensou ela.

Ao pensar em Henry, Shirley diminuiu o passo. Era uma novidade para ela aquele rapaz; não se parecia com os homens que conhecia; não era como Robin, o filho do pastor, que era educado, simpático, a adorava, e tinha uns modos tão bonitos; além do mais ia se tornar uma raridade intelectual, estava de partida para a Universidade onde ia estudar línguas orientais. Shirley lembrou-se também de Peter — tão jovem e impulsivo; de Edward Westbury que era bem mais velho que os outros, trabalhava num banco e dedicava-se à política. Mas eram todos homens de Bellbury enquanto Henry era um estranho que viera para lá visitar uma tia. Com ele, Shirley sentia-se livre e despreocupada, pensou, saboreando o último adjetivo. Era uma qualidade que ela apreciava.

Em Bellbury não havia despreocupação, pois as pessoas viviam emaranhadas na vida dos outros; havia solidariedade demais, raízes, compromissos, para que uma pessoa pudesse se sentir livre. Shirley sentia-se confusa com estes pensamentos, pois eles expressavam exatamente o que sentia na realidade.

Henry não pertencia a coisa alguma, a não ser remotamente a uma tia, que nem deveria ser carnal e sim por afinidade.

— Ridículo, é claro — pensou Shirley —, pois afinal ele deve ter pai e mãe como todo o mundo. Mas, no entanto, ela gostaria de fantasiar que os pais dele tinham morrido em alguma remota parte do mundo, deixando-o órfão. Ou quem sabe a mãe dele fosse uma daquelas mulheres que viviam na Riviera, colecionando maridos?

— Bobagem! — exclamou Shirley, baixinho. — Eu não sei coisa alguma sobre ele, nem mesmo seu sobrenome... não sei quem o levou ao clube.

Uma atitude típica de um homem como Henry, pensou Shirley, aparecer nos lugares desta maneira — difuso, sem pertencer — e ir embora sem as pessoas

saberem seu sobrenome ou de quem, afinal das contas, ele era sobrinho. Era apenas um rapaz jovem, atraente, com um belo sorriso, que jogava tênis muito bem. Shirley gostou da maneira como ele decidiu, quando Mary Coofton perguntou: — Como vamos jogar? — Eu e Shirley contra vocês dois, respondeu ele. sacudindo a raquete. Ele, concluiu Shirley, faz sempre o que quer.

— Vai ficar muito tempo por aqui? — perguntou Shirley, curiosa.

— Não creio — respondeu Henry com um ar vago.

Também não fez o menor esforço para tornar a vê-la, o que a desagradou bastante. No fundo ela gostaria de revê-lo!

Olhou para o relógio e apressou o passo, ia chegar tão tarde! Sabia que Laura não se importaria, aliás Laura não se importava com coisa alguma, era um verdadeiro anjo. Viu a casa ao longe, banhada de luz com sua fachada georgiana, ligeiramente irregular devido ao incêndio que destruíra uma ala.

Shirley diminuiu o passo. Não queria voltar para casa, entrar naquela atmosfera confortável, onde os últimos raios de sol se filtravam pelas janelas laterais, indo descansar nos móveis; Laura com seu sorriso bondoso e olhar protetor, e Ethel pondo a mesa. Amor, proteção, lar... as coisas mais caras e preciosas do mundo, não era mesmo?

No entanto, foram legadas a ela, sem o menor esforço, sem que ela tivesse pedido.

Estranho, não é mesmo? — pensou Shirley. Como me sinto oprimida pelo conforto. Por que será?

Era exatamente isto que estava sentindo. Pressionada — uma pressão definida e contínua. Como o peso da mochila quando fazia excursões. No começo tinha sido imperceptível, mas aos poucos, insidiosamente, aquele peso nos ombros, impedindo-a de mover-se, foi se fazendo sentir. Um fardo...

— Eu realmente tenho muita imaginação — concluiu, correndo para casa.

O hall estava semi-iluminado. No andar de cima a voz de Laura, suave e ligeiramente rouca.

— É você, Shirley?

— Sim, desculpe o atraso, Laura.

— Não tem a menor importância. Temos macarrão ao *gratin*, que Ethel colocou no forno.

Laura Franklyn apareceu no alto da escada, uma moça frágil, com um rosto descolorido e profundos olhos castanhos que davam ao seu semblante um olhar trágico.

— Divertiu-se? — perguntou sorrindo, encaminhando-se para Shirley.

— Muito — respondeu Shirley.

— Boa partida?

— Mais ou menos.

— Alguém de fora no clube? Ou só o pessoal de Bellbury?

— O pessoal daqui mesmo.

Engraçado que sempre que fazem perguntas a gente não quer responder. Afinal o que custava dizer a verdade; e nada mais natural do que Laura perguntar se tinha se divertido.

Quando as pessoas gostam da gente querem saber de tudo...

Será que faziam estas perguntas a Henry? Shirley tentou imaginar Henry em casa, mas não conseguiu. Parecia impossível imaginá-lo numa casa... e mesmo assim ele devia ter uma casa!

Um quadro nebuloso formou-se em sua mente. Henry entrando numa sala onde a mãe, uma loura platinada, recém-chegada do Sul da França, pintava os lábios de vermelho vivo.

— Alô, mamãe, já de volta?

— Sim. E você, esteve jogando tênis?

— Sim.

Nenhuma curiosidade, quase nenhum interesse. Henry e a mãe quase indiferentes em relação ao outro.

— O que você está pensando, Shirley? — perguntou Laura, curiosa. — Está falando sozinha?

Shirley riu.

— Estava fazendo uma conversa imaginária.

Laura levantou as sobrancelhas delicadamente.

— Você parecia muito contente.

— No fundo, era uma grande bobagem.

A boa Ethel apareceu na porta da sala de jantar.

— O jantar está servido.

— Preciso me lavar — gritou Shirley, correndo escada acima.

Depois do jantar, quando se sentaram na sala de visitas para o café, Laura resolveu abandonar um assunto que a preocupava.

— Chegaram os prospectos da escola de secretariado Santa Catarina. Ouvi dizer que é uma das melhores. Que acha, Shirley?

Como resposta Shirley fez uma careta.

— Aprender taquigrafia e datilografia e arranjar um emprego?

— Por que não?

Shirley suspirou e em seguida deu uma risada.

— Por que eu sou preguiçosa. Prefiro ficar em casa, sem fazer coisa alguma.

Meu amor, eu já estive na escola anos a fio, será que não posso descansar um pouco?

— Eu gostaria de que você se interessasse por alguma coisa — protestou Laura, franzindo o cenho.

— Sou um fracasso — disse Shirley; — só quero ficar em casa, imaginando as mesadas que vou receber...

Laura não respondeu; parecia preocupada.

— Se fizer um curso nesta escola vai precisar morar em Londres. Poderia pagar uma mensalidade e ficar com a prima Angela...

— Com ela não, pelo amor de Deus!

— Então com outra família qualquer. Numa pensão talvez? Mais tarde alugaria um quarto ou um apartamento com uma amiga...

— Por que não posso alugar um apartamento com você? — perguntou Shirley.

— Por que eu vou ficar aqui.

— Ficar? Não vai para Londres comigo? — perguntou Shirley incrédula e indignada.

— Não quero prejudicá-la, meu bem.

— Como, me prejudicar?

— Tornando-me possessiva demais.

— Como uma mãe que come os filhos? Laura, você não é possessiva!

— Espero que não — disse Laura, em tom de dúvida. — No fundo a gente se conhece tão pouco...

— Não creio que você deva se preocupar com isso... você não é o tipo dominador... pelo menos comigo. Não me manda fazer isto ou aquilo e nem procura dirigir minha vida.

— Mas é exatamente isto que eu estou fazendo! Mandando você para uma escola de secretariado em Londres que não está lhe interessando de modo algum.

As duas irmãs começaram a rir.

* * *

Laura endireitou as costas e esticou os braços.

— Quatro dúzias — disse.

Ela estava contando os molhos de ervilhas-de-cheiro.

— Vamos conseguir um bom preço por ela no Trendle — continuou Laura. — As ervilhas foram um sucesso o ano passado, Horden.

Horden, um homenzinho sujo e triste, resmungou sua concordância.

— Não estão mais este ano!

Era um homem certo da sua posição, um jardineiro aposentado que conhecia a profissão e quanto valiam todos aqueles anos de trabalho. Todos o chamavam para trabalhar, mas Laura, por perseverança o tinha contratado, embora a Sra.

Kindle, cujo marido tinha enriquecido com armamentos, tivesse oferecido um salário bem mais alto.

Horden, no entanto, tinha preferido trabalhar com Laura, pois conhecera seus pais, um casal muito distinto. Lembrava-se de Laura quando ainda era bem pequena, mas estas não seriam razões suficientemente fortes para prendê-lo; a verdade é que ele gostava de trabalhar para Laura, que não lhe dava folga, mas que, ao mesmo tempo, não abusava dele; sabia apreciar um serviço bem feito, elogiar e admirar quando merecia. Ao mesmo tempo não fazia economia de bebida, nem do chá com açúcar que andava racionado.

Hoje em dia, não era todo mundo que servia chá com tanta generosidade. Ela também não se importava de ajudá-lo, adubando a terra e pegando na enxada. Laura tinha sempre idéias novas — sempre de olho no futuro — planejando aqui e ali. Sempre atenta às novas técnicas. Aqueles novos canteiros da horta, por exemplo, se não fosse o entusiasmo dela, ele não teria tentado e no entanto, veja que surpresa com os tomates!

— Cinco horas — disse Laura, olhando para o relógio. — Já adiantamos bem o serviço.

Ela olhou em volta para os vasos e latas cheias de plantas que no dia seguinte seriam levadas para a florista e para o verdureiro.

— Dão um bom preço estes vegetais — disse Horden, satisfeito. — Quem diria!

— Mesmo assim, acho que devemos nos dedicar mais às flores. Há anos que não temos tido flores e todo o mundo está plantando legumes.

— É, as coisas mudaram muito. No tempo dos seus pais não se pensava em plantar para vender no mercado. Lembro-me daqui quando tudo parecia um quadro e o Sr. Webster era o chefe do jardim. Tudo acabou com aquele incêndio! Me admira que não tenha destruído a casa!

Laura assentiu com a cabeça e tirou o avental de borracha. As palavras de Horden tinham trazido de volta o passado... “antes do incêndio...” O incêndio tinha sido o ponto crucial de sua vida. Antes, ela era uma figura vaga

— uma criança ciumenta e infeliz, carente de amor e atenção.

Na noite do incêndio, surgira a nova Laura, cuja vida se tornara repentinamente cheia. Do momento em que tinha lutado contra a fumaça e as chamas, carregando Shirley no colo, a sua existência tinha adquirido um novo significado — tomar conta de Shirley.

Ela salvara a irmã da morte, Shirley lhe pertencia. Naquele instante duas figuras preeminentes recolheram-se às sombras: os pais. A necessidade que sentira deles, até então, diminuiu e apagou-se. Talvez ela nunca os tivesse amado, mas sim cobiçado. O

amor ela só sentira realmente pela pequena entidade de carne chamada Shirley, que preenchera todas as lacunas e todas as necessidades. Laura não se importou mais consigo mesma; seu único interesse passou a ser Shirley.

Passou a tomar conta da irmã, protegê-la, cuidar para que os gatos não a arranhassem; acordava no meio da noite para se certificar de que a casa não estava pegando fogo; levava e trazia brinquedos, brincava com o bebê quando estava alegre, cuidava dele se estava doente.

Uma criança de onze anos não podia prever o futuro: os pais saíram de férias e quando voltavam o avião explodiu nos ares...

Nesta época Laura tinha quatorze anos e Shirley três. Elas não tinham parentes próximos, a não ser a prima Angela, portanto; e foi Laura quem tomou todas as decisões, medindo as consequências, formulando hipóteses e apresentando os problemas com decisão indômita ao testamento (um velho advogado) e ao curador (o Sr. Baldock).

Laura quis sair da escola, viver em casa, e uma excelente ama foi contratada para tomar conta de Shirley. A Srta. Weekes veio morar com elas, cuidando da educação de Laura e tomando certas providências em casa.

Como era uma ótima solução, prática e viável, só encontrou uma fraca oposição em Baldock que não gostava dos métodos da Srta. Weekes e que temia que ela transformasse Laura numa esnobe. Mas Laura não tinha dúvidas a respeito da Srta.

Weekes, pois sabia que a professora não iria mandar na casa. A pobre Srta. Weekes era uma mulher intelectual, que adorava a matemática; não se interessava portanto por economia doméstica.

O plano funcionara perfeitamente: Laura teve uma excelente educação, a Srta.

Weekes pôde usufruir de certas vantagens econômicas e qualquer dificuldade acadêmica foi facilmente contornada por Laura para evitar que o Sr. Baldock entrasse em conflito com a boa professora. As maiores decisões, como a escolha de novos empregados, a ida de Shirley para o jardim-de-infância e depois para um colégio de freiras, embora parecessem ser tomadas pela Srta. Weekes representavam a vontade de Laura. A atmosfera da casa era portanto harmoniosa. Anos depois, Shirley foi mandada para um ginásio, nesta altura Laura só tinha vinte e dois anos.

Um ano após estourou a guerra e a rotina foi interrompida. A escola de Shirley foi transferida, por questões de segurança, a Srta. Weekes foi para Londres trabalhar num Ministério. A casa foi requisitada pelo Ministério da Aviação para alojar os oficiais; Laura transferiu-se para a casa do jardineiro e empregou-se como fazendeira numa propriedade vizinha, além de cultivar, em casa, uma pequena horta.

Agora já fazia um ano que a guerra com a Alemanha terminara. Laura tentara, com a saída abrupta do Ministério, reconduzir a casa ao seu antigo estado. Shirley tinha acabado parte do curso e não queria ir para uma universidade.

Não sou uma intelectual, protestava ela, e isto era confirmado pela diretora do colégio em outros termos: — “Na verdade não acho que Shirley seja uma pessoa que se beneficiará de uma educação universitária. É uma garota simpática e inteligente mas não tem coisa alguma que ver com estudo!”

Por isso Shirley voltara para casa. Ethel, que estivera numa fábrica durante a guerra, acabou voltando também, não mais como encarregada da limpeza mas como governanta. Laura continuou elaborando planos para a produção de flores e verduras. Se quisessem ficar com a casa teriam que obter lucro do jardim e da horta.

Estas imagens passadas desfilaram pela mente de Laura enquanto tirava o avental e se dirigia para casa para se lavar. Sempre a figura central tinha sido Shirley.

Como bebê, engatinhando, murmurando para Laura numa linguagem ininteligível o problema das suas bonecas; mais velha, voltando do jardim-de-infância, relatando as aventuras com a professora e com Tommy, e Mary, o travesso Robin e Peter e o que a professora fizera com ela...

Uma outra Shirley voltara do ginásio, cheia de informação; as moças de que gostava, as que detestava, o bom gênio da Srta. Geofrey, a professora de inglês, a maldade da Srta. Andrews, a professora de matemática, as brigas com a professora de francês. Shirley sempre se abrira com Laura. O relacionamento delas era estranho — não pareciam irmãs, talvez por causa da diferença de idade que as separava; Laura nunca precisou fazer perguntas, Shirley não parava de falar — Oh! Laura, tenho tanto que lhe contar! E Laura ouviria, riria, comentaria, concordaria ou desaprovaria conforme o caso.

Agora que Shirley estava instalada em casa, para Laura parecia que nada havia mudado. Todos os dias as conversas Sobre o que fizeram. Shirley tagarelando sobre Robin Grant ou Edward Westbury; era uma moça tão afetuosa e espontânea que era natural que falasse tanto.

Mas ontem ao voltar do tênis ela falara pouco e mal respondera as perguntas de Laura. A irmã mais velha ficara curiosa. Claro que Shirley estava crescendo, que um dia teria sua própria vida, seus problemas. Era certo, era natural. O que Laura precisava decidir é a forma de Shirley atingir esta maioridade. Suspirou, olhou para o relógio e decidiu fazer uma visita ao Sr. Baldock.

Capítulo Dois

Baldock estava trabalhando no jardim quando Laura chegou.

— Que acha das minhas begônias? Maravilhosas, não? — perguntou, grunhindo.

O Sr. Baldock era um péssimo jardineiro, sempre orgulhoso dos resultados duvidosos que obtinha, pois ignorava os fracassos que seus amigos não deviam comentar. Laura obedientemente olhou para as esparsas e murchas begônias e comentou que elas estavam muito bem.

— Bem? Estão magníficas! — gemeu o Sr. Baldock, que com a idade tinha engordado, enquanto se abaixava para arrancar algumas ervas daninhas.

— Este clima úmido — queixou-se o pobre velho. — Assim que você limpa o terreno elas voltam. Não sei como lutar contra elas... para mim são as próprias filhas do diabo.

Ofegante, enquanto arrancava um tufo ou outro, voltou-se para Laura.

— Então, o que houve? Algum problema? Fale logo.

— Sempre que venho procurá-lo é porque estou com algum problema, desde os seis anos de idade.

— Você era uma menina muito séria... com uns olhos enormes e um ar insolente.

— Gostaria de ter certeza das minhas decisões!

— Não se preocupe tanto — disse o Sr. Baldock, imprecando contra umas ervas.

— Saia, sua estúpida! Não, não se preocupe — continuou, voltando-se para Laura. — Tem gente que sabe o que é certo e o que é errado, e gente que não sabe. é como ter ouvido para música.

— Não me refiro à certeza do certo e do errado do ponto de vista moral.

Gostaria de saber se estou agindo direito.

— Neste caso é diferente. Geralmente se cometem mais besteiras do que acertos na vida. Qual é o problema?

— É Shirley.

— Claro que é Shirley. Você não tem outra preocupação na cabeça.

— Estou tentando conseguir um curso de secretária em Londres para ela.

— O que me parece uma grande besteira — disse o Sr. Baldock. — Shirley é uma boa menina, mas será uma das últimas pessoas que conheço capaz de se tornar uma boa secretária.

— Mesmo assim ela precisa ter alguma profissão.

— É o que todo mundo diz hoje em dia.

— Além do mais quero que ela conheça novas pessoas.

— Maldito espinho! — gritou o Sr. Baldock, sacudindo a mão. — Pessoas? Que pessoas? Na rua? No emprego? Outras secretárias? Alguns rapazes?

— Isso mesmo, alguns rapazes novos.

O Sr. Baldock riu.

— Mas, aqui ela já conheceu vários rapazes! Aquele filhinho da mamãe, o Robin, parece gostar dela, o Peter demonstra estar louco de paixão, e até Edward Westbury começou a passar brilhantina no pouco cabelo que tem. Você sentiu o cheiro na igreja? Eu pensei com meus botões, de quem será que ele anda atrás? Quando saímos, lá estava ele, sacudindo o rabo como um cachorrinho encabulado.

— Mas não creio que ela goste deles.

— E por que deveria gostar? Dê-lhe tempo... Shirley é muito jovem. Vamos, vamos... qual a verdadeira razão para mandá-la a Londres? Ou você também está pensando em se mudar para lá?

— Não, está aí todo o problema.

O Sr. Baldock endireitou as costas.

— O problema? — perguntou, olhando para Laura com curiosidade. — O que você está pretendendo na realidade?

Laura olhou para o jardim.

— Como o senhor sabe, Shirley é a única coisa que me interessa no mundo. Eu a amo tanto que tenho medo de magoá-la, ou de tentar amarrá-la às minhas saias.

— Ela tem dez anos menos que você — disse ele, com certa doçura na voz.

— No fundo ela é mais sua filha do que sua irmã.

— Isto é verdade.

— E você, sendo inteligente, já notou que o amor material é um amor possessivo.

— É verdade, você quer tirá-la do ninho? Ver se ela consegue se manter sozinha?

— Sim, mas tenho tantas dúvidas... será que devo agir desta maneira?

O Sr. Baldock esfregou o nariz com certa irritação.

— Ah! As mulheres... o problema das mulheres é que estão sempre criando problemas. Como é que se pode saber se as coisas vão dar certo ou não? Se Shirley for para Londres e encontrar um estudante egípcio e tiver um filho moreno, num apartamento em Bloomsbury, você vai dizer que é sua culpa, quando na verdade o problema é de Shirley e do egípcio. Caso ela faça o curso, consiga um emprego, case com o patrão, então você vai achar que estava com a razão! Tudo bobagem. Não se pode arranjar a vida das pessoas. Ou Shirley sabe

o que quer ou não sabe! Só o tempo dirá! Se você acha que a mudança para Londres é boa idéia, vá em frente, mas não leve tudo tão a sério. Seu problema, Laura, é que você encara a vida como se fosse um drama... aliás, este é o problema da maioria das mulheres.

— O senhor não?

— Só levo a sério as ervas daninhas — disse o Sr. Baldock. olhando para um monte do chão. — Levo a sério meu estômago porque se não ele me dá problemas. Mas nem sonho em me preocupar com a vida das pessoas... para começar, eu as respeito muito.

— O senhor não compreende. Eu não suportaria ver Shirley infeliz.

— Bobagem — disse o Sr. Baldock, rudemente. — O que importa se ela for infeliz? Muita gente é... tem que se aguentar a infelicidade como tudo na vida. Para se viver é preciso coragem e um coração alegre.

— E você? — perguntou Baldock, voltando-se bruscamente Para Laura.

— Eu? — perguntou Laura, surpresa.

— Sim! Imagine se você for infeliz? Será capaz de suportar mais este embate da vida?

— Nunca pensei nisso — respondeu, Laura, sorrindo.

— E por que não? Pense um pouco em você também. Altruísmo numa mulher pode ser tão desastroso quanto uma torta mal feita. O que você pretende da vida? Está com 28 anos, na idade de se casar. Por que não caça um homem?

— Não seja absurdo Baldy!

— Está vendo? — berrou Baldock. — Você é uma mulher, não é? Uma moça interessante e normal. Ou não é normal? O que sente quando um homem tenta beijá-la?

— Eles não tentam tanto!

— E por que não? Por que você não age direito — disse ele, sacudindo o dedo indicador. — Passa o tempo todo pensando em outras coisas. Olhe para você! Sempre tão distinta e arrumada, o tipo da moça que minha mãe aprovaria. Por que não pinta a boca e as unhas de vermelho?

Laura olhou para ele espantada.

— Você sempre detestou baton e esmalte! — exclamou Laura.

— Claro que odeio... mas eu estou com 79 anos... O importante é usar os símbolos significativos para informar as pessoas que você está no mercado, pronta para jogar com a natureza. O que eles chamam a Selva. Preste atenção Laura, você não faz o tipo de todo o mundo, não é dessas mulheres que andam por aí, incapazes de conter o próprio sexo. O homem que viesse procurá-la teria que perceber que tipo de mulher você é na realidade! Mas, isto não acontece assim! Você tem que agir, lembrar-se de que é uma mulher e procurar um

homem.

— Baldy, querido, adoro suas conferências, acontece que sou tão desprovida de *sex-appeal!*

— Resolveu ser uma solteirona?

Laura enrubesceu.

— Claro que não! Só que não creio que chegue a me casar...

— Derrotista! — gritou o Sr. Baldock.

— Não é derrotismo! Não creio que um homem possa se apaixonar por mim.

— Os homens se apaixonam por qualquer coisa — disse o Sr. Baldock, furioso.

— Mulheres com lábios leporinos, com acne, com queixos prognatas, com cabeças em forma de ovo e até por cretinas! Pense nas mulheres casadas que você conhece! Não, Laura, você está fugindo para não sofrer. Você não quer ser amada, quer amar... e não está com a razão. Ser amada é carregar um fardo muito pesado.

— Você acha que eu amo Shirley demais? Ou que sou muito possessiva?

— Não, não acho... desse erro eu não a acuso.

— Mas... a gente pode amar demais?

— Claro que pode — respondeu, berrando, o Sr. Baldock. — Pode se fazer qualquer coisa demais: beber, comer, amar. Ouça:

Conheci mil formas de amar

E cada uma fazia a outra se retirar...

— Leve este versinho para casa, minha filha, e pense bem.

* * *

Laura voltou para casa mais reconfortada. Ao entrar foi recebida por Ethel que, surgindo das sombras, murmurou, num tom confidencial:

— Tem um senhor esperando, um tal de Glyn-Edwards... é muito jovem. Está na sala de visitas... pois disse que ia esperar. Não se trata de vendedor ou coisa parecida.

Laura sorriu, sabendo que podia confiar no tirocínio de Ethel.

Glyn-Edwards? Quem seria? Talvez um dos jovens pilotos que estivera na casa, durante a guerra?

Cruzou o hall em direção à sala de vistas; assim que entrou viu que não conhecia o jovem sorridente que pareceu tão surpreso em vê-la.

— Sra. Franklyn? Pensei que... — o rapaz voltou a sorrir. — Ela é sua irmã?

— Shirley?

— Sim — disse Henry, aliviado. — Shirley. Conhecia-a ontem, no jogo de

tênis.

Meu nome é Henry Glyn-Edwards.

— Sente-se, por favor. Shirley deve estar chegando; foi tomar chá na casa do pároco. Aceita um *sherry* ou prefere gim?

Ele aceitou um *sherry* e os dois se puseram a conversar amigavelmente. Henry tinha um tom desarmante que não a incomodava e nem parecia grosseiro; falava com naturalidade e alegria, sem constrangimento, e mesmo que fosse um pouco irreverente, jamais faltava com a educação.

— Está hospedado em Bellbury? — perguntou Laura.

— Não, estou com minha tia em Endsmoor.

Laura surpreendeu-se com a explicação, pois sabia que Endsmoor era uma pequena cidade perto de Mullchester.

— Ontem, pedi emprestada a raquete de um amigo — continuou o jovem, — e estupidamente a esqueci no clube. Vim buscá-la e resolvi devolvê-la mas acabei ficando sem gasolina.

— Encontrou a raquete? — perguntou Laura, enquanto Henry a observava curioso.

— Sim — respondeu. — Foi uma sorte! Infelizmente, sou meio distraído.

Quando eu morava na França vivia perdendo meus apetrechos de tênis — concluiu Henry, piscando o olho maliciosamente.

— E como estava por perto — prosseguiu Henry, — resolvi fazer uma visita a Shirley.

Laura sentiu, mas não pôde precisar, um tom de acanhamento nas palavras dele.

Como era um rapaz interessante, de uma graça particular, ela sentiu-se incapaz de hostilizá-lo. E no final das contas, por que deveria hostilizá-lo? Por um sentimento de possessividade. Estranho que Shirley não tivesse falado nele.

Continuaram a conversar até às sete horas. Henry não parecia se incomodar com as convenções usuais sobre boas maneiras. Ele obviamente tinha vindo com algum intuito e iria ficar até Shirley chegar. Laura, por seu lado, estava começando a se preocupar com a demora da irmã; pedindo desculpas ao visitante, ela foi para o estúdio a fim de telefonar para a casa do vigário.

— Shirley? — exclamou a senhora do vigário, — ah! Sim, Laura, ela está aqui, jogando golfe com Robin. Vou chamá-la.

Depois de um pequeno intervalo Laura ouviu a voz alegre e despreocupada de Shirley.

— Laura?

— Você tem um admirador — disse Laura, secamente.

— Que admirador? Quem é?

— Chama-se Glyn-Edwards. Chegou há uma hora e meia e ainda está aqui.

Parece que pretende esperá-la até que você se decida a voltar para casa. Infelizmente, já esgotamos todos os assuntos possíveis.

— Glyn Edwards? Nunca ouvi falar dele. Bem, é melhor eu voltar. Que pena!

Logo agora que eu estava começando a liquidar com Robin.

— Ele não jogou tênis com vocês ontem?

— Henry? — perguntou Shirley incrédula, num tom que surpreendeu Laura.

— Pode ser Henry — disse a irmã. — Ele está hospedado com uma tia...

Shirley, quase sem fôlego, a interrompeu.

— É Henry, já estou indo para aí.

Laura desligou espantada. Voltou vagarosamente para a sala.

— Shirley está voltando — disse. — Espero que possa ficar conosco para o jantar.

* * *

Laura encostou-se no espaldar da cadeira, presidindo a mesa, e observando os dois. A noite caía, mas ainda não estava escuro e as janelas estavam abertas. A luz enfeitava o rosto dos jovens, que pareciam tão absortos um no outro.

Olhando-os clinicamente Laura tentou compreender o crescente ressentimento que a invadia. Será que não tinha simpatizado com Henry? Não, não era possível. Ela reconhecia o encanto do rapaz e sua boa educação. Como ainda não sabia coisa alguma sobre ele, não podia formar um julgamento. Talvez fosse um tanto casual, um tanto displicente, um pouco desligado. É, talvez fosse isso — um tanto desligado.

Certamente que no âmago deste sentimento estava Shirley. O que Laura sentia era o choque natural que se sente quando se descobre uma faceta desconhecida numa pessoa que se julgava conhecer profundamente. Laura e Shirley não eram muito expansivas, mas recordando o passado, Laura lembrou-se de Shirley falando sobre seus ódios, amores, desejos e frustrações.

Ontem, quando Laura perguntara casualmente: — Alguém de fora? Ou só o pessoal de Bellbury? Shirley respondera: — Só o pessoal de Bellbury.

Laura perguntou-se por que Shirley não falara em Henry. Em seguida, lembrou-se da falta de fôlego da irmã ao saber que ele estava em casa. Aos poucos resolveu prestar mais atenção ao que eles diziam.

— ... se quiser eu a apanho em Carswell — concluía Henry.

— Eu adoraria, nunca estive numa corrida de cavalos.

— Marldon é uma barbada, mas um amigo meu tem um palpite certo.

Podíamos...

Laura concluiu calmamente que sua irmã estava sendo cortejada. A presença inexplicável de Henry, a falta de gasolina, a desculpa esfarrapada — ele estava interessado em Shirley. Naquele momento ela não pensou que tudo poderia dar em nada. Acreditou, ao contrário, num futuro nada promissor.

Henry e Shirley se casando. Laura tinha certeza. A irmã casando com um estranho... um homem que ela mal conhecia e que talvez nunca chegasse a conhecer bem.

E Shirley, será que algum dia conheceria verdadeiramente este rapaz?

Capítulo Três

— Não sei — disse Henry, olhando para Shirley, — se você devia conhecer minha tia. Não acredito que vá ser muito divertido.

Os dois estavam debruçados na cerca, observando o cavalo número 19 que estava sendo exercitado na pista. Era a terceira vez que Shirley ia ao *padding* com Henry. Os outros jovens que ela conhecera geralmente gostavam de cinema, mas Henry só se entusiasmava por esportes e era este interesse que o tornava mais atraente aos olhos de Shirley.

— Não creio que não vá ser divertido — respondeu Shirley com doçura.

— Não tem muito jeito de ser ao contrário — disse Henry. — Minha tia tem a mania de horóscopos e algumas idéias preconcebidas sobre as Pirâmides.

— Você não acha incrível, Henry, que eu não saiba sequer o nome da sua tia?

— Não sabe? — perguntou Henry, surpreso.

— É Glyn-Edwards?

— Não, é Fairborough, Lady Muriel Fairborough. Ela na verdade não é má pessoa; não liga muito para mim, mas quando é necessário está sempre pronta a enfrentar uma crise.

— Este cavalo é muito deprimente — comentou Shirley, olhando para o número 19, enquanto se preparava para abordar outro assunto.

— Feio, também — disse Henry. — É um dos piores cavalos de Tommy Twisdom. Creio que veio para cá na primeira leva.

Apareceram dois cavalos novos na pista e outras pessoas começaram a debruçar-se sobre a cerca.

— Já é o terceiro páreo? — perguntou Henry, consultando um caderno. — Já apareceram os números? Será que o número 18 está correndo?

Shirley examinou a tabela.

— Sim.

— Vamos dar uma tentada nele se não estiver muito caro.

— Você entende um bocado sobre cavalos, não é Henry? Onde foi criado havia muitos cavalos?

— Não, tenho muito mais experiência com *bookmakers.*

Shirley preparou-se para fazer a pergunta decisiva.

— Você não acha engraçado que eu saiba tão pouco da sua vida. Você tem pai e mãe ou é órfão como eu?

— Meus pais morreram num bombardeio; estavam no Café Paris.

— Que horror!

— Não é mesmo? — comentou Henry, sem um mínimo de emoção. Como

para corrigir esta impressão, ele acrescentou: — Já faz mais de quatro anos; eu gostava muito deles, mas não se pode passar a vida olhando para o passado.

— Acho que tem razão — concordou Shirley, duvidosa.

— Por que esta sede de informações?

— Bem, é natural a gente se interessar pelos outros — disse Shirley, quase em tom de desculpa.

— É mesmo? — perguntou Henry, realmente surpreso. — De qualquer maneira, acho bom você vir conhecer minha tia... creio que assim Laura ficará menos preocupada.

— Laura?

— Laura é uma pessoa convencional, não é? É para que ela se certifique de que sou um homem respeitável.

Pouco tempo depois chegou um bilhete de Lady Muriel convidando Shirley para almoçar e avisando que Henry passaria, de carro, para apanhá-la.

* * *

A tia de Henry parecia a Rainha Branca**1**; usava uma roupa de lã de várias tonalidades, certamente tricotada por ela mesma; seu cabelo, amarrado num rolo, no alto da cabeça, era castanho, com alguns fios cinza, caindo desalinhadamente por volta da cabeça. Era uma mulher que conseguia combinar eficiência com desligamento.

1 Personagem de *Alice no País das Maravilhas,* de Lewis Carroll — N.T.

— Que bom que você veio, meu bem — disse ela, apertando a mão de Shirley, enquanto deixava cair um novelo de lã. — Apanhe meu novelo, meu filho. Agora diga-me, em que dia nasceu?

— 18 de setembro de 1928.

— Ah! Virgem... foi o que pensei. A que horas?

— Não sei.

— Que pena; pois bem, procure descobrir pois é de uma importância capital sabermos esses dados. Onde estão minhas outras agulhas? As de número 8? Estou fazendo tricô para a Marinha... isto é um suéter com gola *roulé*...

Ela estendeu a malha.

— Deve ser um marinheiro bem grande — comentou Henry.

— Eles devem ter gente de todo o tamanho na Marinha — disse Lady Muriel, sem se perturbar. — No Exército também — acrescentou distraída. — Lembro-me do major Tug Murray... um homem enorme que para montar tinha cavalos especiais, até que acabou quebrando o pescoço...

Um velho mordomo abriu a porta e anunciou que o almoço estava servido.

Foram para a sala de jantar onde foi servido um almoço simples e Shirley não pôde deixar de notar que a prata estava manchada.

— Pobre Melsham — comentou Lady Muriel, quando o mordomo saiu da sala. — Ele na verdade não vê coisa alguma! E treme tanto que fico apavorada em pensar que a comida não vai chegar à mesa. Já pedi para ele colocar tudo no bufete mas não há quem o convença. Também não abre mão da prata, embora não consiga limpá-la direito. Implica com os empregados... não se acostuma com as novidades... ainda mais agora que tudo mudou com a guerra!

Voltaram para a sala de visitas onde Lady Muriel conduziu a conversa para os temas bíblicos, as medidas das Pirâmides, o preço dos cupons de racionamento e as dificuldades de se manter uma horta. Em seguida, embrulhou o tricô e anunciou que ia levar Shirley para dar uma volta no jardim, despachando Henry com um recado para o chofer.

— Ele é um amor de rapaz — disse ela, enquanto conduzia Shirley. — Muito egoísta e extravagante, mas que se pode esperar com a educação que recebeu!

— Ele puxou à mãe? — perguntou Shirley cuidadosamente.

— Não, Mildred era um prodígio de contenção e economia. Para ela isto era uma questão de honra. Nunca pude entender por que meu irmão se casou com ela, que não era bonita, nem interessante. Acho que ela só viveu bem, com ele, quando moraram no Quênia, no meio de uma fazenda. Mais tarde, é que ingressaram na sociedade, mas não creio que ela tenha se dado tão bem.

— O pai de Henry... — começou Shirley.

— Pobre Ned... foi processado três vezes por falência, mas era um homem agradabilíssimo. Henry lembra muito ele, às vezes. Repare nestas folhagens... que estranhas... não nascem em qualquer lugar.

Ela arrancou um galho seco e olhou para Shirley.

— Você é muito bonita... e muito jovem. Não se incomode se faço comentários muito pessoais.

— Já estou com quase dezenove anos.

— Muito bem. E sabe fazer tudo que as moças inteligentes sabem fazer hoje em dia?

— Não... não sei. Minha irmã quer que eu faça um curso de secretariado.

— Deve ser divertido... pode vir a ser secretária de um deputado, dizem que é interessante... não sei bem por quê. Mas não acho que você vá trabalhar a vida inteira... vai acabar se casando logo, — disse Lady Muriel, com um suspiro. — O mundo anda tão estranho — prosseguiu ela; — acabo de receber uma carta de um velho amigo... a filha dele casou-se com um dentista. No meu tempo uma moça não se casava com um dentista... um médico podia ser... mas nunca com um dentista!

Lady Muriel voltou a cabeça para o lado.

— Aí vem Henry. Então, já veio tirar a senhorita...

— Franklyn.

— A Srta. Franklyn de mim?

— Pensei que seria agradável darmos um passeio até Bunny Heath.

— Você pegou gasolina com Harman?

— Só uns dois galões, tia Muriel.

— Não quero mais isto, ouviu? Você precisa arranjar gasolina sozinho. O pouco que eu consigo mal dá para mim.

— Ora titia, no fundo a senhora não liga para isso...

— Bem, desta vez passa. Adeus minha cara. Não esqueça de me mandar os detalhes sobre o seu nascimento. Não esqueça! Preciso desses dados para tirar seu horóscopo. Use verde, todos os nativos de Virgem devem usar verde.

— Eu sou Aquário — disse Henry, — de 20 de janeiro.

— Instável — respondeu a tia, — lembre-se disso, minha cara. Não se pode confiar num aquariano.

* * *

— Espero que não tenha se aborrecido — disse Henry quando já estavam na estrada.

— Absolutamente, achei sua tia muito simpática.

— Não precisa exagerar. Ela é passível.

— Gosta muito de você.

— Não creio; o que acontece é que ela não se importa que eu fique aqui, porque eu não a atrapalho. Já está na época de voltar, vou ser desmobilizado.

— E o que pretende fazer?

— Não sei. Talvez estude Direito.

— Sim?

— Mas, acho que deve ser muito puxado. Talvez eu me meta num negócio.

— Que tipo?

— Depende de arranjar um amigo que dê um impulso. Tenho alguns amigos banqueiros, além do mais conheço alguns milionários que gostariam de me ajudar a começar na vida. Eu não tenho muito dinheiro — prosseguiu Henry, sorrindo. — Para ser exato só tenho uns trezentos e poucos... a maioria dos parentes é de um pão-durismo incalculável. Quem me salva de vez em quando é tia Muriel, mas infelizmente ela também não anda bem de dinheiro. Tenho também uma madrinha que é bastante generosa, quando está bem disposta. Tudo muito pouco mas...

— Por que está me contando tudo isto? — perguntou Shirley, espantada com a torrente de informações.

Henry corou e derrapou com o carro ligeiramente.

— Pensei que você soubesse — murmurou ele, num tom quase ininteligível, — querida... você é tão linda... quero casar com você... você precisa casar comigo... precisa.

* * *

Laura olhou para Henry com desânimo. Sentia-se como se estivesse subindo por uma ladeira íngreme e escorregadia, e acabava sempre voltando para o mesmo lugar.

— Shirley é muito jovem — protestou ela, — muito jovem.

— Ora, Laura, ela está com dezenove anos. Tenho uma avó que se casou com dezesseis e tinha um casal de gêmeos, antes de completar dezoito anos.

— Isto era antigamente.

— Muita gente se casou jovem por causa da guerra...

— E hoje em dia está amargamente arrependida.

— Você não acha que está sendo muito pessimista? Não creio que nem eu nem Shirley vamos nos arrepender.

— Isto você não pode garantir.

— Posso — respondeu Henry, sorrindo, — Tenho certeza, amo Shirley. Amo Shirley loucamente. Farei tudo para torná-la feliz. — Olhou para Laura com esperança. — Amo-a demais — repetiu.

Como já havia acontecido antes, a sinceridade de Henry desarmava Laura.

— Eu sei que não estou muito bem de finanças...

Outro trunfo desarmante. Não era por causa do dinheiro que Laura estava preocupada; ela não esperava que Shirley fizesse “um bom casamento.” Henry e Shirley começariam a vida com pouco dinheiro mas com uma razoável segurança. As perspectivas de Henry não eram melhores nem piores do que de centenas de outros rapazes no fim da guerra. Ele era saudável, inteligente, educado e cativante, e era justamente por causa deste traço que Laura não aprovava o casamento. Ninguém tinha o direito de ser tão cativante.

Quando Laura voltou a falar resolveu ser mais autoritária.

— Não, Henry, não podemos pensar em casamento para já. Pelo menos um ano de noivado, que dará tempo de vocês se certificarem de que é mesmo isso que desejam.

— Francamente, Laura, você fala como um pai vitoriano de cinquenta anos de idade.

— Tenho que ser um pai para Shirley. Neste tempo de noivado você terá oportunidade de arranjar um emprego, e se estabelecer na vida.

— Que deprimente! — comentou Henry, sorrindo. — Na verdade acho que você não quer que Shirley se case.

Laura enrubesceu.

— Não seja tolo.

Henry pareceu satisfeito com a perspicácia do comentário e saiu para procurar Shirley.

— Laura está criando problemas — disse ele. — Por que não nos casamos? Eu não quero esperar, detesto ficar esperando! Se espero muito tempo para obter qualquer coisa acabo perdendo o interesse. Nós dois podíamos casar num cartório qualquer, sem grandes pompas, que tal?

— Ora, não podemos fazer uma coisa destas!

— Não sei por que não. Além de ser mais econômico daria muito menos trabalho.

— Eu sou menor, por isso creio que precisamos do consentimento de Laura.

— Tem razão. Ela é sua tutora, não é? E o que faz aquele velho?

— Acho que Baldy é o testamenteiro.

— O pior de tudo — disse Henry — é que Laura não gosta de mim.

— Que bobagem, Henry. Tenho certeza de que gosta.

— Não gosta. É claro que está com ciúmes.

— Você acha? — perguntou Shirley perturbada.

— Desde o começo não foi com a minha cara, e eu fiz de tudo para ser simpático — queixou-se Henry em tom de fúria.

— Sei que você é um amor com ela, mas precisa compreender que a surpresa foi muito grande. Nós só nos conhecemos há três semanas... e não creio que haja mal algum em esperar um ano...

— Meu amor, não quero esperar um ano. Quero casar com você, já! Amanhã, na semana que vem. Você não quer se casar comigo?

— Quero, Henry, quero!

* * *

Como era de se esperar, Laura ofereceu um jantar ao Sr. Baldock para apresentar Henry. Assim que acabou a refeição, Laura voltou-se ansiosa para o velho amigo.

— Então que achou dele?

— Vamos com calma. Como posso julgar uma pessoa que mal conheci? Parece um rapaz educado, não me tratou como se eu fosse um velho senil, ouviu-

me com atenção!

— É tudo que tem a dizer? Acha que ele seria bom para Shirley?

— Ninguém poderá ser bom para Shirley, de acordo com seu critério.

— Talvez tenha razão... mas, você gostou dele?

— Sim, me pareceu um rapaz bem agradável.

— Acha que vai dar um bom marido?

— Não posso saber, mas creio que como marido ele não vai ser grande coisa.

— Então não podemos permitir esse casamento!

— Não podemos, como? Se ela quiser casar, o problema é dela. Além do mais, não creio que Shirley seria capaz de escolher um bom marido. Não digo que ele vá tratá-la mal, envenená-la ou desfeiteá-la em público. Aliás, um marido bem educado já é uma grande coisa.

— Sabe o que penso dele? Considero-o egoísta e... inescrupuloso.

O Sr. Baldock ergueu as sobrancelhas.

— Talvez você tenha razão.

— E então?

— Mas se ela gosta dele, Laura. Gosta muito, é óbvio que ela é louca por ele.

Talvez Henry não seja o ideal, para nós dois, mas é o ideal para Shirley.

— Se ela ao menos pudesse vê-lo realisticamente — protestou Laura.

— Bem, um dia acabará vendo — sentenciou Baldock.

— Aí será tarde demais. Eu queria que ela o visse como é, agora.

— Não ia fazer a menor diferença. Ela parece disposta a aceitá-lo como ele é!

— Se ela fosse para o exterior, uma viagem à Suíça talvez... mas as coisas se complicaram tanto com a guerra!

— Se quer minha opinião — disse Baldock, — não vale a pena impedir que as pessoas se casem. Se houvesse algum impedimento sério, se ele fosse casado ou tivesse cinco filhos, se fosse epiléptico ou tivesse sido preso por estelionato... aí sim, justificar-se-ia uma intervenção. Mas, quer saber o que aconteceria se você mandasse Shirley para a Suíça ou para um cruzeiro pelas ilhas dos Mares do Sul?

— O quê?

O Sr. Baldock sacudiu o dedo no ar.

— Ela voltaria casada com um homem igual a esse. As pessoas sabem o que querem. Shirley quer Henry e se não puder casar com ele, vai procurar encontrá-lo a vida inteira. Isso é um fenômeno muito comum. Um velho amigo foi casado com uma mulher que lhe infernizou a vida, o aborreceu, perseguiu, escravizou, não lhe deu um momento de sossego enquanto nós nos perguntávamos por que ele não a assassinava.

Mas ele teve sorte, pois ela morreu de pneumonia dupla. Seis meses depois ele

parecia outro homem, várias moças passaram a se interessar por ele. Dezoito meses depois o que aconteceu? Ele casou com uma megera pior do que a falecida. A natureza humana é um mistério.

Baldock deu um longo suspiro.

— Portanto, pare de andar de um lado para o outro como uma trágica grega. Já lhe disse para levar a vida menos a sério. Não adianta querer dirigir o destino dos outros. Shirley vai seguir o caminho que quiser e, se perguntou minha opinião, aí vai: ela sabe se defender melhor sozinha do que com sua ajuda. Minha única preocupação é você.

Capítulo Quatro

Henry capitulou com a graça que o caracterizava.

— Está bem, Laura. Se você quer um ano de noivado, estamos em suas mãos.

Compreendo que seria duro para você se separar de Shirley sem ter tempo para se acostumar com a idéia.

— Não é bem isso...

— Não é mesmo? — perguntou ele, levantando a sobrancelha, enquanto sorria ironicamente. — Shirley não passa da ovelha para o sacrifício, não é verdade?

Laura sentiu-se incomodada com o comentário. Depois da partida de Henry, os dias se arrastavam com vagar.

Shirley não se tornara hostil e sim vaga. Sempre um pouco mal humorada, ressentida e com um ligeiro ar de reprovação em relação à irmã. Passava os dias esperando o correio mas as cartas que chegavam não eram satisfatórias. Henry não era de escrever cartas, limitava-se a enviar curtos bilhetes.

“Querida, como vai tudo? Sinto sua falta. Ontem andei a cavalo pela pista de ponta a ponta. Não adiantou nada. Como vai o dragão? Seu para sempre, Henry.” Às vezes passava uma semana sem mandar notícias. Shirley, certa vez, decidiu ir a Londres, mas o encontro não correspondeu à sua expectativa.

— Eu não quero passar o fim de semana lá — disse Henry em resposta ao convite que Laura fizera. — Quero casar com você e não passar um fim de semana sob a vigilância de sua irmã. E não esqueça de que ela fará tudo para pôr você contra mim.

— Oh! Henry, ela nunca faria isso. Nunca. Ela mal fala de você...

— Na esperança de que você me esqueça.

— Como se eu pudesse!

— Laura não passa de uma gata ciumenta.

— Henry! Ela é um amor.

— Não comigo.

Shirley voltou para casa infeliz e nervosa.

Apesar dos esforços Laura começou a sentir-se cansada.

— Por que não convida Henry para o fim de semana?

— Ele não quer vir — respondeu Shirley, emburrada.

— Não quer? Que estranho!

— Não acho. Ele sabe que você não gosta dele.

— Mas, eu gosto dele — respondeu Laura, tentando acreditar no que dizia.

— Oh! Laura.

— Considero Henry um homem muito atraente.

— Mas não quer que me case com ele.

— Shirley, não é verdade, só quero que vocês tenham certeza.

— Mas eu tenho.

— Eu gosto demais de você — gritou Laura desesperada. — Não quero que cometa um erro.

— Não me ame demais, não quero ser transformada em ídolo — retrucou Shirley. — Além do mais você está com ciúmes.

— Ciúmes?

— Ciúmes de Henry. Não quer que eu ame ninguém a não ser você.

— Shirley! — protestou Laura, virando o rosto pálido para a parede.

— Você não quer que eu me case.

Quando Laura se retirou, furiosa, Shirley correu atrás dela para pedir desculpas.

— Querida... não quis dizer isso, sou uma estúpida. Mas é que você parece estar sempre tão contra Henry...

— Por que eu o acho egoísta — disse Laura, lembrando-se do que tinha dito ao Sr. Baldock. — Não é um homem... bom. Não posso deixar de considerá-lo uma pessoa inescrupulosa.

— Inescrupuloso? — repetiu Shirley baixinho, sem se importar com o peso do julgamento de Laura. — Sim, eu também acho que você tem razão. Henry pode ser um homem sem escrúpulos, e creio que é esta uma das razões por que eu me sinto atraída por ele.

— Mas pense bem, Shirley, se você estivesse doente, ou em apuros, será que ele a defenderia?

— Não sei se preciso tanto da ajuda dos outros. Posso cuidar muito bem de mim. Não se preocupe com Henry, ele me ama.

Ama? — pensou Laura. O que é o amor? Uma jovem paixão devoradora? Será que o amor de Henry poderia ser outra coisa mais profunda? Ou seria verdade que ela estava com ciúmes?

Soltou-se do braço de Shirley delicadamente e saiu para dar uma volta.

Será que não quero que ela se case? Ou será que é só Henry? Não sei; também não consigo imaginar outra pessoa, pois só ele quis casar-se com ela. Mas se aparecesse outro, será que eu pensaria desta maneira e repetiria para mim mesma: Ele não! Será possível que eu a ame tanto? Baldy me preveniu. Gosto tanto dela que não quero que se case. Não quero que ela vá embora, quero mantê-la aqui. Afinal, o que tenho de palpável contra Henry? Nada. Não o conheço, nunca o conheci. Para mim continua o mesmo: um estranho. Sei que ele não gosta de mim e talvez seja este seu único defeito...

No dia seguinte Laura encontrou Robin Grant, saindo da paróquia e seguiram

juntos em direção da cidade. Depois de ter dito que acabara de chegar de Londres, Robin comentou casualmente:

— Vi Henry, ontem à noite, jantando com uma loura daquelas. Tão absorto estava que não me viu. Não devemos dizer nada a Shirley — concluiu com um risinho.

Laura sabia que a informação provinha em parte do despeito de Robin, que gostava muito de Shirley. Mas, mesmo assim, não pôde deixar de ficar preocupada com o comentário.

Henry, pensou Laura, não era do tipo fiel. Devia ter discutido com Shirley quando estiveram juntos. E se ele estivesse se interessando por outra mulher? E se ele resolvesse romper o noivado?

— É o que você deseja, não é? — perguntou uma voz desdenhosa, vinda do fundo da sua alma. — Não quer que eles se casem, por isto insistiu num noivado tão grande.

Mas, no fundo, Laura não ficaria satisfeita se Henry rompesse o noivado. Shirley o amava e iria sofrer. Se ao menos ela pudesse ter certeza de que uma ruptura seria para o bem de Shirley.

— O que quer dizer isto? — perguntou a voz debochada. — Não seja fingida. Você está pensando em você.

Mas Laura não queria uma Shirley amarga, sofrida e infeliz, suspirando o dia inteiro. Afinal, quem era ela para saber o que seria melhor para Shirley?

Ao voltar para casa sentou-se para escrever uma carta: “Querido Henry. Estive pensando. Se você e Shirley querem realmente se casar não vejo por que devo continuar interferindo...”

No mês seguinte, Shirley, de branco e rendas, casou-se na igreja de Bellbury, assistida pelo vigário (que como sempre estava resfriado). O padrinho foi o Sr. Baldock, espremido numa casaca muito apertada. A noiva, felicíssima, abraçou Laura, despedindo-se.

— Cuide bem dela, Henry — recomendou Laura. — Seja bom para ela — sentenciou em tom de desafio.

— Laura, meu bem — respondeu Henry, sorridente como de costume. — Por acaso você acha que já não cuido?

Capítulo Cinco

— Você acha mesmo bom? — perguntou Shirley nervosa como qualquer recém-casada.

Laura deu mais uma volta pelo apartamento (dois quartos, cozinha e banheiro).

— Acho que ficou ótimo — respondeu, sorrindo.

— Estava horrendo quando mudamos! Imundo! Tivemos que fazer tudo sozinhos, exceto os tetos. Até que foi divertido. Você gostou do banheiro vermelho? Devia ter sempre água corrente quente, mas nunca fica bastante quente. Henry achou que vermelho daria mais idéia de calor... como o inferno.

Laura riu.

— Vocês parece que se divertiram bastante.

— Tivemos muita sorte de encontrar um apartamento. Este foi passado por uns amigos de Henry. O único senão é que eles não pagavam as contas, de maneira que volta e meia aparecem leiteiros, furiosos, e quitandeiros irados nos cobrando contas que não podemos, nem temos por que pagar. Acho muito desagradável dar calote neste tipo de fornecedor. Henry, é claro, não concorda comigo.

— Vai dificultar para vocês conseguirem crédito — disse Laura.

— Pago todas as contas semanalmente — protestou Shirley.

— Você está bem de dinheiro? O nosso jardim está dando lucro... se precisar posso lhe dar mais uns cento e poucos...

— Você é um amor, Laura. Não, estamos muito bem. Guarde para o caso de surgir uma emergência. Quem sabe eu venha a ter uma doença grave?

— Com esta cara que você está me parece meio absurdo.

Shirley riu.

— Laura, estou tão feliz!

— Que bom.

— Ouça, Henry está chegando.

Henry abriu a porta, entrou e cumprimentou Laura com afabilidade.

— Alô, Laura.

— Alô, Henry. Achei o apartamento uma graça.

— Henry, que tal o novo emprego?

— Novo emprego? — perguntou Laura.

— É. Ele se despediu daquele outro... era muito chato passar o dia colando selos e indo ao correio.

— Estou disposto a começar por baixo — interveio Henry —, mas, não tão

por baixo.

— Conte sobre o novo emprego — insistiu Shirley.

— Parece interessante — disse Henry. — Mas ainda é cedo para dizer.

Sorriu com todo o encanto para Laura e protestou novamente a satisfação de encontrá-la em sua casa.

Laura voltou para casa, feliz, achando que tinha sido ridícula em ter tanto medo e incerteza sobre aquele casamento.

* * *

— Henry, como podemos estar devendo tanto? — perguntou Shirley perturbada.

Por esta altura já estavam casados há um ano.

— Eu sei — concordou Henry — que é demais mas infelizmente é a verdade.

— E como vamos pagar?

— A gente sempre arranja um jeito — respondeu Henry, evasivamente.

— Ainda bem que arranjei um emprego naquela loja de flores.

— É mesmo. Só não quero que você precise trabalhar para viver; quero que trabalhe para se divertir.

— Eu me divirto. Ficaria chateada o dia inteiro aqui em casa, sem ter nada que fazer. O resultado é que acabo saindo para fazer compras e nos endividamos ainda mais.

— Confesso que este negócio é bem deprimente — disse Henry, folheando uma série de cartas de cobrança. — Detesto o final do mês. Mal acaba o Natal já começa o imposto de renda. Este homem aqui, por exemplo, está nos cobrando as estantes, de uma maneira muito grosseira. Vou simplesmente jogar esta carta no lixo. — Depois de ter despachado este problema, Henry voltou-se para a próxima carta. — Já esta aqui está muito mais simpática. Coloca o problema de uma maneira mais gentil...

— Vai pagar, então?

— Não... exatamente. Vou simplesmente arquivá-la na lista de prestações.

Shirley riu.

— Henry, eu adoro você, mas o que vamos fazer?

— Não precisamos nos preocupar hoje à noite. Vamos jantar num restaurante bem caro.

— Isto vai resolver alguma coisa? — perguntou Shirley espantada.

— Não, não vai resolver coisa alguma — respondeu Henry. — Pelo contrário, mas pelo menos vai levantar nosso moral.

* * *

“Querida Laura

Será que você podia nos emprestar 100 libras? Estamos em apuros. Estou desempregado há dois meses, como você sabe (Laura não sabia), mas estou à beira de conseguir um negócio maravilhoso. Por enquanto, nos limitamos usar o elevador de serviço para evitar os credores. Desculpe ter que recorrer a você, mas prefiro evitar mais esta chateação a Shirley.

Seu cunhado,

Henry.”

* * *

— Não sabia que você tinha pedido dinheiro a Laura!

— Eu não lhe disse? — perguntou Henry, calmamente.

— Não, não disse! — retrucou Shirley, furiosa.

— Está bem, minha querida, não precisa me bater. Foi Laura quem lhe contou?

— Não, eu vi por acaso o talão de depósitos...

— Nossa querida Laura, sempre pronta a se sacrificar.

— Henry, por que pediu dinheiro a ela? Logo a ela? Eu preferia que tivesse me avisado.

Henry sorriu.

— Você não deixaria.

— Tem razão, não deixaria.

— A verdade, Shirley, é que estávamos em péssima situação. Tirei cinquenta da velha Muriel, pedi cem a Berta, minha madrinha, que recusou, me devolvendo um sermão da montanha daqueles! Tentei uma ou duas fontes, mas não deu certo. No final só sobrou Laura.

Shirley encarou o marido com seriedade.

Estou casada há dois anos, pensou, e só agora conheço Henry realmente. Nunca vai parar num emprego, gastará sempre dinheiro como se fosse água...

Apesar de adorar o marido, Shirley compreendeu as desvantagens de estar casada com ele. Henry já tinha saído de quatro empregos — não custava a arranjar um emprego — mas não conseguia parar em nenhum: ou se cansava ou era despedido.

Além de gastar como um louco e não ter o menor escrúpulo em conseguir crédito.

Sempre que queria melhorar a situação financeira fazia um empréstimo sem se preocupar em ver se poderia pagá-lo. Shirley seria incapaz de fazer o mesmo.

— Será que vou conseguir mudá-lo? — perguntou Shirley, dando um suspiro.

— Mudar? Para quê? — perguntou Henry, espantado.

* * *

— Alô, Baldy!

— Alô, minha querida Shirley — respondeu, piscando o olho, o Sr. Baldock, mergulhado numa velha e confortável poltrona.

— Eu não estava dormindo — acrescentou Baldock, agressivamente.

— Eu sei — disse Shirley em tom apaziguador.

— Faz tempo que não aparece por aqui, pensei que tivesse esquecido da gente.

— Como seria possível esquecê-los?

— Seu marido veio também?

— Não desta vez.

— Sei, sei — murmurou Baldock, olhando para Shirley com curiosidade. — Você está mais magra, não está?

— Andei fazendo regime.

— As mulheres! — resmungou Baldock. — Está preocupada com alguma coisa?

— Claro que não — respondeu ela desafiadora.

— Está bem, está bem, só perguntei por perguntar. Ninguém me conta mais nada! Além do mais, estou ficando surdo. Não consigo ouvir mais atrás das portas, o que torna a vida muito chata.

— Pobre Baldy!

— O médico proibiu que eu fizesse jardinagem, nada de me debruçar sobre os canteiros porque o sangue acorre à cabeça ou coisa parecida. Um estúpido é o que ele é!

— Sinto muito, Baldy.

— Portanto, se quiser falar comigo pode se abrir. Eu não falaria com Laura.

Fez-se um pequeno silêncio.

— Para ser sincera eu vim aqui para conversar.

— Foi o que pensei.

— Queria que me desse um conselho.

— Isto já não sei. Acho muito perigoso dar conselhos.

Shirley não prestou atenção a este comentário.

— Não quero falar com Laura, ela não gosta de Henry. O senhor gosta dele, não gosta?

— Gosto dele — disse o Sr. Baldock. — É um rapaz muito divertido, que ouve com atenção um velho falastrão como eu. Gosto dele também porque

nunca se preocupa com coisa alguma.

— Isto é verdade — disse Shirley, sorrindo.

— Uma raridade nos dias de hoje. Todo o mundo sofre de preocupação. Sim, Henry é muito simpático. Eu não me preocupo, como Laura, com o lado moral das pessoas. O que ele andou fazendo? — perguntou com brandura.

— Acha que sou tão tola de esbanjar meu capital?

— Anda economizando?

— Sim.

— Com o casamento sua herança passou a ser controlada por você. Pode dispor do dinheiro como quiser.

— Eu sei.

— Henry sugeriu-lhe algo?

— Não... para ser sincera, não. A culpa na realidade é minha. Não quis que ele falisse, apesar dele não se importar muito com isso. Mas eu não quis que isso acontecesse. Acha que agi mal?

— Sim e não — respondeu Baldy, pensativo.

— Explique-se.

— Bem, para início de conversa, você não tem muito dinheiro. Talvez precise de um certo capital no futuro. Se acha que pode depender do seu simpático marido é melhor tomar outras providências. De certa maneira você é bem ingênua...

— E?

— Por outro lado você comprou com o seu dinheiro a paz de espírito que é um bem precioso. Ainda ama seu marido?

— Sim.

— Ele é bom para você?

Shirley andou pela sala. Correu os dedos por uma mesa e pelo espaldar de uma cadeira, examinando a poeira, sem prestar atenção. Baldock a observava. Finalmente, ela pareceu chegar a uma decisão. De frente para a lareira sentenciou:

— Não exatamente.

— Como assim?

— Está tendo um caso com outra mulher — respondeu Shirley, num tom monocórdico.

— É sério?

— Não sei.

— Por isso veio para cá?

— Sim.

— Está zangada?

— Furiosa.
— Vai voltar para ele?
Shirley calou-se.
— Sim, vou — respondeu por fim.
— Bem — comentou Baldock —, a vida é sua.
Shirley foi para ele e beijou-o. Baldock grunhiu baixinho.
— Obrigada, Baldy.
— Não me agradeça, não fiz nada.
— Eu sei, por isso você é maravilhoso.

Capítulo Seis

O problema, pensou Shirley, é que a gente acaba se cansando.

Encostou-se no assento do metrô.

Três anos atrás ela desconhecia o que fosse o cansaço. Talvez a mudança para Londres fosse a causa; começara num emprego de meio expediente, mas acabara tendo de trabalhar o dia inteiro, numa loja de flores. Depois do trabalho tinha que fazer as compras, voltar para casa, na hora do *rush*, fazer o jantar. Se bem que Henry gostasse dos pratos que ela preparava.

Fechou os olhos um momento. Sentiu um forte pisão no pé. Abriu os olhos, pensando: — Meu Deus, como estou cansada! Recordou os três anos e meio de casada...

A felicidade completa...

As contas...

Sonia Cleghorn...

A derrota de Sonia Cleghorn, Henry arrependido, amando-a novamente...

Mais dificuldades financeiras...

Muriel vindo em socorro...

Umas férias caras e desnecessárias em Cannes...

A Sra. Emlyn Blake...

A libertação de Henry dos tentáculos da Sra. Emlyn Blake...

Henry agradecido e penitente...

Bertha, a madrinha, vindo, em socorro...

A Srta. Lonsdale...

Problemas financeiros...

Ainda a Srta. Lonsdale...

Laura...

Escondendo a verdade de Laura...

Laura descobrindo tudo...

Briga com Laura...

Apendicite. Operação. Convalescença...

Volta para casa...

Fase final da Srta. Lonsdale...

Shirley recordou com detalhes o último item: estava descansando no apartamento, o terceiro que havia alugado desde que casara, mobiliado por imposição dos credores, no sistema de aluguel.

A campainha tinha tocado e ela sentiu-se muito fraca para abrir a porta. Quem quer que fosse acabaria desistindo. No entanto, a campainha continuava tocando.

Acabou levantando-se furiosa. Abriu a porta e viu-se diante da Srta. Lonsdale.

— Ah! É você, Sue.

— Sim.Posso entrar?

— Para dizer a verdade estou exausta. Acabei de chegar do hospital.

— Eu sei, Henry me falou. Pobrezinha! Trouxe umas flores para você.

Shirley apanhou o buquê sem se dar o trabalho de agradecer.

— Entre — disse.

Deitou-se no sofá com os pés para o alto. Susan pegou uma cadeira.

— Enquanto você estava no hospital eu não quis preocupá-la, mas agora acho que está na hora de acertarmos os ponteiros.

— Como assim?

— Bem... Henry.

— Que tem Henry?

— Meu bem, você não vai dar uma de avestruz, vai? Enterrar a cabeça na areia?

— Não creio.

— Você sabe, então, que eu e Henry estamos apaixonados...

— Teria que ser cega, surda para não perceber — disse Shirley, friamente.

— É claro. Além do mais, Henry adora você. Não quer fazer coisa alguma que possa magoá-la. É isto.

— É isto o quê?

— Estou me referindo ao divórcio.

— Henry quer um divórcio?

— Sim.

— E por que ele não me disse?

— Você conhece Henry. Não quer se comprometer e além do mais não quer preocupá-la.

— Mas vocês dois querem se casar?

— Sim. Que bom que você entendeu logo.

— Eu entendi muito bem — disse Shirley vagarosamente.

— Você então fala com ele?

— Falo.

— Que bom. No fim, eu acho...

— Agora vá embora — disse Shirley. — Acabei de sair do hospital e estou cansada. Vá embora... já!

— Ora, veja! — exclamou Susan, levantando-se indignada. — Ao menos podemos tentar parecer gente civilizada.

Retirou-se batendo a porta.

Shirley ficou quieta. Uma lágrima escorreu pelo rosto, mas ela a enxugou

furiosa.

Três anos e meio, pensou, três anos e meio, para chegarmos a isso!

Sem conseguir se conter começou a rir. Estava se comportando como uma heroína de um melodrama barato.

Não sabia se tinha ouvido a chave na porta cinco minutos ou horas depois; devia ter adormecido.

Ele entrou sorridente e feliz como de costume, trazendo uma enorme braçada de rosas amarelas.

— Para você, meu amor.

— Que lindas! — exclamou Shirley. — Acabei de ganhar umas violetas meio murchas e amareladas.

— Quem mandou?

— Não foram mandadas, foram trazidas por Susan Lonsdale.

— Que impertinência!

Shirley olhou para ele espantada.

— Porque ela veio aqui? — perguntou Henry.

— Você não sabe?

— Creio que sim. Esta moça está se tornando uma maçada.

— Ela veio comunicar que você quer o divórcio.

— Que eu quero me divorciar?

— Sim. Não é verdade?

— Claro que não.

— Você não quer casar com Susan?

— De maneira alguma.

— Pois ela quer casar com você.

— Infelizmente — admitiu Henry. — Vive me telefonando, mandando cartas. Não sei o que fazer com ela.

— Você disse a ela que pretendia se casar?

— Pode ser — respondeu Henry, num tom vago. — Ela deve ter abordado o assunto e eu não neguei... fiquei calado... — Henry sorriu sem graça. — Você não quer se divorciar de mim, quer Shirley?

— Quem sabe — respondeu Shirley.

— Querida...

— Estou ficando cansada, Henry...

— Sou um estúpido, faço tudo errado — disse Henry, ajoelhando-se ao pé do sofá, com um sorriso maravilhoso. — Mas eu amo você, Shirley. Estas bobagens não contam, não querem dizer coisa alguma. Não queria estar casado com outra pessoa no mundo que não fosse você... espero que continue me aceitando...

— Então, o que sentiu por Susan?

— Não poderíamos mudar de assunto? Susan é tão chata!

— Eu gostaria de entender.

— Bem — disse Henry, pensativo. — Por uns quinze dias fiquei louco por ela, não podia dormir, nem comer direito. Depois passei a achar que ela era maravilhosa, mais tarde comecei a achar que era um pouco chata. Ultimamente concluí que ela é o fim!

— Pobre Susan.

— Não se preocupe com ela; é uma mulher amoral e sem escrúpulos.

— Às vezes, Henry, penso que você é um degenerado.

— Não sou — protestou Henry, indignado. — Não vejo por que as pessoas tenham que se manter grudadas. As coisas só têm graça quando não são levadas a sério.

— Egoísta!

— Sou mesmo? Acho que sim! Mas você não se importa, não é?

— Não vou me separar de você, mas estou cheia, ouviu? Não se pode confiar em você com dinheiro... além disso, creio que vai passar a vida tendo casos estúpidos...

— Não, nunca, eu juro, nunca mais.

— Henry, por favor, seja honesto.

— Farei o possível, mas procure compreender que esses casos não significam coisa alguma! Para mim só existe você

— Eu é que estou com vontade de ter um caso — comentou Shirley.

Henry declarou que não a culparia caso isso acontecesse. Em seguida, sugeriu que fossem jantar fora, num lugar divertido. Foi uma noite maravilhosa...

Capítulo Sete

Mona Adams estava em seu elemento. Estava dando uma festa. Geralmente, quem se divertia mais nestas ocasiões era ela mesma, ficando sempre rouca de tanto gritar para ser ouvida pelos convidados. Mais um sucesso social da temporada!

— Richard! Que bom que você voltou do Saara, ou foi do Gobi? — gritou ela, recebendo um convidado atrasado.

— Nenhum dos dois lugares, estou chegando de Fezzan.

— Nunca ouvi falar. Que bom vê-lo! Está com uma cor maravilhosa. Com quem está com vontade de conversar? Com Pam, com Pam... ela é divina. Ouça Pam, este aqui é Sir Richard Wilding, o explorador... camelos, caçadas e desertos. Lembra-se dos livros dele? Ele está chegando de um desses lugares como o Tibete, eu acho...

Mona virou-se para o lado e deu outro berro em direção a outro convidado.

— Eu o vi ontem na televisão — disse Pam, encantada. — Que maravilha conhecê-lo pessoalmente.

Richard não teve muito tempo para ouvi-la com atenção, pois seus olhos pousaram numa pessoa que não via há anos. Depois de um certo tempo, conseguiu finalmente encaminhar-se para o lado da maravilhosa criatura.

— Shirley, este aqui é Richard Wilding.

Richard sentou-se no sofá.

— Estes lugares são impossíveis de conversar. Você não gostaria de escapar comigo, para tomarmos um drinque num lugar calmo?

— Adoraria. Isto aqui parece mais um jardim zoológico. Com uma agradável sensação de fuga os dois escaparam da festa.

Wilding chamou um táxi.

— Acho que está um pouco tarde para beber — disse ele, olhando o relógio. — Que tal se fôssemos jantar?

Deu ao chofer o nome de um restaurante. Depois que pediram os pratos, Richard sorriu para Shirley.

— Este é o momento mais agradável que estou tendo desde que voltei da selva. Já tinha me esquecido o que era um coquetel na Inglaterra. Por que será que continuamos a insistir?

— Espírito de imitação, eu acho — disse Shirley.

O ar de aventura nos olhos dela eram inesquecíveis: Shirley olhou para o atraente e bronzeado cavalheiro à sua frente e sorriu satisfeita por ter conquistado o prêmio máximo da festa.

— Já sei toda a sua vida — continuou ela —, e já li seus livros.

— Eu não sei nada sobre você, a não ser que se chama Shirley. Shirley de quê?

— Glyn-Edwards.

— E é casada — comentou ele, olhando para o anel no dedo da moça.

— Sim e moro em Londres e trabalho numa loja de flores.

— Gosta de morar em Londres, trabalhar numa florista e ir a festas?

— Não muito.

— Que gostaria de fazer... de ser?

— Deixe-me ver — respondeu Shirley, semicerrando os olhos. — Gostaria de morar numa ilha... bem longe da civilização, numa casa branca, com venezianas verdes e não fazer absolutamente nada o dia inteiro. Na ilha teria frutas e cascatas de flores... cor e cheiro... um luar maravilhoso... e à noite o mar pareceria roxo...

Ela suspirou e abriu os olhos.

— Não sei por que pensei numa ilha. Vai ver não seria tão bom assim.

— Estranho o que você disse — murmurou Richard.

— Por quê?

— Porque eu podia dar a você uma ilha.

— É dono de uma ilha?

— Uma boa parte pelo menos. É muito parecida com sua descrição. O mar parece vinho escuro à noite, minha vila é branca com venezianas verdes, as flores caem em cascatas, existe uma grande mistura de cheiro e ninguém vive apressado...

— Que lindo. Parece uma ilha de sonho...

— Mas é verdadeira.

— Como consegue sair de lá?

— Não tenho escolha. Um dia, quem sabe, me instalo de vez e nunca mais saio de lá.

— No que fará muito bem.

O garçom trouxe o primeiro prato e o encanto foi quebrado. A conversa tornou-se mais trivial.

Mais tarde, Richard levou Shirley para casa. Ela não o convidou para entrar.

— Espero vê-la breve — disse Richard.

Apertou a mão dela mais do que o necessário e ela corou. Para disfarçar o pequeno momento de intimidade, Shirley saiu correndo.

Aquela noite ela sonhou com a ilha.

* * *

— Shirley?

— Sim.

— Você sabe que estou apaixonado por você, não sabe?

Ela assentiu com a cabeça vagarosamente, pensando como seria difícil explicar o que acontecera nas três últimas semanas; tudo mudara, parecia uma fantasia e ela vagando num permanente estado de abstração.

Shirley sabia que estava cansada, muito cansada, e que por causa disso vinha sentindo um delicioso sentimento de torpor como se estivesse pairando nas nuvens.

Neste estado os seus valores íntimos foram revistos e mudaram, como se Henry e tudo que lhe dissesse respeito tivesse se tornado longínquo e distante; ao passo que Richard Wilding ocupava o primeiro plano — uma figura romântica maior do que sua própria imaginação sonhara.

Shirley olhou para ele com seriedade.

— Você me ama? — perguntou Richard.

— Não sei...

O que ela sentia na realidade? Sabia que diariamente este homem ocupava mais e mais seus pensamentos; que sua Proximidade a excitava. Sabia também que estava se arriscando num jogo perigoso que poderia arrastá-la num torvelinho de paixões. Mas, além de tudo, tinha certeza de que não queria deixar de vê-lo.

— Você é muito leal, Shirley, nunca me disse coisa alguma sobre seu marido.

— Por que deveria falar no meu marido?

— Já ouvi falar dele.

— Falam demais — comentou Shirley.

— Além de ser infiel, parece que não a trata muito bem.

— Isto é verdade.

— Também não lhe dá o que você merece: amor, cuidado, ternura.

— Henry me ama à sua maneira...

— Talvez, mas você deseja muito mais...

— Nem sempre desejei.

— Mas agora deseja. Você quer... sua ilha, Shirley.

— Ah, a ilha... foi apenas um sonho...

— Um sonho que pode tornar-se realidade.

— Talvez, mas não creio.

— Pode tornar-se realidade, eu disse.

Uma brisa fria, vinda do rio, soprou pelo terraço. Shirley levantou-se, puxando o casaco.

— Não devemos falar assim — disse ela —, estamos nos comportando como crianças. O que nós estamos fazendo é infantil e perigoso.

— Talvez, mas você não ama seu marido. Você me ama.

— Sou a esposa de Henry.

— Você me ama.

— Sou a esposa de Henry — repetiu Shirley como se fosse uma profissão de fé.

* * *

Ao chegar em casa, encontrou Henry estirado no sofá ainda vestido nas suas roupas de tênis.

— Acho que estirei um músculo — queixou-se ele, fazendo uma careta de dor.

— O que andou fazendo?

— Jogando tênis em Roehampton.

— Você e Stephen? Pensei que fossem jogar golfe.

— Mudamos de idéia. Stephen trouxe Mary. Para completar a quadra chamamos Jessica Sandys.

— Jessica? Aquela morena que nós vimos no Archer aquela noite?

— Ah!... sim... é...

— Sua última conquista?

— Shirley já lhe disse que eu prometi...

— Eu sei Henry, mas que são promessas? Ela é sua última amante... está estampado no seu rosto.

— É claro que você vai imaginar coisas — disse Henry emburrado.

— Se eu fosse de imaginar coisas — murmurou Shirley, — imaginaria uma ilha.

— Por que uma ilha? — perguntou Henry, sentando-se no sofá. — Sinto-me todo dolorido.

— É melhor descansar. Um domingo de descanso não lhe fará mal.

— É, talvez seja uma boa idéia.

Na manhã seguinte Henry anunciou que estava melhor.

— Além do mais, prometi que daríamos uma revanche...

— Você, Stephen, Mary e Jessica?

— Sim.

— Ou só você e Jessica?

— Não, nós quatro — respondeu Henry com presteza.

— Que grande mentiroso você é... — disse Shirley, calmamente, quase

sorrindo.

Lembrou-se do jovem que conhecera quatro anos atrás, num jogo de tênis e como se sentira atraída pelo seu desembaraçado. Ele nunca perdera esta qualidade...

O rapaz tímido que viera procurá-la, no dia seguinte, e que esperou pacientemente com Laura até que ela voltasse e que agora perseguia com a mesma determinação essa pobre Jessica.

Henry, pensou ela, não mudou nada. Não quer me magoar mas não pode mudar. Precisa fazer o que tem vontade.

Notou que Henry estava mancando ligeiramente.

— Não creio que você devia jogar tênis — disse ela, impulsivamente. — Deve ter luxado algum músculo. Por que não deixa para o próximo fim de semana?

Mas Henry queria ir e acabou indo.

Voltou às seis horas da tarde e caiu na cama, tão doente que Shirley se assustou.

Apesar dos protestos do marido ela chamou um médico.

Capítulo Oito

O telefone tocou assim que Laura levantou-se da mesa, depois do almoço.

— Laura? Sou eu, Shirley.

— Shirley? O que há? Sua voz está estranha.

— É Henry, Laura. Está no hospital com poliomielite.

Como Charles, pensou Laura, lembrando-se do irmão. Como Charles.

A tragédia para ela, como era criança e não pudera entender tudo que acontecera, adquiriu um novo significado.

A angústia da voz de Shirley era igual a que a mãe sentira.

Charles morrera. Será que Henry morreria?

Meu Deus! Será que Henry morreria?

* * *

— Paralisia infantil é o mesmo que poliomielite, não é? — perguntou Laura ao Sr. Baldock.

— Novo nome para a mesma doença. Por quê?

— Henry.

— Coitado. E você está querendo saber se ele se recuperará?

— Bem... sim!

— Desejando que ele morra?

— Por favor... não me pinte como um monstro.

— Ora, Laura... não me diga que não pensou nisso.

— Os piores pensamentos me passam pela cabeça — disse Laura — mas não iria tão longe.

— Não — disse o Sr. Baldock, — hoje em dia, você não iria tão longe.

— Por que hoje em dia? Não está querendo se referir à Dama de Vermelho? — perguntou Laura, sorrindo da recordação. — O que eu vim dizer é que não vou poder vir visitá-lo todos os dias. Vou para Londres ficar com Shirley.

— Ela quer você?

— Claro que sim — respondeu Laura, indignada. — Henry está no hospital, ela está sozinha, precisa de alguém que lhe faça companhia.

— Provavelmente, provavelmente. É o mais lógico. Não tem importância você me abandonar aqui sozinho.

O Sr. Baldock como semi-inválido adorava sentir pena de si mesmo.

— Querido, sinto muito.

— Mas Shirley vem primeiro. Está bem, está bem, afinal quem sou eu? Um velho chato de oitenta anos, surdo, quase cego...

— Baldy!

O Sr. Baldock sorriu e fechou uma pálpebra.

— Laura, você adora tragédias. Qualquer pessoa que sinta pena de si mesma não precisa de você para coisa alguma. A autocompaixão é um trabalho muito absorvente.

* * *

— Não foi ótimo eu não ter vendido a casa? — perguntou Laura.

Haviam-se passado três meses. Henry não tinha morrido, mas escapara por milagre.

— Se ele não tivesse insistido em jogar tênis quando começou com os primeiros sintomas não teria sido tão grave... agora...

— É muito sério?

— É quase certo que ele ficará paralítico.

— Coitado.

— Os médicos ainda não disseram a ele, porque parece que há ainda esperança...

mas eu creio que é conversa para não desanimar Shirley. De qualquer maneira foi ótimo não ter vendido a casa. Estranho, sempre tive um pressentimento de que não deveria vendê-la... eu vivia me dizendo que era ridículo ter uma casa deste tamanho; que já que eles não tinham filhos não iam precisar de uma casa de campo... além do mais eu estava inclinada a aceitar a direção de uma creche em Mulchester. Mas, já que a venda não se realizou a casa estará pronta para Shirley e Henry quando ele sair do hospital. Pelo visto ainda vai levar uns meses...

— Shirley acha uma boa idéia mudar para cá?

Laura pareceu zangada com a pergunta.

— Não, não sei por que ela me parece indecisa... acho que sei por quê! — disse Laura, olhando com raiva para o Sr. Baldock. — £ melhor que eu saiba — prosseguiu Laura, — ela pode ter-lhe contado o que não gostaria de me dizer. Ela não tem mais dinheiro, é isso?

— Ela não falou comigo — disse o Sr. Baldock, — mas creio que esta é a verdade. Henry deve ter esgotado todas as fontes, tanto a dele quanto a dela.

— Já ouvi muitas histórias — disse Laura. — Não só dos amigos deles como de outras pessoas. O casamento foi desastroso, ele gastou todo o dinheiro dela, passava as noites fora de casa, tem amantes. Mesmo agora, que está tão doente, não consigo perdoá-lo. Como é possível tratar Shirley tão mal? Ela que sempre foi tão cheia de vida, de energia e confiança. — Laura levantou-se e começou a

andar pela sala. Tentou controlar a voz.

— Por que deixei-a se casar com Henry? Poderia ter impedido de alguma forma, adiado até que ela pudesse perceber como ele era na realidade. Mas ela estava com tanta pressa... queria casar e eu cedi.

— Ora, ora, Laura.

— O pior não é isso. Eu queria demonstrar que não era possessiva e para me experimentar deixei que ela mergulhasse nesse casamento infeliz...

— Já disse a você que não deve se preocupar tanto com a felicidade ou a infelicidade dos outros...

— Não suporto ver Shirley sofrer. Sei que você não se incomoda.

— Shirley, Shirley! Eu me preocupo com você, Laura, sempre me preocupei.

Desde que a vi no jardim, vivendo num mundo de fadas, preocupada com a vida como se fosse um juiz. Você tem uma capacidade enorme para sofrer, mas não sabe minimizar isto, apelando para o bálsamo da autopiedade. Você simplesmente não pensa em si mesma!

— Mas o que tenho com isso? Não é meu marido que está com paralisia infantil.

— Parece que é, pelo carnaval que você está armando. Sabe o que quero para você, Laura? Uma felicidade cotidiana, um marido, umas crianças barulhentas. Você sempre foi tão trágica, desde pequena... precisa um pouco de comédia se quiser ser uma pessoa completa. Não carregue os sofrimentos do mundo nas costas. Jesus Cristo já fez isso por nós. Além do mais, não pode viver a vida dos outros, nem mesmo a de Shirley.

Ajude-a, mas não se preocupe tanto.

— Você não compreende — exclamou Laura, pálida.

— Você é como todas as mulheres; uma tempestade num copo d'água.

Laura olhou para o amigo por um instante e em seguida virou as costas e saiu da sala.

— Estúpido que sou! — murmurou Baldock, em voz alta. — Como sempre falei de mais!

Baldock surpreendeu-se quando a porta se abriu e Laura encaminhou-se para ele.

— Você é terrível — disse ela, beijando-o.

Laura saiu novamente, deixando o pobre Sr. Baldock, piscando os olhos, envergonhado.

Como era hábito ultimamente, começou a falar sozinho.

— Por favor, Senhor! ajude-a — disse ele, olhando para o teto, formulando uma prece. — Eu não posso. Creio que já foi muita presunção de minha parte tentar ajudá-la.

Ao saber da doença de Henry, Richard Wilding escreveu uma carta a Shirley, expressando sua simpatia. Um mês depois, escreveu novamente, pedindo para vê-la.

— Não creio que devamos nos encontrar — escreveu ela. — Atualmente, minha única realidade é Henry. Creio que você pode compreender. Adeus.

A resposta dele chegou em seguida.

"Você respondeu como eu esperava que respondesse. Deus a abençoe, minha querida, agora e sempre..."

Isto pensou Shirley, era o ponto final daquela história.

Henry ia viver, e o que ela teria pela frente, de agora em diante, eram as dificuldades práticas da existência; ela e Henry estavam sem dinheiro; quando ele saísse do hospital seria um inválido e a primeira coisa que precisariam era uma casa para morar.

A única saída era Laura que, generosa, boa, os convidou para morar em Bellbury. Mas, por uma estranha razão, Shirley não queria ir.

Henry, que se tornara rebelde e amargo, não mais o despreocupado conquistador, chamou-a de louca.

— Não sei por que você se recusa. É a única solução. Graças a Deus, Laura não vendeu a casa. Lá tem muito lugar. Podemos ter um quarto enorme e um enfermeiro ou coisa parecida, se for necessário, para mim. Não sei por que você está tão indecisa.

— Não podemos ir morar com Muriel?

— Ela teve um derrame, você sabe disso muito bem. Deverá ter outro, em breve.

Tem uma enfermeira, está quase arruinada, por causa dos impostos e está completamente gagá. Não tem condição. Por que não podemos morar com Laura? Ela nos ofereceu a casa, não foi?

— Claro que sim. Várias vezes.

— Então? Por que não? Laura adora você...

— Sei disso, mas...

— Está bem, adora você mas não gosta de mim. Melhor para ela! Pode se divertir vendo um aleijado...

— Não diga isso, Henry. Laura não faz este gênero.

— Que importa o gênero de Laura? Que me importa coisa alguma? Sabe o que eu estou passando? Sabe o que é ser incapaz, inerte, sem poder se mexer na cama? Que se importa você com isso?

— Não seja idiota.

— Amarrada a um inválido. Muito divertido.

— Não me incomodo com isso.

— Você é como todas as mulheres. Adora tratar de um homem como se ele fosse uma criança. Dependo de você e espero que se divirta muito com isso.

— Diga o que quiser — disse Shirley. — Sei o que está passando.

— Pensa que sabe. É impossível saber. Queria estar morto! Por que estes malditos médicos não me mataram? Era a melhor solução. Vamos, diga alguma daquelas frases bonitas e consoladoras que você decorou...

— Muito bem — disse Shirley. — Vou dizer algo que vai lhe deixar furioso. Foi pior para mim do que está sendo para você.

Henry olhou para ela furioso e então, sem querer, riu.

— Você percebeu que eu estava blefando, não é? — disse ele, por fim.

Shirley escreveu para Laura um mês depois.

“Querida Laura, é muita bondade sua nos receber. Você não deve se aborrecer com Henry e com o que ele diz, pois está inconformado Ele nunca precisou fazer coisa alguma que não desejasse, por isso atualmente tem ataques de ódio horríveis. É realmente terrível isto ter acontecido logo com ele”.

Uma carinhosa resposta de Laura, veio em seguida.

* * *

Duas semanas depois Shirley e o marido inválido vieram para a casa.

Por que, pensou Shirley, ao ser envolvida pelo carinho da irmã, eu não queria vir para esta casa? Sua própria casa, dentro de um círculo de proteção e cuidado? Sentiu-se criança outra vez.

— Laura — mentiu Shirley, — que bom estar de volta. Estou tão cansada, tão cansada.

Laura ficou horrorizada com o aspecto físico da irmã.

— Minha querida, você tem passado por uma grande provação... agora não se preocupe mais.

— Não se preocupe com Henry, isto sim — admoestou Shirley, ansiosa.

— É claro que não vou me incomodar com o que Henry diz. Como poderia? É horrível para um homem, especialmente um homem como Henry, ficar totalmente incapaz. Deixe-o desabafar à vontade...

— Laura, você compreende...

— Claro que compreendo.

Shirley suspirou aliviada. Até aquela manhã ela não tinha se dado conta da tensão nervosa em que estivera vivendo.

Capítulo Nove

Antes de viajar para o exterior, Sir Richard Wilding foi a Bellbury.

Shirley leu a carta que ele enviou certa manhã, mostrando-a em seguida para Laura,

— Richard Wilding, o famoso explorador?

— Sim.

— Não sabia que era seu amigo.

— É... você vai gostar dele.

— Devemos convidá-lo para almoçar. Você o conhece bem?

— Durante uma época — respondeu Shirley, — pensei que estivesse apaixonada por ele.

— Oh! — exclamou Laura, espantada com a revelação.

Richard chegou mais cedo do que se esperava. Shirley estava com Henry e Laura recebeu-o, levando-o para dar uma volta pelos jardins.

É o homem com quem Shirley deveria ter-se casado, pensou Laura, imediatamente. Gostou da calma, do calor, da simpatia e da autoridade que ele transmitia.

Se ao menos Shirley nunca tivesse encontrado Henry! Henry, com seu charme, sua instabilidade e sua falta de escrúpulos!

Richard perguntou, por educação, sobre o doente. Depois das respostas convencionais, voltou-se para Laura.

— Eu o conheci ligeiramente. Não gostei dele.

Em seguida, perguntou abertamente:

— Por que não impediu esse casamento?

— Como?

— Poderia ter arranjado um jeito.

— Será? Não sei...

Os dois não estranharam o tom de intimidade da conversa.

— É melhor dizer — prosseguiu ele — caso não saiba ainda. Estou apaixonado por Shirley.

— Foi o que eu pensei.

— Sei que não adianta. Ela não vai abandoná-lo jamais!

— E o senhor acharia isto possível? — perguntou Laura, secamente.

— Não, não seria Shirley se agisse desta maneira. Acha que ela ainda gosta dele?

— Não sei. Naturalmente morre de pena do marido.

— E ele, como vive?

— Não vive — disse Laura, severa. — Não possui a menor contenção ou dignidade. Desabafa em cima dela.

— Miserável.

— Nós devíamos ter pena dele.

— Não deixo de ter. Mas, ele sempre a tratou mal. Todo o mundo sabe disso. A senhorita sabia?

— Ela nunca me disse coisa alguma, mas é claro que eu ouvi comentários.

— Shirley é leal, leal até o fim.

— Sim.

Depois de um pequeno silêncio, Laura desabafou.

— O senhor tem toda a razão. Eu deveria ter impedido o casamento de qualquer maneira. Ela era tão jovem, tão inexperiente! Eu fui a culpada.

— A senhorita tomará conta dela, não é? — perguntou Richard, emocionado.

— Shirley é a única pessoa no mundo para mim.

— Aí vem ela — avisou Richard.

Ambos olharam para Shirley, que caminhava pelo gramado, dirigindo-se para eles.

— Como está pálida e magra — murmurou Richard. — Minha pobre e corajosa menina...

* * *

Depois do almoço Shirley levou Richard para passear perto do ribeirão.

— Henry está dormindo. Posso passear um pouco.

— Ele sabe que estou aqui?

— Eu não contei.

— Você está sofrendo muito?

— Estou... bastante. Nada que eu diga ou faça parece agradá-lo. Isto é que é o pior.

— Você achou ruim eu ter vindo?

— Não, se foi para se despedir.

— Vim para me despedir mesmo. Você nunca o deixará...

— Não, nunca.

Richard parou e tomou as mãos da moça.

— Só uma coisa, minha querida. Se precisar de mim... a qualquer hora... mande me dizer. Basta uma palavra: “Senha”. Virei não importa onde estiver.

— Meu caro Richard.

— Adeus então, Shirley.

Ele tomou-a nos braços. O corpo dela cansado e combalido pareceu ressurgir

para a vida. Ela beijou-o com fúria e desespero.

— Eu amo você, Richard, amo, amo...

Em seguida, ela murmurou:

— Adeus. Não, não volte comigo.

Desprendeu-se dele e correu para casa.

Richard Wilding praguejou baixinho. Amaldiçoou Henry Glyn-Edwards e a paralisia infantil.

* * *

O Sr. Baldock estava definitivamente acamado. Duas enfermeiras a quem ele detestava indistintamente, se ocupavam dele. O único saldo positivo era a visita diária de Laura.

A enfermeira que estava de serviço, ao ver Laura, retirou-se diplomaticamente, enquanto o Sr. Baldock descrevia como era vítima da incompetência dessas mulheres.

— É tão altiva — gritou ele, em falsete. — Como vamos, hoje de manhã?

Porque vamos, se estou sozinho, perguntei a ela. A outra é uma maldita gorda, sem graça, que quando ri parece um orangotango.

— Não seja grosseiro, Baldy.

— Bah! Elas não se importam, não ligam. Me apontam com o dedo, dizendo:

“Travesso! Travesso!” Como eu gostaria de ferver estas mulheres no óleo.

— Não se excite tanto, isto não lhe faz bem.

— Como vai Henry? Ainda representando?

— Está realmente insuportável. Tento ter pena dele, mas não consigo.

— É difícil compreender as mulheres. No fundo, elas tem um coração de pedra.

Morrem por um pássaro ferido, mas não ligam quando um homem passa pelas agonias do inferno!

— Quem está passando por um inferno é Shirley... e por causa dele.

— Claro, ela serve de bode expiatório. Para que serve uma mulher se não para um sujeito se desabafar?

— Tenho medo de que ela tenha uma estafa.

— Não tem perigo — gritou Baldock, com desprezo. — Ela! Hum, é forte e tem muita coragem.

— Vive sob uma tremenda tensão.

— O que era de se esperar. Afinal ela casou-se com ele!

— Também não podia adivinhar que ele fosse ter pólio...

— Teria feito as mesmas besteiras. Que história é esta que me contaram sobre

um romântico espadachim que veio visitá-las?

— Baldy, como é que você consegue estas informações?

— Mantenho os ouvidos abertos. Para que serve uma enfermeira, se não para contar maledicências?

— Era Sir Richard Wilding, o explorador.

— Dizem que é um homem formidável... fez um péssimo casamento, antes da guerra, com uma prostituta. Depois da guerra teve que mandá-la embora. Parece que ficou muito chocado com a história... Também que estupidez casar com um uma mulher dessas... Ah! esses idealistas...

— Ele é muito simpático.

— Gostou dele?

— É o homem com quem Shirley deveria ter-se casado.

— Ora, pensei que você é que estivesse apaixonada por ele. Que pena!

— Não pretendo me casar.

— Ah, ah, ah, ah! — riu o Sr. Baldock, grosseiramente.

* * *

— A senhora precisa tomar umas férias, Sra. Glyn-Edwards — disse o jovem doutor. — Descansar, mudar de ar, por uns tempos...

— Não posso sair daqui — disse Shirley, indignada.

— Está muito abatida, estou lhe prevenindo — retrucou o Dr. Graves, num tom sério. — Vai acabar tendo uma estafa se não tomar cuidado!

Shirley riu.

— Estou muito bem.

— O Sr. Glyn-Edwards é um paciente muito difícil — continuou o Dr. Graves, sacudindo a cabeça.

— Se ao menos ele se resignasse, um pouco... — disse Shirley.

— Na verdade ele não se conforma.

— O senhor acha que eu o prejudico? Que o irrito?

— A senhora tornou-se uma válvula de escape. É um papel muito difícil. Mas, a senhora está se desincumbindo muito bem...

— Obrigada.

— Continue com as pílulas para dormir. É uma dose forte, mas ele precisa descansar à noite, principalmente porque se excita tanto durante o dia. Só precisa tomar cuidado em não deixar as pílulas perto dele...

Shirley empalideceu.

— O senhor não acha que...

— Não, não — interrompeu o médico, rapidamente. — Ele não é

absolutamente o tipo do suicida, apesar de dizer, às vezes, que gostaria de se matar. É somente uma reação histérica. Não, o perigo é ele acordar, no meio da noite, meio drogado, esquecer que já tomou as pílulas e repetir a dose. Por isso precisamos ter cuidado.

— É claro.

Ela despediu-se do médico e voltou para junto do marido, que estava num dos seus piores dias...

— Bem, o que disse, o médico? Que eu estou apenas um pouco irritado... mas que não há razão para se preocupar...

— Oh! Henry — disse Shirley, afundando numa cadeira, — será que não poderia ser um pouco mais gentil?

— Gentil, com você?

— Sim, eu estou tão cansada... se ao menos você fosse um pouco delicado.

— Não sei do que você se queixa! Não é você que se tornou um feixe de ossos inúteis... goza de ótima saúde ao que me consta...

— Você acha que eu estou bem? — perguntou Shirley.

— O médico convenceu-a a tomar umas férias?

— Ele sugeriu que eu descansasse um pouco.

— E naturalmente você vai passear por umas semanas em Bournemouth.

— Não, não vou.

— Por que não?

— Não quero deixar você.

— Não me importo se você for ou ficar. Você para mim não serve para nada, ouviu?

— Parece que não — disse Shirley, calmamente.

Henry sacudiu a cabeça nervoso.

— Onde estão minhas pílulas para dormir? Você esqueceu de me dar, ontem à noite...

— Não esqueci.

— Esqueceu sim. Acordei, pedi à enfermeira, mas ela fez de conta que eu já tinha tomado minha dose.

— Era verdade... você deve ter esquecido.

— Vai à casa do pároco, hoje à noite?

— A não ser que você não queira.

— Vá, senão vão dizer que sou um grande egoísta. Eu disse à enfermeira que fosse também.

— Eu fico.

— Não há necessidade. Laura pode tomar conta de mim. Engraçado... nunca gostei de Laura, mas agora que estou doente reconheço que ela pode ser uma

pessoa reconfortante. Ela tem uma força interior que me acalma...

— É verdade, Laura sempre foi assim. Dá sempre alguma coisa para a gente... é melhor do que eu, que só sirvo para irritá-lo.

— Você é muito chata, às vezes...

— Henry?

— Sim?

— Nada.

Antes de sair, Shirley passou pelo quarto e pensou que Henry estivesse dormindo. Debruçou-se sobre ele, e seus olhos se encheram de lágrimas; ao se voltar, ele tocou na manga do vestido dela.

— Shirley...

— Sim, querido?

— Shirley, não me odeie.

— Odiar você? Como posso odiá-lo?

— Você está tão pálida, tão magra — resmungou Henry. — Eu a esgotei, mas não consigo me controlar... não consigo. Sempre odiei qualquer doença ou dor. Na guerra, eu não me preocupava em morrer mas não conseguia entender como os outros podiam suportar, quando ficavam aleijados ou disformes. — Eu sei, compreendo...

— Sim, sou um egoísta, eu sei. Mas vou melhorar... pelo menos minha cabeça vai melhorar, já que meu corpo não dá mais nada. Nós talvez consigamos vencer esta fase... basta você ter paciência e não me abandonar.

— Não vou abandoná-lo.

— Eu a amo Shirley... é verdade, sempre a amei. Nunca houve outra a não ser você... nunca haverá outra. Nestes últimos meses você tem sido tão boa e eu sei que tenho sido um canalha. Diga que me perdoa...

— Não há o que perdoar. Eu amo você.

— Mesmo sendo aleijado um homem pode aproveitar a vida. — Nós vamos aproveitar a vida.

— Não vejo como.

— Bem, pode cultivar o gosto pela comida — disse Shirley, com um tremor na voz.

— E pela bebida — disse Henry, com um ligeiro sorriso.

— Dedicar-se à Matemática.

— Para mim seria melhor as palavras cruzadas. Amanhã, na certa estarei com o mesmo humor de sempre.

— Mesmo assim, não me importarei...

— Onde estão minhas pílulas...

— Vou trazê-las.

Ele as engoliu obedientemente.

— Pobre Muriel — disse Henry, de repente.

— Por que se lembrou dela, agora?

— Lembrei-me da primeira vez que levei você à casa dela. Você estava com um vestido de listras amarelas. Devia ter ido visitá-la mais vezes, mas ela era tão chata... eu sempre detestei os chatos... e agora também sou um deles.

— Não, não é.

No andar debaixo ouviu-se a voz de Laura.

— Shirley!

Ela beijou o marido e desceu as escadas triunfante.

Laura informou que a enfermeira já tinha ido na frente.

— Estou atrasada? Vou correndo.

Ao sair, apressada, Shirley lembrou-se de uma última recomendação. Voltou a cabeça e gritou:

— Já dei as pílulas ao Henry.

Mas Laura já tinha entrado e estava fechando a porta.

Parte III
LLEWELLYN - 1956

Capítulo Um

Llewellyn Knox abriu as venezianas do quarto do hotel e deixou o perfume da noite penetrar no ambiente. Embaixo, as luzes da cidade piscavam e ao fundo do horizonte refulgiam as luzes do porto.

Pela primeira vez, em muitas semanas, Llewellyn sentiu-se calmo e em paz.

Aqui, talvez, na ilha, ele pudesse parar, avaliar sua situação e seu futuro, cujo destino parecia claro, em linhas gerais, mas confuso em certos detalhes. Ele ultrapassara a agonia, o vazio e o cansaço. Daqui a pouco, bem pouco, recomeçaria uma vida nova; uma vida mais simples, menos requisitante, uma vida comum — com apenas uma desvantagem: estava com quarenta anos.

Voltou-se para o quarto, limpo, decorado com severidade, lavou o rosto e as mãos, tirou algumas roupas da mala e desceu os dois lances de escada que conduziam ao hall. Um porteiro, atrás do balcão, escrevia. Ao ver Llewellyn, levantou os olhos, observou o hóspede, sem curiosidade, e sem maior interesse voltou ao trabalho.

Llewellyn empurrou as portas de correr e ganhou a rua. O ar da noite estava suave e ligeiramente úmido, sem aquele langor exótico dos tópicos. O calor era suficiente para relaxar a tensão. O ritmo acelerado da civilização ficara para trás.

Naquela ilha era como se voltássemos para um outro século, numa época em que as pessoas trabalhavam devagar, com calma, sem tensões ou correrias. Ele sabia que encontraria pobreza, dor e as agruras da carne; mas não teria os nervos à flor da pele, a pressa febril, o medo do amanhã, enfim os males constantes dos grandes centros civilizados. Nada de rostos duros de mulheres de negócios, ou mães inescrupulosas que lançavam os filhos em carreiras loucas ou negociantes que lutavam para sobreviver e salvar os seus, enfim, nada dos rostos ansiosos e cansados da multidão que lutava para manter ou melhorar a existência — nada disso na fisionomia das pessoas que passavam pela rua.

Naquele lugar as pessoas olhavam para ele com simpatia, reconhecendo sem temor um estrangeiro, e voltavam, em seguida, a se ocupar de suas vidas; andavam devagar, sem pressa; talvez estivessem tomando ar ou mesmo que estivessem ocupados em algum trabalho não pareciam tensos: o que não podia ser feito hoje ficaria para amanhã; os amigos que esperaram ontem poderiam esperar um pouco mais, sem preocupação.

Gente séria e educada, pensou Llewellyn, que raramente sorria, não porque fosse triste, mas porque para sorrir é preciso achar graça nas coisas. Desta vez, o sorriso não era uma arma social e sim uma satisfação íntima.

Uma mulher, com uma criança no colo, choramingou algo com o braço estendido. Apesar de não ter entendido uma palavra sequer, ele reconheceu o velho expediente dos pedintes. Colocou uma moeda na mão da mendiga, ouviu o agradecimento mecânico e viu-a seguir seu caminho. O bebê dormia, parecia bem alimentado e a mãe, apesar de envelhecida, não parecia desesperada ou abatida. Talvez, pensou ele, não tivesse necessidade de esmolar, estava somente desempenhando sua profissão de uma maneira maquinai, educada e com bastante êxito para prover comida e abrigo para o filho.

Ele virou na esquina e entrou por uma rua tortuosa que levava ao porto. Duas moças passaram por ele, sorrindo e falando, e embora não tenham olhado para trás era óbvio que estavam sendo seguidas por quatro rapazes que caminhavam por perto.

Llewellyn sorriu novamente; esta devia ser a maneira de namorar da ilha. As moças eram lindas, morenas, de uma beleza que não sobreviveria dez anos, quando então, pareciam uma senhora disforme e gorda que subia uma ladeira amparada pelo sorridente marido.

Llewellyn desceu pela ruela e saiu no porto, repleto de cafés com grandes terraços, onde as pessoas bebiam líquidos coloridos e gelados. Verdadeiras hordas passavam em frente dos cafés, observando Llewellyn como uma novidade, mas sem maior interesse.

O povo estava acostumado com turistas. Os navios aportavam, os estrangeiros desciam para passar algumas horas, às vezes para ficar, geralmente não muito tempo, pois os hotéis eram medíocres e as instalações sanitárias péssimas. Os turistas, pareciam dizer com o olhar, não os interessavam muito, eram de fora e não tinham coisa alguma que ver com a vida da ilha.

Sem sentir, Llewellyn diminuiu o passo. Estivera, até então, andando como uma pessoa que não se coadunava com o lugar, com a pressa de um homem que tinha uma missão a cumprir, ansioso por chegar ao encontro o mais depressa possível.

Mas já não havia mais um lugar certo para ir. Isto era uma verdade tanto espiritual quanto física. Ele era apenas um homem imerso na multidão. Com este pensamento veio-lhe a consciência feliz e segura de irmandade que ele vinha sentindo mais nos últimos áridos meses perdidos. Era quase impossível descrever esta sensação de proximidade, de sentimento com a raça humana, um sentimento que não tinha uma meta, um propósito e que não se ligava, de forma alguma, com a benemerência. Era a consciência pura do amor e da amizade que

não dava coisa alguma, não exigia coisa alguma e não desejava beneficiar ou se beneficiar desta sensação. Poderia se descrever como um momento de amor que açambarcasse uma total compreensão, que era totalmente satisfatório e que por sua própria força inerente não poderia perdurar.

Quantas vezes, pensou Llewellyn, tinha ouvido estas palavras: “tua bondade amorosa para nós e para todos os homens”...

Os homens podiam ter este sentimento embora ele não perdurasse.

De repente, sentiu que havia uma compensação, uma promessa de futuro que ele não havia compreendido. Por mais de quinze anos vivera apartado de tudo...

principalmente do sentimento de irmandade. Era um homem à parte, dedicado ao trabalho. Mas, agora, agora que a glória e a exaustão agonizante tinham acabado, poderia novamente sentir-se um homem entre os homens. Não precisava mais servir — bastava viver.

Llewellyn virou-se e sentou numa das meses do café. Escolheu uma mesa dos fundos, encostada à parede, onde podia ver as outras mesas, as pessoas andando na rua e mais além as luzes do porto e os navios ancorados.

O garçom que trouxe a bebida perguntou numa voz gentil e musical:

— O senhor é americano?

— Sim.

Um leve sorriso cortou o rosto sério do moço.

— Temos jornais americanos aqui. Vou buscá-los.

Llewellyn controlou-se para impedi-lo. O garçom já havia saído e voltou orgulhoso com duas revistas americanas.

— Obrigado.

— De nada, *señor*.

Eram revistas de dois anos atrás, o que agradou muito Llewellyn. pois enfatizavam ainda mais a diferença entre a ilha e a civilização moderna. Naquele lugar pelo menos não seria reconhecido.

Fechou os olhos uns instantes e recordou os vários incidentes dos últimos meses:

— O senhor não é... pensei reconhecê-lo...

— Diga-me, não é o Dr. Knox?

— O senhor é Llewellyn Knox, não é? Gostaria de dizer como fiquei sentido quando soube...

— Eu sabia que devia ser o senhor. Quais são seus planos, Dr. Knox? Sua doença foi terrível... ouvi dizer que está escrevendo um livro. Espero que sim. Vai trazer alguma mensagem nova?

E assim por diante. Nos navios, nos aeroportos, nos hotéis caras ou baratos, nos restaurantes, nos trens. Reconhecido, questionado, sentindo a piedade dos

outros — principalmente das mulheres, com o olhar como se fossem cães de guarda... As mulheres com aquela infinita capacidade de idolatrar...

E a imprensa naturalmente. Pois mesmo atualmente ele ainda era notícia.

(Graças a Deus não o seria por muito tempo). As perguntas cruéis e duras: — Quais são seus planos? O senhor acha que agora que...? Posso dizer aos meus leitores que o senhor tem fé? Poderia nos dar alguma mensagem?

Mensagem, mensagem, sempre uma mensagem! Para os leitores de um jornal, de uma revista, para os pais, para as mulheres e os homens...

Mas, ele não tinha mensagem alguma para transmitir. Tinha sido um mensageiro, isto sim, o que era uma outra coisa. Mas isto ninguém parecia compreender. Descansar era o que ele precisava. Descansar e ter tempo para avaliar-se e pensar no que fazer. Tempo para meditar, para recomeçar aos quarenta anos e viver enfim sua vida. Precisava descobrir o que lhe acontecera, a ele, Llewellyn Knox, o homem, durante os quinze anos que trabalhara como mensageiro.

Bebericando um licor colorido, olhando as pessoas, as luzes, o porto, ele pensou que aquele seria o lugar ideal para se descobrir. Não desejava a solidão do deserto, queria a proximidade com as pessoas, pois por natureza não era um recluso, nem ateu.

Não tinha também vocação para a vida monástica... só precisava descobrir o que e quem era Llewellyn Knox.

Quando chegasse a uma conclusão poderia recomeçar a vida novamente.

Tudo, no fim, se resumia às três perguntas de Kant:

O que sei?

Que posso desejar?

Que devo fazer?

Das três, ele só podia responder apenas a segunda.

O garçom voltou e parou perto da mesa.

— Boas revistas? — perguntou, feliz. Llewelly sorriu.

— Sim.

— Não são muito novas...

— Não tem importância.

— Não mesmo — disse o garçom, com segurança. — O que era bom o ano passado ainda é bom hoje em dia. Veio de navio? O *Santa Margheritta?* Aquele lá?

— Sim.

— Sai amanhã ao meio-dia, não é?

— Talvez, não sei. Eu vou ficar aqui...

— Veio passear? É um lugar bonito, segundo os turistas. Vai esperar o

próximo navio, o de terça-feira?

— Talvez fique mais. Não sei.

— Tem negócios aqui?

— Não, não tenho.

— As pessoas não costumam ficar aqui muito tempo, a não ser que estejam a negócios. Queixam-se dos hotéis e da falta do que fazer.

— Mas, tenho certeza de que aqui há tanto o que fazer como em qualquer outro lugar do mundo.

— Para nós que moramos aqui, sim. Temos nossa vida e nosso trabalho. Mas, para os estrangeiros, não. Apesar de alguns deles morarem aqui... Conhece Sir Wilding, um inglês? Tem uma casa enorme, herança de um avô. Ele mora aqui o tempo todo, vive escrevendo livros. É muito famoso e respeitado.

— Você se refere a Sir Richard Wilding?

O garçom assentiu com a cabeça.

— Este mesmo. Nós o conhecemos há vários anos. Durante a guerra não esteve por aqui, mas veio logo depois. Ele também pinta quadros... temos também um francês que tem uma casinha em Santa Dolmea, e um inglês com a esposa que moram no outro lado da ilha... são muito pobres e os quadros dele muito esquisitos. Ela esculpe figuras em pedra.

O garçom calou-se e correu para uma mesa, cuja cadeira inclinada indicava que estava reservada. Agarrou a cadeira e afastou-se cerimoniosamente para dar passagem à dona da mesa.

Ela sorriu agradecida e sentou-se, sem dizer coisa alguma. O garçom retirou-se.

A senhora colocou os cotovelos sobre a mesa e olhou para o porto.

Llewellyn observou-a com surpresa.

Ela usava um xale espanhol, bordado com flores, de fundo esmeralda, como várias mulheres do país, mas ele teve certeza de que ela era americana ou inglesa. Era loura, o que a destacava das outras mulheres do café; a mesa que ocupava ficava quase escondida sob uma grande trepadeira de buganvílias. Qualquer pessoa que ocupasse aquela mesa deveria ter a sensação de estar, numa caverna coberta de vegetação, observando o mundo e mais especificamente as luzes dos navios e os reflexos na água.

A jovem apreciava a vista sem se mexer, como se estivesse aguardando alguma coisa. O garçom trouxe-lhe a bebida e ela sorriu silenciosa. Envolvendo o copo com as mãos ela bebericou enquanto continuava absorta com a paisagem.

Llewellyn notou as jóias que ela usava: um anel de esmeraldas numa mão e um chuveiro de brilhantes na outra sob o xale exótico um vestido simples de gola *roulé* preto.

Ela não olhava ou prestava atenção às pessoas das mesas ao lado e estas não pareciam tomar conhecimento dela, a não ser por um rápido olhar de reconhecimento.

Era óbvio que ela era uma frequentadora assídua do café.

Llewellyn se perguntou quem seria. Pareceu-lhe estranho que uma jovem de classe estivesse ali, sentada sozinha, àquela hora da noite. Aparentemente, no entanto, ela parecia muito à vontade, com jeito de quem estava simplesmente cumprindo uma rotina. Talvez um acompanhante viesse encontrá-la, mas tempo passou e ela continuou sozinha. Às vezes, fazia um pequeno gesto e o garçom trazia outra dose.

Quase uma hora depois, Llewellyn pediu a conta e preparou-se para sair. Quando passou pela mesa, olhou a moça. Ela pareceu ignorá-lo, como até então ignorara o ambiente à sua volta. Limitava-se a olhar para o copo ou para o mar, sem mudar de expressão. Era como se estivesse longe dali.

Quando Llewellyn saiu do café e entrou pela rua estreita que levava ao hotel, teve um impulso de voltar para falar com ela e para preveni-la. Por que o verbo prevenir havia-lhe ocorrido? Por que pensara nela como numa pessoa que estivesse em perigo?

Sacudiu a cabeça. Não podia fazer coisa alguma, mas tinha certeza de que estava com a razão.

* * *

Duas semanas depois e Llewellyn ainda estava na ilha. Os dias entraram em rotina; andava, descansava, lia, andava novamente, dormia. À noite, depois do jantar, ia para o porto e sentava-se no café. Bem cedo desistiu de ler qualquer coisa, foi uma das coisas que ele eliminou da rotina diária.

Vivia somente para si mesmo, e ele sentia que estava certo. Não estava só, e sim no meio de pessoas semelhantes, com quem se sentia em casa, embora nunca falasse com ninguém. Não evitava, nem procurava contatos: às vezes, conversava com várias pessoas, mas sobre assuntos superficiais, meras cortesias banais. As pessoas lhe desejavam boa sorte, ele retribuía, mas ninguém queria interferir na vida alheia. Neste círculo de conhecimentos havia uma exceção. Llewellyn se perguntava constantemente pela moça que vinha ao café e sentava-se na mesa sob as buganvílias; e embora ele frequentasse vários cafés, geralmente voltava sempre àquele que fora seu escolhido na primeira noite. Lá, em diversas ocasiões, viu a moça inglesa. Ela sempre chegava tarde da noite, sentava-se à mesma mesa e ele descobriu que ela ficava até que quase todos os fregueses tivessem se retirado. Embora ela fosse um mistério para ele, não

parecia ser um mistério para os outros.

Um dia, resolveu falar sobre ela com o garçom.

— A *señora* que senta ali é inglesa?

— Sim, é.

— Mora na ilha?

— Sim.

— Não vem aqui todas as noites?

O garçom pesou a resposta que daria com gravidade.

— Ela vem quando pode.

Uma curiosa resposta que fez Llewellyn refletir. Ele não perguntou o nome da moça pois, se o garçom quisesse dizer já teria dito: “é fulana de tal e mora em tal e tal lugar”. Mas, como não disse coisa alguma, Llewellyn deduziu que havia uma razão para que o garçom silenciasse a este respeito.

Em vez disso, resolveu perguntar o que ela bebia.

— *Brandy* — disse o garçom, se retirando.

Llewellyn pagou a bebida e despediu-se. Passou pelas mesas e ficou parado na rua, antes de se misturar com os transeuntes.

De repente, voltou-se e com firme decisão encaminhou-se para a mesa sob a buganvília coral.

— Incomoda-se — disse ele, — se eu sentar e falar com a senhora um instante?

Capítulo Dois

Ela voltou o olhar vagarosamente, desviando-os das luzes do porto.

Por um momento, os olhos permaneceram abertos e desfocados. Ele sentiu o esforço que ela estava fazendo para voltar de tão longe.

Viu também, com pena, quão jovem era. Não só em anos (devia ter uns 23 ou 24 anos) como também em maturidade. Era como um botão de rosa que não pôde crescer por causa da geada — apesar de manter uma aparência normal podia ver-se que não desabrocharia mais, como também não feneceria; simplesmente, com o tempo, cairia por terra, ainda em botão. Era como uma criança perdida. Llewellyn reparou também na sua beleza... era realmente muito, muito bela. Os homens sempre a achariam bela, desejariam ajudá-la, protegê-la, idolatrá-la. Num jogo de cartas seria o que se chama uma mão cheia de azes. Mas, ali estava sentada, olhando para uma distância imprevisível como se no seu caminho tivesse mudado o rumo e se perdido.

Os olhos, abertos e profundamente azuis, fixaram-se nele.

— Oh! — murmurou, surpresa.

Ele esperou.

Ela sorriu.

— Por favor — disse ela.

Ele puxou a cadeira e sentou-se.

— O senhor é americano? — perguntou ela.

— Sim.

— Veio no navio?

Os olhos dela voltaram-se por um instante para o porto, onde estava ancorado um navio... aliás como sempre.

— Vim. mas não neste. Já estou aqui há umas duas semanas.

— A maioria das pessoas não costuma ficar tanto tempo — disse ela, num tom afirmativo, não interrogativo.

Llewellyn chamou o garçom e pediu um Curaçao.

— Posso lhe oferecer qualquer coisa?

— Obrigada, ele sabe o que bebo.

O garçom fez um ligeiro cumprimento com a cabeça e retirou-se.

Os dois ficaram calados por um instante.

— Creio — disse ela, por fim, — que se sente só. Não existem muitos ingleses ou americanos por aqui.

Ela estava tentando situar por que Llewellyn quisera conversar com ela.

— Não — disse ele, — não me sinto só. Estou até contente por estar só.

— Isto não é muito comum, é?

O fervor com que ela fez a pergunta, surpreendeu-o.

— Compreendo — disse ele, — é por isso que vem aqui?

Ela concordou com a cabeça.

— Para estar só, mas eu vim atrapalhá-la.

— Não, não tem importância. O senhor é um estrangeiro, compreende?

— Sim.

— Nem sei seu nome.

— Quer saber?

— Prefiro não saber. Também não vou lhe dizer o meu. Talvez já lhe tenham dito — acrescentou ela, em tom de dúvida. — Todo o mundo aqui me conhece.

— Não, não me disseram. Creio que compreendem que a senhora não quer que o digam.

— Eles entendem. São todos tão educados... não por terem aprendido, são naturalmente educados. Até vir para cá, não podia acreditar que a cortesia natural pudesse ser uma coisa tão maravilhosa... tão positiva.

O garçom voltou com duas bebidas. Llewellyn pagou e em seguida olhou para o copo que a moça segurava com as duas mãos.

— *Brandy?*

— Sim, ajuda muito.

— Ajudava-a a sentir-se só? É por isso?

— Me liberta, é tudo.

— E a senhora não é livre?

— Conhece alguém livre?

Ele pensou na pergunta, dita sem amargura, como era de se esperar. Era como se estivesse perguntando uma coisa simples e banal.

— O destino de todo o homem está amarrado no seu pescoço... é isso que sente?

— Não, não é bem isso. Posso entender que se pense assim, como se a vida fosse traçada como o curso de um navio, e enquanto nos mantivermos na rota, nada de mal nos acontecerá. Mas eu me sinto como um barco que, de repente, perdeu a rota. E aí, então, a gente se sente perdido, sem rumo, fica-se ao sabor do vento e do mar, sem liberdade, à mercê do imponderável — vítima da própria situação. Quanta bobagem estou dizendo. Deve ser o *brandy.*

Ele concordou.

— Em parte, não tenho dúvida. E para onde está sendo arrastada?

— Para longe... é tudo... bem longe.

— De que realidade precisa fugir?

— Nenhuma, absolutamente nenhuma. Esta é a parte terrível da história. Sou

uma dessas pessoas afortunadas que têm tudo — repetiu ela, sombriamente. — Tudo...

não quero dizer que nunca sofri, que não tive dissabores... mas não sou uma pessoa que se alimenta do passado, não tento ressuscitá-lo e revivê-lo. Não quero voltar atrás ou ir para frente. Só quero partir... sento-me aqui, bebendo *brandy* e de repente estou longe, além do porto, indo mais e mais... para um lugar ideal que não existe. Como os sonhos que tive na infância, em que eu voava... sem peso, leve, flutuando como uma pluma.

Seus olhos tornaram-se novamente opacos e desfocados. Llewellyn ficou observando-a. De repente, ela pareceu voltar.

— Desculpe.

— Não se preocupe comigo. Vou andando — disse Llewellyn, levantando-se. — Posso, de vez em quando, sentar aqui para conversar. Se não quiser eu compreendo.

— Não, quero que venha. Boa noite. Vou ficar mais um pouco. Não é sempre que posso sair à noite.

* * *

Uma semana se passou até que os dois se encontrassem novamente.

— Estou feliz porque o senhor ainda não partiu — disse ela, assim que ele se sentou. — Tive medo de que já tivesse embarcado.

— Não vou embora tão cedo. Ainda não está na minha hora.

— Para onde vai viajar depois?

— Não sei.

— Está aguardando instruções?

— Poderíamos dizer que sim.

— A última vez que conversamos — disse ela, lentamente, — só falamos sobre mim. Nada do senhor. Por que veio para cá... para a ilha? Tinha alguma razão?

— Talvez a mesma que a senhora tem para beber *brandy*... para fugir. Eu estou fugindo das pessoas...

— Das pessoas em geral ou de algumas em particular?

— Não das pessoas em geral, só daquelas que me conheceram ou sabem como eu era antigamente.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim, aconteceu.

Ela debruçou-se para frente.

— O senhor é como eu? Aconteceu algo que o fez perder a rota?

— Não, absolutamente — disse ele, sacudindo a cabeça com veemência. — O que me aconteceu fazia parte intrínseca da minha existência. Teve uma razão e uma causa.

— Mas o senhor se referiu às pessoas.

— Elas não entendem coisa alguma. Têm pena de mim, querem me arrastar de volta para uma coisa que já terminou.

Ela franziu o cenho.

— Eu...

— Eu tinha um emprego — disse ele — e o perdi.

— Um emprego importante?

— Não sei — disse ele, pensativo. — Pensei que fosse, mas na realidade não se sabe na verdade o que é importante... precisa-se aprender a não confiar nos próprios valores, eles são geralmente relativos...

— Por isso desistiu do emprego?

— Não — respondeu Llewellyn, sorrindo. — Fui despedido.

— Ah! — exclamou ela, surpresa. — O senhor ficou muito sentido?

— Oh! Sim, muito. Qualquer um sentiria. Mas também isto já passou...

Ela olhou para o copo vazio com raiva. Ao levantar os olhos o garçom trouxe outra dose. Pensativa, ela sorveu alguns goles.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

— Pode.

— Acha a felicidade muito importante?

Ele refletiu por uns instantes.

— É uma pergunta muito difícil de responder. Se eu dissesse que a felicidade é de suma importância e ao mesmo tempo não tem valor algum a senhora diria que sou louco.

— O senhor não poderia ser mais explícito?

— Bem, a felicidade é como o sexo. Pode ser muito importante ou não ter importância alguma. A senhora é casada?

Ele havia reparado na aliança de ouro.

— Já fui casada duas vezes.

— Ama seu marido?

Ela respondeu, sem pestanejar:

— Mais do que qualquer coisa no mundo.

— Ao se lembrar da vida em comum com ele, o que lhe vem primeiro à mente?

Quais os momentos que não consegue esquecer? A primeira vez que dormiram juntos ou qualquer outra coisa?

Ela riu, feliz, por uns momentos.

— O chapéu dele — respondeu.

— O chapéu?

— Sim. Na nossa lua-de-mel... o chapéu dele voou e ele comprou um de palha, típico, que eu achei que ficaria melhor em mim. Coloquei o chapéu dele e ele colocou o meu — era um desses chapéus ridículos que andava na moda e quando nos olhamos não pudemos parar de rir. Aí, ele me disse: “meu Deus, como eu te amo!” A voz dela ficou embargada.

— Nunca esquecerei este momento.

— Está vendo? — perguntou Llewellyn. — Estes são os momentos mágicos — os duradouros — os infinitamente suaves e não o sexo. Mas se, por exemplo, as pessoas não se encontram sexualmente, o casamento acaba fracassando. A comida também é um fator importante. Por quê? Sem ela não se vive, mas quando estamos alimentados não nos preocupamos muito com ela. A felicidade é como o alimento da vida, ajuda a crescer, é uma grande professora, mas não é a última meta... e por si não é satisfatória.

Llewellyn calou-se um instante antes de perguntar:

— É a felicidade o que a senhora deseja?

— Não sei. Devia ser feliz, tenho tudo para ser feliz.

— Quer mais alguma coisa?

— Menos — respondeu ela, rapidamente. — Menos da vida. Tenho demais... demais.

Ela acrescentou em seguida:

— E é tão pesado!

Os dois ficaram um instante em silêncio.

— Se eu soubesse — disse ela, por fim, — se eu soubesse ao menos o que quero, em vez de ser tão negativa e estúpida.

— Mas a senhora sabe o que quer. Quer fugir.Por que não foge?

— Fugir?

— Sim. O que lhe impede? Dinheiro?

— Não, não é o dinheiro. Eu tenho dinheiro... não muito, mas o suficiente.

— O que é então?

— Tantas coisas! O senhor não compreenderia. — Os lábios dela se torceram num sorriso sem humor. — É como as três irmãs de Tchecov, sempre gemendo sobre Moscou... Nunca vão, nunca irão, embora elas pudessem ir à estação pegar um trem e pronto. Como eu podia comprar um bilhete naquele navio que parte hoje à noite.

— E por que não o faz? — perguntou ele, observando-a com atenção.

— O senhor pensa que sabe a resposta?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, não sei. Estou tentando ajudá-la a descobrir a resposta.

— Talvez eu seja como as três irmãs de Tchecov. Talvez eu não queira ir.

— Talvez.

— Talvez a fuga seja apenas uma brincadeira para mim.

— Talvez. Todos temos fantasias que nos ajudam a aguentar a vida.

— E fugir no meio da fantasia?

— Não sei; só quem pode dizer é a senhora.

— Eu não sei de nada... Tive todas as chances e fracassei. Quando isto acontece precisa-se arcar com as consequências, não é mesmo?

— Não sei.

— Precisa repetir infinitamente a mesma frase?

— Desculpe, mas é a verdade. A senhora está pedindo que eu chegue a uma conclusão sobre um assunto que desconheço.

— Estávamos conversando sobre princípios gerais.

— Não existe um princípio geral para as coisas...

— Está querendo dizer que não existe um certo ou um errado absoluto?

— Não, não foi isto que eu quis dizer. É claro que existe um certo ou um errado absoluto, mas está tão acima do nosso conhecimento e compreensão que só podemos divisá-lo ao longe.

— Mas, nós sabemos o que é certo!

— Pelo que nos foi ensinado, segundo os cânones da época. Ou, para irmos mais longe, podemos sentir pelo conhecimento instintivo. Mas, até isto é precário.

Certas pessoas foram queimadas vivas, não por sádicos ou loucos, mas por gente honesta e direita que acreditava estar agindo corretamente. Leia alguns casos de direito na Grécia antiga... por exemplo, um homem que recusou torturar os escravos para obter uma confissão, segundo era o costume. Foi tachado de obstrutor da Justiça. Um outro exemplo é um pastor protestante, nos Estados Unidos, que espancou o filho de três anos a quem amava, por que a criança recusou-se a dizer suas orações.

— É horrível.

— Sim, por que o tempo mudou estas normas...

— Então, que podemos fazer? — perguntou ela, debruçando o belo rosto sobre a palma da mão.

— Seguir os próprios ditames, com humildade e esperança.

— Isto seria ótimo, se os meus ditames não fossem errados — disse ela, rindo.

— É como se eu tivesse perdido o fio da meada.

— Não posso ajudá-la, pois nunca peguei num novelo de lã.

— Por que não quer dar sua opinião?

— Porque seria apenas uma opinião.

— E daí?

— E poderia influenciá-la... a senhora parece uma pessoa fácil de se influenciar.

Ela ficou séria.

— Sim, este foi um dos meus erros.

Ele calou-se por um instante.

— O que aconteceu de errado? — perguntou ele, num tom natural.

— Nada — respondeu ela, desanimada. — Nada. Tenho tudo que uma mulher poderia desejar.

— Está generalizando outra vez. A senhora não é todas as mulheres, é uma pessoa única. Agora pergunto: possui tudo o que deseja?

— Sim, sim, sim. Amor,carinho, dinheiro, luxo, uma casa maravilhosa, companhia, tudo que eu escolheria para ser feliz. Não... sou eu... eu é que tenho algo de errado — concluiu, olhando desafiadora para Llewellyn.

Por estranho que pareça, ela pareceu aliviada quando ele disse, num tom natural:

— Ah! Sim! A senhora tem alguma coisa errada. Isto é óbvio.

* * *

Ela empurrou o copo de *brandy* para a frente.

— Posso falar de mim? — perguntou ela.

— Se quiser.

— Talvez assim eu possa ver onde... fracassei... talvez me ajudasse...

— Talvez assim eu possa ver onde... fracassei... talvez o senhor me ajudasse...

— Sim, talvez.

— Minha vida foi sempre boa e normal. Uma infância feliz numa casa maravilhosa. Fui à escola e fiz todas as coisas que as crianças da minha idade fazem.

Ninguém jamais me maltratou... talvez se eu tivesse sofrido teria sido melhor para mim. Não sei se fui uma criança mimada... não, não creio... Quando voltava da escola, jogava tênis, dançava, namorava e me perguntava que carreira deveria seguir... enfim, o normal de todas as moças.

— Pelo menos, aparentemente.

— Aí, me apaixonei e casei — disse ela, num outro tom.

— E viveu feliz?

— Não — disse ela, pensativa. — Eu o amava, mas mesmo assim me sentia infeliz. Por isso perguntei se a felicidade realmente era importante.

Ela calou-se um instante. Em seguida recomeçou:

— É tão difícil explicar... eu não era feliz mas por estranho que pareça tudo ia bem... eu estava trilhando o caminho que escolhera. Não entrei na história de olhos fechados. É claro que eu o idealizava, isto é natural. Mas lembro-me agora que um dia acordei de madrugada... devia ser umas cinco horas, a hora da verdade, não acha?... e percebi, quero dizer, vi o que ia ser o meu futuro. Que eu não seria feliz, que ele era egoísta, inescrupuloso de uma maneira simpática e até galante, e que apesar de tudo eu o amava, não amaria outro homem e que preferia ser infeliz casada com ele, do que feliz e contente casada com outro qualquer. Pensei também que com um pouco de sorte e inteligência faria meu casamento dar certo. Aceitei o fato de que o amava mais do que ele a mim e que não poderia esperar mais do que ele estava me dando.

Ela fez uma pequena pausa.

— É claro que não racionalizei a tal ponto — continuou ela —; estou descrevendo agora apenas o que eu senti aquela noite. Mas era a verdade. Voltei a acreditar que ele era nobre e bom, enfim tudo que não tinha a menor relação com a realidade. Mas eu tivera uma revelação... aquele momento quando se divisa o futuro e pode-se voltar e tomar outro rumo. Pensei, naquela madrugada fria... e como podem ser difíceis e apavorantes esses momentos... em recuar, mas escolhi seguir em frente.

— E está arrependida? — perguntou Llewellyn, suave.

— Não, não — respondeu ela, com veemência. — Nunca me arrependi. Valeu cada momento vivido. A única pena é que ele morreu.

Ela pareceu perder o olhar vago, não era mais uma mulher fugindo da vida, refugiando-se na fantasia que estava ali, diante de Llewellyn. Era uma criatura viva e vibrante.

— Ele morreu cedo demais — prosseguiu ela. — Como é mesmo aquela frase de Macbeth, “ela deveria ter morrido na eternidade”... é o que eu senti. Ele deveria ter morrido na eternidade.

Llewellyn sacudiu a cabeça.

— Todos sentimos quando morre uma pessoa...

— É mesmo? Não sei. Eu sabia que ele estava doente, que seria sempre um inválido inconformado e ranzinza, que desabafava suas mágoas em cima de mim. Mas ele não queria morrer, apesar de tudo, não queria morrer, por isso não me conformo. Ele possuía uma tamanha sede de viver que mesmo com um quarto ou com a metade da vida ele conseguiria se divertir. — Ela levantou os braços para o céu — Oh! Detesto Deus por tê-lo matado.

Ela calou-se e olhou para Llewellyn.

— Não devia ter dito isso... que odeio Deus.

— É melhor odiar Deus do que odiar a humanidade. Deus, pelo menos, é inatingível.

— É verdade... e nós não somos.

— Não só nos ferimos como ferimos os outros.

— E fazemos de Deus o bode expiatório.

— É o que Ele sempre foi. Quem senão Deus aguentaria nosso fardo... o fardo da nossa revolta, do nosso ódio e do nosso amor?

Capítulo Três

Às tardes Llewellyn habituou-se a fazer longas caminhadas. Começava na cidade, numa estrada curva e ascendente até atingir um ponto onde via a baía e a cidade a seus pés.

Seus passeios eram sempre na hora da sesta, portanto não via os pontos coloridos no porto ou nas ruas e estradas. No alto da colina, as únicas pessoas que Llewellyn encontrava eram os meninos, pastores de cabras, que cantavam ao sol ou brincavam com as pedrinhas do chão. Esses pastores cumprimentavam Llewellyn seriamente, sem curiosidade; estavam acostumados a ver estrangeiros marchando pelas estradas, suando com as camisas abertas. Eram, geralmente, pintores ou escritores e embora não fossem muitos não constituíam uma novidade. Como Llewellyn não carregava pincéis ou cavaletes, os meninos concluíram que era escritor.

Llewellyn respondia aos cumprimentos e seguia seu caminho.

Não existia meta em seu passeio, senão observar a paisagem que para ele não possuía maior significado. Sua única motivação era interior, ainda obscura e vaga mas que aos poucos ia tomando forma e conteúdo.

Um atalho o levou a uma plantação de bananeiras. Ao penetrar naquele verdor, impressionou-se como tinha perdido, tão rapidamente, qualquer sensação de direção e meta. Não sabia a extensão do bananal e onde acabaria saindo. Podia ser um atalho ou uma estrada de quilômetros; podia-se seguir o caminho e eventualmente se chegaria a algum lugar que ele não podia precisar, mas que pressentia dever existir. Seu único propósito era marchar, determinando a direção, podendo também escolher se voltaria daquele ponto ou seguiria em frente. Tinha obtido a liberação da própria integridade.

Viajava esperançoso...

De repente emergiu do silêncio verde do bananal para uma colina nua. Um pouco abaixo, de um lado do atalho que conduzia ao pé do morro, viu um homem pintando.

O homem estava de costas para Llewellyn, que só podia divisar umas costas fortes dentro de uma camisa amarela e um chapéu de feltro velho, enfiado na cabeça.

Llewellyn desceu o atalho, agora caminhando mais depressa, olhando com interesse para a pintura. Pensou consigo que se um pintor se colocava numa estrada para pintar, não se importaria que olhassem sua obra.

Era um quadro vigoroso, com grossas e fortes pinceladas coloridas com o fito de causar efeito pelo impacto geral e não pelo detalhe. Um trabalho de mestre,

porém sem maior significação artística.

O pintor voltou o rosto para o lado e sorriu.

— Não é minha única ocupação na vida — disse. — É apenas uma distração.

Era um homem de quarenta ou cinquenta anos, de cabelos negros salpicados de cinzento. Bonito, mas com tal força e magnetismo no olhar e na fisionomia que era difícil não impressionar quem o conhecesse. Irradiava calor humano e vitalidade, o que o tornava uma pessoa difícil de esquecer...

— É extraordinário — disse o pintor, pensativo — o prazer que dá espalhar umas tintas coloridas numa palheta e depois transportá-las para uma lona. Às vezes, temos consciência do que estamos fazendo, às vezes, não, mas isto sempre nos traz uma felicidade interior indizível. — Ele deu um rápido olhar para Llewellyn. — O senhor não é pintor?

— Não. Só estou passando uns tempos aqui.

— Ah! Sei — disse o pintor, colocando uma rosa surpreendente no meio do mar azul. — Não é estranho que tenha dado certo? É inexplicável.

Largou o pincel na palheta, suspirou, empurrou o velho chapéu para trás e afastou-se para ver melhor o estranho. Seus olhos brilharam de interesse.

— Desculpe — disse —, mas o senhor não é o Dr. Llewellyn Knox?

* * *

Houve um momento brusco não traduzido em termos físicos, antes de Llewellyn responder.

— Sim — disse num tom impessoal, sentindo imediatamente a perspicácia do interlocutor.

— Que tolice a minha — disse o homem. — O senhor teve uma estafa, não foi?

E deve ter vindo para cá para evitar contatos... bem, não precisa se preocupar. Os americanos raramente vêm para cá, os naturais da ilha só se interessam pelos próprios primos ou pelos primos dos primos, em função dos batizados, casamentos ou enterros, e eu não conto por que moro aqui.

Ao ver o ar de surpresa de Llewellyn, não pôde deixar de perguntar:

— Surpreso?

— Sim.

— Por quê?

— Viver simplesmente, pensei que ninguém mais se contentasse com isso.

— Tem razão. No meu caso não vim para cá viver... herdei uma grande propriedade de um tio-avô. Estava em péssimo estado a casa quando a recebi, mas aos poucos começou a prosperar. Foi interessante. Aliás, em tempo, meu

nome é Richard Wilding.

Llewellyn o conhecia de nome: explorador, escritor, um homem de múltiplos interesses, em várias esferas, como arqueologia, antropologia e entomologia. Sabia que não havia assunto que Sir Richard Wilding desconhecesse, embora não pretendesse ser uma autoridade em nenhum. A modéstia era também uma das suas virtudes.

— Ouvi falar do senhor, é claro — disse Llewellyn. — Aprecio muito seus livros.

— E eu já ouvi suas conferências, Dr. Knox. Há um ano e meio, no Olímpia.

Llewellyn espantou-se.

— Parece surpreso — disse Wilding com um sorriso enigmático.

— Francamente estou. Por que assistiu a uma conferência minha?

— Para ser honesto, para poder falar mal.

— Não me admira!

— Nem parece lhe irritar...

— Por que haveria de me irritar?

— Bem, o senhor é humano e creio que acredita em sua missão.

Llewellyn sorriu.

— Isto é verdade.

Wilding calou-se por um momento.

— É extraordinário — disse Wilding, com desarmante franqueza — encontrá-lo nestas circunstâncias. Depois que assisti à sua conferência fiquei com muita vontade de conhecê-lo.

— Não creio que fosse tão difícil assim para o senhor.

— Não, em certo sentido. O senhor seria quase que obrigado a me receber e eu queria encontrá-lo em outra situação... por exemplo, numa ocasião em que pudesse me mandar às favas se quisesse.

Llewellyn sorriu novamente.

— Bem, estou nesta situação. Não possuo mais vínculos...

— O senhor está se referindo à saúde ou a um ponto de vista?

— A uma questão de... função.

Llewellyn calou-se. Wilding começou a guardar os pincéis.

— Gostaria de lhe contar como fui parar no Olímpia. Serei franco porque o senhor não me parece um homem que se ofenda com a verdade, principalmente se não for dita com este fito expresso. Discordei... e ainda discordo do conteúdo da sua conferência. Detesto esta história de religião em massa, irradiada por um alto-falante.

Me ofende!

Wilding notou que Llewellyn, por um momento, pareceu estar se divertindo.

— Isto lhe parece muito britânico e ridículo?

— Não — respondeu Llewellyn —, eu aceito seu ponto de vista.

— Fui, portanto, para poder falar mal. Creio que esperava que o senhor ofendesse minha sofisticada sensibilidade.

— E ficou para a bênção?

A pergunta foi feita num tom mais jocoso do que sério.

— Não. No fundo meu ponto de vista é o mesmo. Não gosto de encontrar Deus através de um acordo comercial.

— Mesmo que seja por gente de comércio numa era comercial? Não é de hoje que se oferta a Deus as frutas da estação.

— Não é bem por isso. O que me impressionou é que surpreendentemente o senhor parece honesto e sincero.

Llewellyn arregalou os olhos.

— Sempre pensei que me considerassem honesto!

— Agora que eu o conheço, sim! Mas, antes, pensei que fizesse parte de uma quadrilha... afinal, se existem quadrilhas em política, por que não existiriam em religião? Admito que o senhor tem o dom da oratória mas é claro que existe um grande empreendimento econômico lhe financiando. Não é?

Wilding não estava na realidade fazendo uma pergunta.

— Sim, fui lançado com grande fanfarra.

— Sem medir as despesas?

— Isto é que me intriga. Como pôde aguentar? Era o que eu me perguntava, principalmente depois de ouvi-lo.

Wilding pendurou os apetrechos nas costas.

— O senhor aceitaria vir jantar comigo uma noite dessas? Gostaria muito de conversar com o senhor. Minha casa é aquela, a vila branca de venezianas verdes. Se não quiser, pode dizer; não se preocupe em arranjar desculpas.

— Eu gostaria muito de ir — disse Llewellyn, depois de um momento de reflexão.

— Às nove horas então. Não mude de idéia.

— Que bom! Que tal hoje à noite?

— Ótimo.

Wilding desceu a ladeira. Um pouco depois Llewellyn tomou seu caminho.

* * *

— Então, vai jantar na vila do *Señor* Wilding?

O cocheiro da velha charrete parecia fascinado com o acontecimento. O carro era decorado com flores pintadas e em volta do cavalo, para completar o arranjo,

uma enorme corola de flores azuis. Tanto a charrete quanto o cavalo e o cocheiro pareciam felizes e calmos.

— É uma ótima pessoa o *Señor* Wilding. Não é mais um estrangeiro para nós.

Dom Estobal, dono da vila e da terra era velho, muito velho. Deixava-se enganar por todos, enquanto passava os dias lendo, o dia inteiro. Quando acabava um suprimento de livros mandava buscar mais. Há alguns quartos na vila repletos de livros até o teto. É

incrível um homem ler tanto! Quando ele morreu, nós nos perguntamos: "será que a vila vai ser vendida?" Aí, chegou Sir Wilding. Ele tinha estado aqui em criança, pois a irmã de Dom Estobal era casada com um inglês e os seus filhos e netos vinham passar as férias aqui. Com a morte de Dom Estobal a casa ficou para Sir Wilding, que veio tomar posse e começou a pôr as coisas em ordem... deve ter gasto uma fortuna. Com a guerra ele desapareceu por muito tempo, mas tinha-nos dito que se não morresse voltaria... e foi o que aconteceu. Voltou há dois anos com sua nova esposa e ficaram morando aqui.

— Ele já foi casado uma outra vez?

— Sim — disse o cocheiro baixinho. — A primeira mulher era má, linda, mas o traía com outros homens... até mesmo aqui na ilha. Ele não devia ter-se casado com ela... mas parece que não sabe escolher bem com quem se casa... acredita demais nas mulheres...

— Um homem — prosseguiu o cocheiro, num outro tom — deve saber em quem deve confiar, mas Sir Wilding não sabe. E nem acho que vá aprender.

Capítulo Quatro

O anfitrião recebeu Llewellyn numa sala espaçosa e baixa, cheia de livros até o teto. As janelas estavam abertas e podia-se ouvir ao longe o murmúrio do mar. As bebidas estavam colocadas numa mesinha baixa perto do sofá.

Wilding recebeu o convidado com prazer e desculpou-se pela ausência da esposa.

— Ela sofre de enxaquecas e eu esperava que com a paz e a tranquilidade daqui ela pudesse melhorar, mas não foi o que aconteceu. E os médicos, como o senhor sabe, não têm solução para esta doença...

Llewellyn expressou pesar pelo fato.

— Ela passou por uma crise muito séria — disse Wilding. — Mais do que qualquer mulher merecesse suportar. Era muito jovem, aliás ainda o é.

Lendo nos olhos do anfitrião Llewellyn perguntou:

— O senhor a ama muito, não é?

— Demais — suspirou Wilding. — Creio que isto é que me prejudica.

— Prejudica também a ela?

— Nenhum amor do mundo poderia apagar o que ela passou — disse Wilding com veemência.

Entre os dois já existia um curioso senso de intimidade que se formou na primeira vez que se encontraram. Era como se, embora nenhum deles tivesse nada em comum com o outro, nacionalidade, educação, maneira de viver, filosofia, isto facilitasse a aceitação mais completa, sem as usuais barreiras de reticência ou convenção social. Eram como dois homens isolados numa ilha deserta, ou boiando num barco no meio de um oceano. Podiam falar francamente, quase que com a simplicidade das crianças.

Foram jantar, em seguida. Um excelente repasto, muito bem servido, mas de grande simplicidade. Llewellyn recusou-se a beber vinho.

— Prefere uísque?

O convidado sacudiu a cabeça negativamente.

— Obrigado, apenas água.

— É por questão de princípio?

— Não. Uma maneira de viver que aliás não preciso mais seguir. Não há razão agora para eu não beber vinho, exceto que não estou acostumado.

Quando Llewellyn pronunciou a palavra “agora”, Wilding levantou a cabeça com interesse. Quase falou mas controlou-se e mudou de assunto.

Sir Wilding era um excelente conversador, capaz de abranger uma grande variedade de assuntos, pois não só tinha viajado bastante, por vários países

estranhos, como também possuía o dom de tornar real tudo o que tinha visto e sentido.

Se desejássemos ir ao deserto do Góbi, ou a Fezzan, ou Samarkand, ao conversar com ele, era como se estivéssemos fazendo a viagem. Não havia, na sua conversa, o tom de conferência ou aula, simplesmente uma prova natural e espontânea. Além de divertir-se com a conversa de Richard, Llewellyn mostrava-se mais e mais curioso em relação à personalidade do anfitrião. Um inegável charme e magnetismo, exercido de uma forma totalmente inconsciente o caracterizava. Wilding não fazia força para agradar, era sua maneira de ser. Ao mesmo tempo era um homem de várias facetas, esperto, intelectual sem arrogância, um homem interessado nas idéias, nas pessoas e nos lugares; como nunca tivesse escolhido um campo de especialização — talvez este fosse seu segredo, o de nunca ter escolhido — isso o tornava humano, cativante e fácil de tratar.

Mas, mesmo assim, pareceu a Llewellyn que não tinha podido responder uma pergunta bastante simples, quase infantil: por que gostara tanto daquele homem?

A resposta não podia ser encontrada nos dons de Wilding e sim no próprio homem. De repente, Llewellyn sentiu que havia encontrado a chave do mistério: apesar dos seus dons, Wilding era falível. Enfim, um homem que poderia cometer o mesmo erro várias vezes. Era dessas naturezas emocionais, bondosa, que invariavelmente ensejam a rejeição pela confiança que depositam nos próprios julgamentos. Era obviamente um homem que não julgava as pessoas com clareza, lógica ou frieza e sim por impulso, o que fatalmente incorreria num desastre porque seus valores baseavam se na bondade e não nos fatos. Sim, era um homem falível e por isso mesmo encantador.

Llewellyn pensou que detestaria ter que magoar um homem como aquele.

Voltaram para a biblioteca, depois do jantar, e se espicharam nas espreguiçadeiras. Uma lareira tinha sido acesa, mais para dar a sensação de aconchego do que por necessidade. O mar, lá fora, murmurava e o odor de uma flor noturna silvestre perfumava o ar.

— Sou muito interessado nas pessoas — disse Wilding —, sempre fui, aliás.

Quero sempre saber o que as motiva, embora isto possa parecer um raciocínio frio e analítico.

— Não, não parece. O senhor quer entender os homens porque os ama...

— É verdade — concordou Richard, fazendo uma pausa. — Ajudar aos outros me parece uma missão sublime.

— Sim — disse Llewellyn.

O anfitrião olhou-o espantado.

— É um comentário muito cético!

— Não, apenas o reconhecimento da enormidade que esta missão acarreta.

— É tão difícil assim? As pessoas sempre querem ser ajudadas...

— É verdade que tendemos a acreditar que, de uma maneira mágica, os outros podem obter para nós o que não podemos ou queremos obter.

— Empatia... e crença — disse Wilding, sinceramente. E prosseguiu depois de uma pausa: — Acreditar no melhor de alguém é fazer o melhor para alguém. As pessoas respondem à nossa fé; já tive várias provas...

— Por quanto tempo?

Wilding fez uma careta como se tivessem tocado num nervo sensível.

— Podemos guiar a mão de uma criança sobre um papel, mas quando tiramos nossa mão ela, ainda assim, terá que aprender a escrever sozinha. Sua inteligência poderá até atrapalhar um processo natural.

— O senhor está tentando destruir minha crença na natureza humana?

Llewellyn sorriu, antes de responder.

— Acho que estou pedindo para o senhor ter pena da natureza humana.

— Encorajando as pessoas a darem o melhor de si...

— É o mesmo que forçá-las a viver numa altitude muito elevada. Esperar que uma pessoa se mantenha sendo como desejaríamos que ela fosse, pode ser uma tensão muito forte que poderá levá-la até o colapso.

— Devemos então esperar o pior nas pessoas? — perguntou Wilding, caçoando.

— Devemos aceitar esta possibilidade.

— E o senhor se diz religioso.

Llewellyn sorriu novamente.

— Cristo disse a Pedro que, antes do galo cantar, ele o negaria três vezes. Ele conhecia a fraqueza de caráter de Pedro, melhor do que o próprio, mas nem por isso amou-o menos.

— Não — disse Wilding, com vigor. — Não posso concordar com o senhor. No meu primeiro casamento — ele pausou, mas por pouco tempo — minha mulher era... poderia ter sido... uma pessoa de bom caráter. Andava em péssimas companhias. Tudo que ela precisava era de amor, confiança e fé. Se não fosse pela guerra, bem... foi uma das pequenas tragédias da guerra... eu estava longe, ela sozinha e exposta às más influências...

— Não a culpo — continuou Wilding, depois de um curto silêncio. — Faço concessões porque sei que ela foi uma vítima das circunstâncias. Fiquei arrasado na época, pensei que nunca me refaria, que nunca mais seria o mesmo homem, mas o tempo cicatriza...

Wilding fez um gesto com a mão.

— Por que estou lhe contando a história da minha vida? Não sei. Gostaria

tanto de ouvir a sua, pois para mim o senhor é uma coisa inteiramente nova. Quero saber o “porquê” e o “como” da sua vida. Fiquei impressionado quando assisti a seu espetáculo... não porque o senhor tenha dominado o público (Lloyd George e Hitler também sabiam fazer isso) como todos os políticos, líderes religiosos e atores fazem de certa forma, mas pelo efeito que causou. Isto é que me interessa. Por que era tão importante para o senhor causar este efeito?

Llewellyn sacudiu a cabeça lentamente.

— Está me perguntando, uma coisa que nem eu sei responder.

— É claro que existe uma forte convicção religiosa — disse Wilding, um tanto embaraçado, o que divertiu Llewellyn.

— O senhor se refere à crença em Deus? É muito fácil como resposta e não atende à sua pergunta. A crença em Deus pode me levar a ajoelhar num quarto religioso, mas não explica o que o senhor está me perguntando. Por que um púlpito público?

— Penso que desta forma o senhor acreditava que estava atingindo mais gente — disse Wilding, em tom de dúvida.

Llewellyn olhou para ele com curiosidade.

— Pelo que o senhor está dizendo devo acreditar que é ateu?

— Não sei, simplesmente não sei. De certa forma eu acredito, quero acreditar... certamente acredito nas virtudes positivas — bondade, ajudar os que caem, franqueza, perdão...

Llewellyn olhou para Wilding por um instante.

— A Boa Vida — disse —, O Bom Homem. Sim, é mais fácil do que tentar reconhecer Deus, pois isto é que é difícil e assustador. É mais assustador ainda é erguer-se e esperar que Ele o reconheça.

— Assustador?

— Ele assustou Jó — disse Llewellyn, sorrindo. — Pois o pobre homem não compreendia a situação. Num mundo de regras e regulamentos, recompensas e castigos, dados pelo Todo-Poderoso aos homens, de acordo com seus méritos, Jó foi escolhido. (Por quê? Não se sabe. Talvez alguma qualidade superior à sua geração? Algum poder de percepção herdado?.) De qualquer maneira os outros continuariam a ser recompensados ou punidos, mas Jó teve que entrar num mundo que deveria lhe parecer uma nova dimensão; depois de uma vida honesta, ele não recebeu como recompensa rebanhos e pastos, e sim teve que sofrer uma dor insustentável: perder sua crença e ver-se abandonado pelos amigos. Quando, segundo Hollywood, estava preparado para o estrelato, pôde ouvir a voz de Deus. E tudo, por quê? Para poder reconhecer o que Deus era na realidade: “Fique quieto e saiba que eu sou Deus.” Uma experiência terrível. O ponto mais alto que um homem já atingiu. É claro que não durou muito, nem poderia durar,

pois certamente Jô fez uma grande confusão, tentando explicar o que lhe acontecera, sem possuir um vocabulário específico e pela impossibilidade de descrever, em termos temporais, uma experiência espiritual. E seja lá quem foi que compilou o Livro de Jó não tinha também idéia do que se tratava, pois deu-lhe um final feliz, moral, de acordo com as luzes do tempo, o que afinal não deixou de ser uma solução inteligente.

Llewellyn calou-se.

— Portanto — prosseguiu —, quando o senhor diz que talvez eu tenha escolhido a plataforma porque desta maneira eu seria mais útil e atingiria um maior número de pessoas, está enganado. Não existe valor numérico algum em atingir mais pessoas e “fazer o bem” é um termo que não possui realidade alguma. O que é fazer o bem? Queimar as pessoas na fogueira para salvar-lhes a alma? Talvez. Queimar as feiticeiras vivas por serem o mal personificado? Pode ser uma boa solução.Elevar o nível de vida dos pobres? Hoje em dia é o que se considera importante. Lutar contra a crueldade e a injustiça?

— Mas o senhor certamente também pensa assim.

— Estou tentando dizer que esses problemas referem-se ao comportamento humano. O que o bem deve fazer? O que é o certo? O que é o errado? Somos seres humanos e temos que responder estas perguntas o melhor possível. Temos que viver nossa vida, neste mundo, mas isto nada tem a ver com a experiência espiritual.

— Ah! — exclamou Wilding —, começo a compreender. Creio que o senhor mesmo passou por esta experiência. O que lhe aconteceu? Como foi? O senhor sempre soube, mesmo quando era criança?

Wilding calou-se, e pareceu querer reformular sua pergunta.

— Ou o senhor não tinha idéia? — concluiu vagarosamente.

— Eu não tinha a menor idéia — disse Llewellyn.

Capítulo Cinco

A menor idéia... a pergunta de Wilding levou Llewellyn ao passado. As primeiras lembranças... Llewellyn quando era criança.

O ar puro das montanhas penetrando em suas narinas, os invernos frios e os verões áridos e quentes. A pequena e fechada comunidade. O pai, um escocês alto e magro, austero, quase bravo; um homem temente a Deus, reto, inteligente, que podia ser justo e inflexível e cujo afeto, embora profundo e sincero, não era facilmente demonstrável. A mãe, galesa de cabelos escuros, com sua vozinha suave que transformava as palavras mais simples em música.

Às vezes, à noite, ela recitava, em galês, um poema que o pai havia composto há muitos anos. Apesar de as crianças só entenderem a língua parcialmente, a música da poesia levava Llewellyn a sensações vagas indizíveis. Era como se tivesse herdado a estranha sabedoria intuitiva da mãe, que não era intelectual como o pai; um conhecimento natural das coisas que escapavam ao frio racionalismo do pai.

Os olhos castanhos da mãe passariam vagarosamente pelos filhos e pousariam sobre Llewellyn, o primogênito, e refletiriam um reconhecimento, uma dúvida, qualquer coisa próxima do medo.

Esse olhar inquietava o menino.

— O que é, mamãe? — perguntava ele, apreensivo. — O que foi que eu fiz?

Ela sorria, e com voz carinhosa responderia:

— Nada, filho. Estou só olhando para você.

E Angus Knox viraria o rosto e olharia primeiro para a mulher e depois para o filho.

A infância fora feliz e normal. Nada de luxo, até um pouco espartana, dada a rigidez dos pais. Todos os filhos tinham tarefas caseiras determinadas, os menores algumas responsabilidades, e todos participavam das atividades da comunidade. Uma vida estreita mas honesta, que Llewellyn aceitava sem questionar.

Mas ele queria estudar e o pai o apoiava por ter o respeito que todo escocês tem pela cultura e a ambição de que o filho mais velho se tornasse alguém mais do que um trabalhador da terra.

— Farei o possível para ajudá-lo, Llewellyn, mas sabe que não conto com muito. Você vai ter que se esforçar muito.

E ele se esforçou. Com a ajuda do professor, conseguiu entrar para a universidade; nas férias trabalhava em hotéis e auditórios e de noite como lavador de pratos.

Com o pai discutia o futuro. Estava indeciso entre a Medicina e a magistratura.

Não possuía uma verdadeira vocação, mas estas duas carreiras lhe pareciam as mais interessantes. Finalmente, escolheu a Medicina.

Nestes anos todos, pensou, nenhum sinal de dedicação, de sentimento de uma missão especial? Ele tentou lembrar-se. Sim... hoje em dia, recordando-se, tinha havido algo... que na época ele não compreendera. Uma espécie de medo — se é que pudesse definir assim; atrás da vida rotineira normal, um medo, um temor de algo que não compreendia. Esta sensação tornava-se mais consciente quando estava só. Portanto, refugiou-se mais e mais na vida comunitária.

Nesta época ele começou a tomar conhecimento de Carol, que conhecia desde criança. Juntos foram à escola; ela, com dois anos menos que ele, era uma criança de boa índole, desajeitada, com aparelho nos dentes e uma timidez excessiva. Os pais eram amigos e Carol vivia na casa dos Knox.

No último ano da universidade, Llewellyn voltou para casa e viu Carol com outros olhos. Não tinha mais aparelho nos dentes, nem era mais desajeitada; tinha-se tornado uma bela moça, que os rapazes da cidade passaram a disputar.

Até então, as mulheres não tinham representado um papel preponderante na vida de Llewellyn, que fora um rapaz trabalhador e emocionalmente tímido. De repente, surgiu na sua vida a consciência da masculinidade; começou a preocupar-se com a aparência, a gastar dinheiro demais com roupas e a comprar bombons para Carol. A mãe sorriu e suspirou, como todas as mães, ao ver o aparecimento daqueles conhecidos sintomas! Chegara a hora de perdê-lo para outra mulher; ainda era cedo para pensar em casamento, mas se ele tivesse que se casar, Carol seria a escolha acertada: boa família, bem educada, de ótimo humor e saudável — melhor do que qualquer estranha da cidade que ela não conhecia. “Mas, não é o ideal para o meu filho”, palpitou seu coração de mãe, sorrindo ao perceber que era isto que todas as mães diziam desde que o mundo era mundo. Resolveu falar com Angus sobre o assunto.

— Ainda é cedo — disse o marido. — O menino ainda tem que cavar a vida. Mesmo assim não escolheu mal, ela é boa moça, embora não seja um prodígio de inteligência.

Carol, além de bonita, era popular e divertia-se com isto; tinha namorados, mas deixava bem claro que Llewellyn era o seu favorito. Embora não demonstrasse, sentia-se ligeiramente desconcertada com o ar distraído do rapaz e sua aparente falta de ambição.

— Ora, Lew,você deve ter algum plano para quando se formar...

— É claro que vou arranjar um emprego. Já tive várias ofertas.

— Mas não vai precisar se especializar em alguma matéria?

— Não é necessário.

— Mas, Llewellyn, você não quer progredir na vida?

— Progredir como? — disse ele, brincando.

— Bem... na vida!

— Mas, isto é a vida, não é, Carol? Daqui para lá — disse ele, traçando uma linha com o dedo, na areia. — Nascer, crescer, ir à escola, carreira, casamento, crianças, trabalho, aposentadoria, velhice e morte. Da fronteira de um país para outro.

— Não é disso que estou falando, Lew, e você sabe muito bem. Estou me referindo a progredir, fazer um nome, ganhar dinheiro, ter fama, ser alguém na vida.

— Será que isto faz alguma diferença? — perguntou Llewellyn distraído.

— Acho que sim!

— O que importa é o caminho que percorremos e não para onde ele nos conduz.

— Nunca ouvi falar tanta bobagem. Você não quer ter nome?

— Não sei, creio que não.

De repente, Carol estava longe dele e Llewellyn sentiu-se só e consciente do próprio medo. Um arrepio agudo e forte. “Outra pessoa, não eu!” — quase gritou.

— Lew, Llewellyn — chamou, de longe, timidamente, a voz de Carol, como se estivesse atravessando uma floresta para poder chegar até ele. — O que aconteceu? Você está tão estranho!

Ele voltou para junto de Carol, que o olhava com medo e espanto. Teve consciência da onda de ternura que o invadia em relação a Carol, que chamando-o tinha-o trazido de volta ao mundo. Tomou-lhe a mão.

— Você é tão boa — disse, beijando-a quase timidamente. Ela correspondeu ao beijo.

Posso falar agora, pensou ele, que a amo, que quando estiver empregado podemos ficar noivos. Posso pedir a ela para esperar por mim. Com Carol estarei seguro.

Mas não conseguiu dizer coisa alguma. Sentiu-se quase como se uma mão tivesse pousado no seu peito e o impedisse de falar. Esta realidade também o assustou.

— Um dia, Carol — disse ele, levantando-se. — Preciso conversar com você.

Ela olhou para ele satisfeita e riu. Não tinha pressa em ser pedida em casamento, talvez fosse melhor que as coisas ficassem assim por alguns anos, pois na sua feliz inocência ela se divertia com o cortejo de admiradores; um dia, ela e Llewellyn se casariam; ela, quando o beijou, sentiu o quanto ele a amava.

Tinha certeza deste amor.

Quanto à estranha falta de ambição, isto não a preocupava. As mulheres do seu país tinham confiança no poder que exerciam sobre os homens, ajudadas pelas crianças, pois ela e Llewellyn iriam querer o máximo para os filhos e isto daria forças e incentivo para ele trabalhar, produzir e criar.

Quanto a Llewellyn foi para casa perturbado.

Que estranha experiência tivera! Andava com a cabeça cheia de conferências sobre psicologia e tentou analisar-se com pessimismo. Seria uma resistência ao sexo? E por que haveria esta resistência? Durante o jantar, mal comeu, examinando a mãe e se perguntando se não seria vítima de um complexo de Édipo.

Contudo, ele recorreu à mãe, antes de voltar para a universidade.

— A senhora gosta de Carol, não é? — perguntou abruptamente.

Ela sentiu um aperto no coração, diante da pergunta.

— Ela é muito boa, tanto eu como seu pai gostamos muito dela — respondeu a mãe.

— Outro dia, quis falar com ela...

— Que a ama?

— Sim, e que esperasse por mim.

— Não precisa pedir se ela o ama.....

— Mas, não consegui falar... as palavras não vieram.

— Não se preocupe — disse ela, sorrindo. — Os homens não sabem se expressar nestas ocasiões. Lembro-me do seu pai me fuzilando com os olhos como se me odiasse, em vez de me amar, dias a fio, sem conseguir dizer nada mais além de bom dia ou como vai...

— Mas foi muito mais que isso. Era como se uma mãe estivesse me empurrando. Como se fosse... proibido.

Ela sentiu a urgência e a força do problema.

—Talvez ela não seja a mulher ideal para você — disse ela, lentamente, impedindo com um gesto que ele protestasse. — É difícil saber-se quando se é jovem e o sangue é quente. Mas você tem algo, como se fosse um verdadeiro eu, que talvez saiba o que deve ser feito e que o salvará dos impulsos negativos.

Algo em mim, pensou Llewellyn, olhando para a mãe com desespero.

— Mas eu ainda não sei nada sobre mim! — concluiu ele, quase chorando.

* * *

Quando voltou à universidade, Llewellyn ocupou-se inteiramente com os estudos ou com os colegas. O medo desapareceu e ele sentiu-se seguro outra vez.

Para se entender melhor leu vários livros sobre a manifestação sexual dos adolescentes.

Formou-se com honrarias, o que lhe deu mais confiança em si mesmo. Voltou para casa decidido em relação ao futuro: pediria Carol em casamento e discutiria com ela as várias oportunidades que lhe foram oferecidas.

Sentiu-se aliviado em relação ao futuro, pois à sua frente o caminho se descortinava numa sequência lógica: um bom trabalho para o qual se sentia competente e uma moça que amava e que seria a mãe dos seus filhos.

Ao voltar para casa passou a aceitar todos os convites para festas. Saía em grupo, mas sempre com Carol, e todos aceitavam o par como um casal de noivos. Raramente ficava só e à noite sonhava com Carol, sonhos eróticos, o que não o desagradava. Tudo corria normalmente, como era de se esperar.

Seguro desta sua nova vida, Llewellyn espantou-se quando o pai perguntou, um dia:

— O que há, filho?

— Como? — perguntou, surpreso.

— Você não está bem.

— Como assim? Nunca me senti melhor!

— Fisicamente, talvez...

Llewellyn olhou espantado para o pai. O velho, altivo, de olhos brilhantes, balançou a cabeça lentamente.

— Há ocasiões — disse ele — em que um homem precisa ficar sozinho.

Calou-se e saiu, enquanto Llewellyn foi novamente invadido pela onda de medo.

Não queria ficar sozinho, era insuportável ficar sozinho.

Três dias mais tarde, ele procurou o pai.

— Vou acampar nas montanhas. Sozinho.

— Sim — disse o pai, com um olhar místico, olhando para o filho com compreensão.

Herdei alguma coisa dele, pensou Llewellyn, alguma coisa que ele conhece e que eu preciso descobrir.

* * *

Ele ficou só no deserto por quase três semanas. Estranhas coisas começaram a lhe acontecer. Logo, porém, ele descobriu que podia tolerar a solidão e se perguntou por que lutara tanto contra esta idéia.

Para começar, pensou muito em si mesmo, no futuro e em Carol. Tudo se desenrolou com muita clareza e lógica e não levou muito tempo para que ele

percebesse que estava encarando a vida “por fora”, como um espectador e não como um participante, por que sua existência esquemática não era verdadeira. Podia ser lógica e coerente, mas na realidade não existia; amava Carol, desejava-a, mas não casaria com ela, pois tinha outra tarefa a cumprir, embora ainda não soubesse qual. Ao perceber isto, veio uma outra fase — uma fase que ele poderia descrever como oca, um grande vácuo sonoro! Não era nada, e não continha coisa alguma. Não tinha mais medo, pois aceitando o vazio ele expulsara este sentimento.

Durante essa fase, ele quase não bebeu ou comeu; às vezes sentia a cabeça leve como uma pluma. Como uma miragem desfilavam à sua frente cenas e pessoas.

Uma ou duas vezes, viu um rosto muito claramente. Um rosto de mulher que o inquietou muito: um rosto frágil, de bela ossatura, grande testa e cabelos negros despontando da testa, olhos profundos e trágicos. Atrás dela, um fundo de chamas.

Numa outra vez, um esboço de igreja, embora pudesse perceber que ela era uma criança. Durante essas duas aparições, ele teve consciência do profundo sofrimento dessa criatura.

Se ao menos eu pudesse ajudar, pensou, embora tivesse consciência de que não adiantava ajudar, pois isto seria errado e falso.

Numa outra visão, Llewellyn viu uma enorme escrivaninha feita de madeira clara e brilhante, e um homem de queixo forte e profundos olhos azuis, que se debruçou sobre a mesa como se fosse falar e, para dar ênfase às palavras, pegou uma pequena régua e gesticulou com ela.

Numa outra ocasião, viu um canto de sala, num estranho ângulo. Havia uma janela e, por ela, viu um pinheiro coberto de neve. Entre ele e a janela, um rosto estranho examinava-o; era um homem corado, de óculos, mas antes que Llewellyn pudesse vê-lo bem, a visão desapareceu.

Todas estas visões, pensou Llewellyn, devem ser fragmentos da minha imaginação. Tinham tão pouco nexo ou significado e eram rostos e lugares desconhecidos. Em seguida suas visões não foram mais figurativas. O vazio que ele conscientizou não era mais total e absoluto, pois passou a ter sentido e propósito.

Llewellyn não vagava a esmo e sim incorporava o vazio dentro de si mesmo. Percebeu que estava esperando alguma coisa.

A tempestade de vento veio de repente — uma destas tormentas inesperadas que descem das montanhas. Veio rodopiando e gritando em nuvens vermelhas de pó como se fosse uma entidade e desapareceu tão repentinamente quanto tinha vindo.

O silêncio que se seguiu era quase palpável.

Todo o equipamento de Llewellyn tinha sido varrido pelo vento e ao longe ele via a aba de sua barraca, acenando furiosamente no fundo do vale. Estava sem nada, só no mundo, em paz como se tivesse nascido naquele momento.

Sabia agora que o que ele esperara sempre estava para acontecer. Sentiu medo outra vez, não aquele pavor antigo, que tinha sido apenas uma forma de resistência.

Desta vez, estava preparado para aceitar — havia dentro dele um vazio, um despojamento que o tornava capaz de receber uma Presença. Sentia medo porque, com humildade, percebia como era pequeno e insignificante.

Não foi fácil explicar a Wilding o que aconteceu em seguida.

— Pois não há palavras para descrever. Mas, estou certo do que senti... uma espécie de reconhecimento de Deus. Posso expressar melhor, comparando o que um cego sente em relação ao sol, baseado num conhecimento intelectual e pelo calor que sente em seu corpo. De repente, ele abre os olhos e vê o céu! Eu acreditava em Deus, mas naquele momento tive certeza. Era um conhecimento direto, inexplicável. É uma experiência terrível. Pude perceber também porque quando Deus se aproxima do homem o faz encarnado num Corpo Humano. Mais tarde, só durou alguns segundos, voltei para casa a pé. Levei uns dois ou três dias e eu estava exausto quando cheguei.

Llewellyn calou-se por um momento.

— Minha mãe estava muito preocupada comigo! Não podia perceber o que me acontecera. Meu pai, eu penso, tinha uma idéia. Sabia, pelo menos, que eu passara por uma grande experiência espiritual. Eu disse à minha mãe que tivera estranhas visões, ao que ela respondeu: “eles têm este dom na família do seu pai. A avó dele e uma irmã também sentiram isto”...

— Depois de uns dias de descanso e boa alimentação senti-me forte outra vez. Quando as pessoas falavam no meu futuro, eu ficava quieto. Sabia que não tinha mais com que me preocupar, bastava aceitar — e já não havia outro jeito — embora eu ainda não pudesse definir em que consistia esta aceitação.

— Uma semana depois houve uma grande missa na redondeza. Minha mãe queria ir e meu pai concordou, embora não estivesse muito interessado. Fui com eles...

Llewellyn sorriu para Wilding.

— Era um espetáculo cru, um tanto melodramático, que não me comoveu e até me desapontou um pouco. Várias pessoas levantaram-se para testemunhar em público e então senti um comando dentro de mim. Levantei-me e lembro-me bem dos rostos olhando para mim.

— Não sabia o que iria dizer... não pensei, também não expus minhas crenças.

As palavras saíram colocadas na minha cabeça e às vezes pareciam se atropelar na pressa que tinham de sair. Tive que correr para alcançá-las com medo de as perder. Não posso descrever o que senti... mas se eu dissesse que era como uma labareda e como um mel, ao mesmo tempo, o senhor entenderia? A chama me queimava, mas o doce me acalmava; era a doçura e o fogo da obediência. Ser um mensageiro de Deus é uma experiência terrível e maravilhosa ao mesmo tempo.

— Terrível como um exército com bandeiras — disse Wilding.

— Sim, o pastor sabia do que estava falando.

— E depois?

Llewellyn Knox abriu os braços.

— Exaustão, completa exaustão. Devo ter falado uns três quartos de hora. Quando cheguei em casa, sentei-me ao lado do fogo, tremendo, tão cansado que não podia me mover. Minha mãe compreendeu. É como meu pai ficava, depois da Semana Santa, disse ela. Mais tarde me serviu um prato de sopa e colocou garrafas de água quente na minha cama.

— O senhor possuía a herança necessária — disse Wilding. — O lado místico escocês e a criatividade e a poesia galesas. O dom da palavra, também. Aliás, o que o senhor descreveu não podia ser mais criativo: o medo, a frustração, o vazio e de repente a torrente de poder e, em seguida, o cansaço.

— Quer prosseguir? — perguntou Wilding, depois de uma ligeira pausa.

— Não há muito mais que contar. Fui ver Carol, no dia seguinte, e contei que não iria mais ser médico e sim pregador, que eu até então esperava poder casar com ela, mas que agora isto seria impossível. Ela não compreendeu. Um médico pode praticar o bem tanto quanto um pastor, disse-me ela. Eu respondi que não se tratava de praticar o bem... eu estava apenas obedecendo uma ordem. Carol achou tolice não nos casarmos, afinal eu não era católico romano, era?

— Tudo que sou — respondi — emana de Deus. Mas, é claro, ela não podia compreender. Não eram palavras do seu vocabulário. Fui para casa, falei com minha mãe, pedi que fosse boa com Carol e que procurasse entender a situação.

— Entendo muito bem — disse ela. — Você não tem mais nada para oferecer a uma mulher.

Em seguida começou a chorar.

— Eu sabia, sempre soube que havia alguma coisa — continuou ela. — Acredite, é bem duro para as mulheres e para as mãe! Se eu o perdesse para uma outra mulher, seria como a vida é! Eu teria a compensação de segurar seus filhos no meu colo. Mas, desta maneira, eu o perco inteiramente.

Assegurei-lhe que não era verdade, mas sabíamos que no fundo ela estava com a razão. Os laços humanos seriam partidos.

Wilding mexeu-se com impaciência.

— Desculpe mas não posso aceitar isso como uma maneira de viver. Existe o amor, a simpatia, o calor humano...

— Não estou me referindo a esta forma de vida! Estou falando de um homem escolhido, um homem que não é comum — e que é menor do que os outros — tão menor que não pode jamais esquecer esta condição.

— Não posso entender.

Llewellyn falou baixo, como se estivesse sozinho.

— É este o perigo, quando a gente se esquece. Agora, percebo que Deus teve pena de mim e me salvou em tempo.

Capítulo Seis

Wilding espantou-se com as palavras de Llewellyn.

— Foi muita bondade sua me contar tudo — disse Richard, um pouco embaraçado. — Por favor, acredite que não quis saber sua história por mera bisbilhotice.

— Sei disso. O senhor é um homem que se interessa pelas pessoas.

— E o senhor é um homem raro. Já li nos jornais muitas histórias a seu respeito, mas não era isso que eu desejava saber, pois são detalhes factuais.

Llewellyn concordou, pensando ainda no passado.

Lembrou-se de quando foi levado para o 34.° andar de um prédio e foi recebido por uma recepcionista loura e por um rapaz forte que o conduziu até o escritório do poderoso magnata. Reviu a escrivaninha brilhante, o homem que se levantou para recebê-lo, oferecendo-lhe a mão. O mesmo queixo forte e decidido, os pequenos olhos azuis penetrantes. Exatamente a mesma figura daquela visão do deserto.

— ... muito prazer em conhecê-lo, Dr. Knox. Como vê o país está pronto para receber Deus de volta... precisamos promover isto em grande estilo... e para tanto precisamos investir dinheiro... já estive em duas das suas reuniões... e fiquei impressionado... o senhor segura a platéia na palma da mão... maravilhoso... maravilhoso...

Deus e os grandes negócios. Seria uma incongruência? Mas, por que não? Se o poder de negociar era um dom de Deus dado ao homem, por que não empregá-lo ao Seu serviço?

Llewellyn não teve dúvidas ou incertezas, pois este homem e esta sala já haviam aparecido antes. Faziam parte do seu destino. Haveria sinceridade naquele homem, uma sinceridade crua que mais se assemelhava aos desenhos de uma caverna pré-histórica?

Ou seria apenas um oportunismo comercial grosseiro? O reconhecimento de uma situação em que se poderia aproveitar de Deus?

Llewellyn não soube e nem se preocupou em descobrir. Fazia parte do seu destino ser apenas um mensageiro, nada mais, um homem nascido para obedecer.

Quinze anos... começara em barracas, depois salas de aula, salas de conferência, auditórios e agora estádios. Rostos... uma massa gigantesca de rosto colocados à distância em filas. Esperando... ansiando...

E ele? Sempre o mesmo.

O frio, a volta do medo, o vazio, a espera. E então o Dr. Llewellyn Knox se

levantava e... as palavras vinham, como torrentes, saindo dos seus lábios. Não suas palavras, nunca suas palavras, mas a glória, o êxtase de dizê-las como se fossem suas. (Era nisto que estava o perigo. Estranho que até nunca se dera conta.) E depois o debacle, as mulheres histéricas, os homens generosos, a sensação de semicolapso, de intensa náusea, de hospitalidade exagerada, de adulação e de histeria.

E ele, respondendo como podia, não mais um mensageiro de Deus, mas um ser humano, menor ainda do que os que o olhavam com tanta adoração.

Pois ele perdera a pureza, tinha sido esvaziado de tudo que confere dignidade ao homem, e se tornara uma criatura exausta, cheia de desespero, de dúvidas negras e sem esperança.

— Pobre Dr. Knox — diziam, — está com um ar tão cansado...

Cansado... muito mais do que cansado...

Llewellyn tinha sido saudável, mas não tão forte que pudesse aguentar estes últimos quinze anos. A náusea, a tontura, a taquicardia, a dificuldade de respirar, os desmaios tinham minado seu corpo combalido.

Foi para um sanatório nas montanhas: deitado, imóvel, olhando pela janela para a sombra recortada de um pinheiro, enquanto um médico vermelho e gordo o examinava.

— Vai levar muito tempo, o senhor terá que ter muita paciência.

— Sim, doutor.

— Graças a Deus o senhor é bastante forte, mas abusou demais. Coração, pulmão, todos os órgãos estão afetados.

— O senhor está tentando me dizer que vou morrer? — perguntou Llewellyn, quase sem curiosidade.

— Claro que não; vai ficar bom novamente, mas como já disse, vai demorar muito tempo. Garanto que sairá daqui novo em folha. Só que...

O médico hesitou.

— Só que o quê?

— O senhor precisa compreender, Dr. Knox, que vai ter que levar uma vida calma no futuro. Terá que se afastar da vida pública... nada de plataforma, discursos, rezas...

— Depois do descanso...

— Não, Dr. Knox, não importa quanto tempo descanse, minha opinião é esta.

— Percebo. Estou esgotado.

— Isto mesmo.

Esgotado. Usado por Deus para Seu propósito mas como o instrumento era humano e frágil não podia durar muito. Sua utilidade acabara. Esgotado, descartado, pronto para ser jogado fora.

E agora?

Eis a questão. E agora?

Pois afinal quem era Llewellyn Knox?

Era o que ele teria que descobrir.

* * *

— Posso perguntar quais são seus planos? — disse Wilding, tentando ler os pensamentos de Llewellyn.

— Não tenho planos.

— É mesmo? Talvez espere poder voltar...

— Não há possibilidade — interrompeu Llewellyn, agressivo.

— Talvez um outro tipo de atividade correlata?

— Não... está tudo acabado. É assim que tem que ser.

— Eles disseram isto?

— Não, claramente. A vida pública está encerrada, foi o que os médicos enfatizaram. Não posso mais subir a uma plataforma. Isto significa o fim.

— Talvez uma vida calma em algum lugar? Sei que não é sua vocação, mas quem sabe alguma igreja?

— Eu era evangelista, Sir Richard. É uma coisa bem diferente.

— Desculpe, acho que entendo. O senhor vai ter que começar outra vida.

— Sim, uma vida particular, como qualquer homem.

— E isto o assusta e o confunde?

Llewellyn discordou com a cabeça.

— Absolutamente, percebi isto nestas últimas semanas em que estive aqui. A verdade é que escapei de um grande perigo.

— Que perigo?

— Não se deve dar poder a um homem. Apodrece o indivíduo, corrói o ser humano por dentro. Quanto tempo eu poderia continuar naquela vida, sem acabar me pervertendo? Na verdade creio que já fui maculado, principalmente naqueles momentos em que falei com a multidão — será que eu não estaria imaginando que era eu quem falava, eu quem estava trazendo a mensagem? Eu que saberia o que eles deviam ou não deviam fazer, eu que não era mais o mensageiro de Deus, mas seu legítimo representante? Isto mesmo, promovido a vizir, exaltado, um homem superior aos demais! Deus, na sua infinita sabedoria, decidiu me salvar em tempo.

— Quer dizer que sua fé não diminuiu com o que lhe aconteceu?

Llewellyn riu.

— Fé? Me parece uma estranha palavra. Nós acreditamos no sol, na lua, na

cadeira em que sentamos, no chão em que pisamos? Se temos conhecimento por que precisamos acreditar? Tire da cabeça, por favor, a idéia de que eu sofri uma tragédia. Não foi isto o que aconteceu. O que se passou é que eu segui meu destino — e ainda o estou seguindo Foi certo eu ter vindo para esta ilha e sei que irei embora quando chegar o momento.

— O senhor acha que receberá outro... como foi que o senhor disse... outro comando?

— Oh! Não, nada tão definitivo. Mas aos poucos aparecerá um caminho que será não só convidativo como inevitável. E eu o seguirei. Minha mente ficará clara, eu saberei que terei que ir e o que terei que fazer.

— É tão fácil assim?

— Penso que sim. Para explicar melhor, creio que é uma questão de harmonia. Quando se toma um caminho errado, não quero me referir a errado no sentido de mal, mas sim de engano, sabe-se logo. É como errar o compasso quando se dança ou cantar fora do tom. — Como se tivesse lembrado de alguma coisa acrescentou: — Se eu fosse mulher diria que é como dar um ponto errado no tricô.

— E o que me diz das mulheres? Será que vai voltar para casa? Reencontrar o antigo amor?

— Um final feliz? Não creio. Além do mais — disse Llewellyn, sorrindo, — Carol já está casada, há muitos anos, tem três filhos e o marido vai muito bem, fazendo corretagem em grande escala. Carol e eu não fomos feitos um para o outro, éramos apenas duas crianças brincando com o amor.

— Não apareceu outra mulher em sua vida?

— Graças a Deus, não. Se tivesse e se eu encontrasse...

Llewellyn calou-se, o que surpreendeu Wilding, pois este não conhecia a visão que o pastor tinha tido da mulher de cabelos negros, de testa larga e olhos trágicos. Um dia, Llewellyn sabia que a encontraria, pois ela era tão real quanto o escritório do magnata e o sanatório. Ela era uma realidade. Se ele a tivesse encontrado antes, teria sido obrigado a abandoná-la, pois trabalhava a serviço de Deus. A mulher de cabelos negros não era Carol, não fazia parte de um namoro primaveril, nem de uma excitação da juventude. Porém, não foi obrigado a mais este sacrifício... e agora, que estava livre, quando a encontrasse... pois ele não tinha dúvida de que a encontraria, embora não soubesse em que circunstâncias, em que lugar, em que momento — isto ainda era um mistério.

Uma lápide em frente a uma igreja, labaredas de fogo eram os únicos indícios que possuía, apesar de sentir que estava se aproximando do momento de encontrá-la.

A porta da biblioteca se abriu com violência, o que os espantou. Wilding virou

a cabeça e levantou-se.

— Querida, eu não sabia...

Ela não estava de xale ou de preto. Usava um leve vestido de malva claro, o que fez Llewellyn lembrar-se do aroma de lavanda. A mulher parou no meio da sala quando o viu e encarou Llewellyn com um olhar tão estranho e esgazeado, tão despojado de emoção ou reconhecimento, que o médico sentiu-se chocado.

— Meu amor, está melhor da dor de cabeça? Este é o Dr. Knox, minha esposa.

Llewellyn aproximou-se, apertou a frágil mão e disse formalmente:

— Muito prazer em conhecê-la, Lady Wilding.

O olhar humanizou-se e pareceu aliviar-se. Ela sentou-se numa cadeira que Wilding trouxe para perto e começou a falar com certa irritação.

— O senhor é o Dr. Knox? Já li muito a seu respeito. Estranho ter vindo para cá... por que veio? Isto é, o que o fez vir? Não é um lugar tão procurado, não é mesmo Richard? — Virou o rosto para o marido e sem esperar resposta, prosseguiu: — As pessoas geralmente não ficam aqui... vêm e voltam, em seguida. E para onde vão? Não sei. Compram frutas, bonecas de pano, chapéus de palha, voltam para o navio e desaparecem. Para onde será que vão? Manchester? Liverpool? Chichester? Talvez para visitar a catedral, usando o chapéu de palha. O que seria engraçado, não é mesmo? As pessoas dizem: “não sei se estou indo ou vindo”. Era o que dizia minha velha babá. E é verdade. É a vida. Será que a gente está indo ou vindo? Não sei.

Ela sacudiu a cabeça e riu. Ao sentar-se, pareceu que ia cair. Llewellyn pensou: “daqui a pouco ela vai desmaiar. Será que ele sabe?”

Mas, ao olhar para Wilding, Llewellyn percebeu que o marido, apesar de ser um homem experiente, não percebia coisa alguma, preocupado que estava apenas em amar e idolatrar a mulher.

— Querida — disse Wilding —, você está febril, não devia ter se levantado.

— Sinto-me melhor, depois daquela batelada de pílulas. Acabou com a dor mas me deixou embriagada — disse ela, com um riso inseguro, empurrando os cabelos para trás, com as mãos brancas e frágeis. — Não se preocupe tanto comigo, Richard. Sirva um drinque ao Dr. Knox.

— E você? Quer um pouco de *brandy?* Talvez a reanime...

Ela fez uma careta.

— Não, só um pouco de limonada com soda — respondeu agradecendo ao marido com um sorriso.

— Se for por causa de bebida você nunca morrerá — disse Richard aereamente.

— Quem sabe? — respondeu ela, com um sorriso que parecia petrificado em seus lábios.

— Eu sei. Dr. Knox quer algo? Um refrigerante, ou um uísque?

— Um *brandy* com soda, por favor.

— Podíamos partir — disse ela, de repente. — Vamos partir, Richard?

— Para onde? Fora daqui?

— Sim, exatamente.

Wilding serviu-se de uísque e pôs-se atrás da esposa.

— Vamos para onde você quiser, meu bem. Pode escolher o lugar. Podemos até ir hoje à noite.

Ela deu um longo e profundo suspiro.

— Você é tão bom para mim. É claro que não quero sair daqui. De qualquer maneira, como seria possível? Você precisa administrar a propriedade, que, afinal, depois de tantos anos, pela primeira vez está dando lucro.

— Mas isto não tem importância. Você é mais importante.

— Talvez eu faça uma viagem, sozinha...

— Não, devemos ir juntos. Quero que você se sinta protegida, que saiba que existe alguém ao seu lado que se preocupa com você...

— Acha que eu preciso de um guardião? — perguntou ela, rindo quase sem se controlar e pondo a mão na boca.

— Quero que saiba que estou sempre ao seu lado — disse Wilding.

— Mas eu sei disso, sei disso muito bem.

— Vamos para a Itália ou para a Inglaterra, se você quiser. Talvez esteja com saudades da Inglaterra.

— Não, não iremos a lugar algum. Ficaremos aqui — disse ela. — Não faz diferença alguma viajar.

Ela pareceu afundar um pouco na cadeira. Olhou, em seguida, o horizonte com tristeza. De repente, virou-se para Wilding, que a observava atônito.

— Querido Richard — disse ela —, você é tão bom para mim, tão paciente!

— Contanto que você compreenda que nada mais tem importância para mim a não ser você — disse Richard baixinho.

— Eu sei... ora, como eu sei...

— Eu esperava que você fosse feliz aqui, mas vejo... que existem poucas distrações...

— Temos o Dr. Knox — disse ela, virando o rosto para o convidado, com um sorriso inesperado e matreiro.

Que criatura maravilhosa ela poderia ser, pensou Llewellyn.

— Quanto à ilha — disse ela —, é um paraíso na terra. Foi o que você me disse um dia e eu, hoje, sei que é verdade. Um verdadeiro paraíso terrestre.

— Ah!

— Mas eu não posso suportar isso. Não acha, Dr. Knox, que é necessário um

caráter forte para poder suportar um paraíso? Como os povos primitivos, abençoados, sentados em volta de uma clareira, usando coroas... eu sempre pensei que deviam ser pesadas coroas.. atirando as coroas de ouro num mar espelhado, isto é uma frase de um hino, não é? Talvez Deus deixasse que eles atirassem as coroas por causa do peso... pois é muito incômodo usar uma coroa o tempo todo. Tudo que é demais não presta. Acho — ela levantou-se, tropeçando um pouco — que vou voltar para a cama... creio que você tem razão, Richard, talvez eu esteja febril. Mas as coroas pesam tanto! Estar aqui é como realizar um sonho, só que não vivo mais num sonho. Tenho que ir para algum lugar, só não sei para onde. Se ao menos...

Ela caiu e Llewellyn, que esperava por isto a qualquer minuto, segurou-a, entregando-a, em seguida, ao marido.

— É melhor colocá-la na cama — aconselhou o médico.

— Sim, sim. Em seguida vou chamar o médico.

— Não é preciso. Ela agora vai dormir.

Wilding olhou desconfiado para Llewellyn.

Os dois levaram a moça desmaiada para a cama. Uma porta da biblioteca levava, por um estreito corredor, até o quarto. Deitaram-na num enorme leito de madeira talhada, com um docel de brocado. Wilding foi até o corredor.

— Maria... Maria...

Llewellyn deu uma rápida olhada pelo quarto. Foi até o banheiro, examinou o armário e voltou para o quarto.

Wilding continuava chamando pela criada, impacientemente.

Llewellyn dirigiu-se à mesa de cabeceira. Wilding entrou, em seguida, com uma mulher baixa e morena que, ao ver a moça, deu um grito de exclamação.

— Cuide dela — disse Wilding. — Enquanto isto eu chamo um médico.

— Não é preciso, *señor,* eu sei o que fazer. Amanhã de manhã ela estará boa.

Com certa relutância, Wilding retirou-se, seguido por Llewellyn, que parou um instante no umbral da porta.

— Onde é que ela guarda?

A mulher olhou para ele, piscando os olhos nervosamente. Quase sem querer ela olhou para um quadro, uma paisagem pendurada na porta, em estilo Corot. Llewellyn levantou o quadro e deparou com um cofre antigo, desses em que as mulheres guardavam as jóias no século passado, e que hoje em dia não oferecem a menor segurança contra ladrões. Abriu a fechadura, balançou a cabeça e fechou o cofre.

Seus olhos se encontram com os de Maria.

Llewellyn voltou para a sala. Wilding desligava o telefone.

— O médico saiu, deve ter ido para fora.

— Acho — disse Llewellyn, cuidadosamente — que Maria sabe o que fazer. Já tratou de Lady Wilding em ocasiões semelhantes.

— Sim... talvez tenha razão. Ela gosta muito da minha mulher.

— Eu sei.

— Todos aliás gostam dela. É uma mulher que inspira amor... amor e vontade de protegê-la. O povo daqui tem uma propensão para o belo... principalmente quando a beleza corre perigo.

— E ao mesmo tempo são mais realistas que os anglo-saxões.

— Talvez.

— Não se escondem da verdade.

— E nós, nos escondemos?

— Frequentemente. O quarto de sua mulher é belíssimo. Estranho que não cheire a perfume, como o quarto de outras mulheres. Só senti um leve odor de água-de-colônia e lavanda.

Richard concordou com a cabeça.

— É verdade. Acabei por associar lavanda com Shirley. Lembra-me a infância, o cheiro de lavanda na penteadeira de minha mãe. O linho branco, os saquinhos de lavanda que ela fazia para conservar a roupa com o frescor da primavera. É uma tradição camponesa.

Richard suspirou e viu que o hóspede olhava para ele sem entender.

— Preciso ir embora — disse Llewellyn.

Capítulo Sete

— Então, ainda continua vindo aqui?

Knox esperou o garçom se afastar para responder. Lady Wilding calou-se por um instante. Esta noite ela não olhava para o porto e sim para o copo cheio de um líquido dourado.

— Suco de laranja — disse ela.

— Compreendo; um símbolo.

— Sim. Ajuda um pouco a criarmos símbolos.

— Sem dúvida.

— O senhor contou a ele que me viu aqui?

— Não.

— Por quê?

— Porque não quis magoá-lo e ele não me perguntou.

— Mas, se ele perguntasse o senhor diria?

— Sim.

— Por quê?

— Porque acredito na sinceridade absoluta.

Ela deu um suspiro.

— Às vezes, me pergunto se o senhor compreende tudo.

— Não sei.

— Sabe agora por que não posso magoá-lo? Percebeu o quanto ele é bom? Como acredita em mim? Como só pensa em mim?

— Sim, vi tudo isso. Ele quer protegê-la de todo o sofrimento e da maldade.

— Isto é impossível. — Ela olhou para Knox. — Será que um dia me tornarei a pessoa que eu sonhava ser? Gostaria tanto.

— Não, se não corresponder à realidade.

— Eu poderia partir, mas, para onde? Não para o passado que já acabou. Teria que começar outra vez e não sei como ou onde. Além do mais, não poderia magoar Richard, que já sofreu tanto.

— É mesmo?

— Sim, com a outra mulher, uma verdadeira prostituta, muito atraente, simpática, mas completamente amoral. Só ele é que não percebia isso!

— É claro.

— E ela o desapontou e ele caiu em depressão, se culpando, acreditando ter fracassado de alguma maneira. Até hoje, só tem pena dela e é incapaz de culpá-la.

— Ele tem pena demais das pessoas.

— Será que uma pessoa pode ter pena em excesso?

— Sim, tanto que não lhe permite ver as coisas direito. E além do mais é um insulto — acrescentou Knox.

— Como assim?

— Implica no que a reza do Fariseu se referia: “Deus, agradeço não ser como aquele homem.”

— E o senhor nunca sentiu pena de ninguém?

— Sim, sou humano. Mas tenho medo da compaixão...

— Que mal ela pode fazer?

— Levar à ação.

— E isto é um erro?

— Que pode trazer péssimos resultados.

— Para o senhor?

— Não, não para mim, mas para o objeto da nossa compaixão.

— Então, o que se deve fazer quando se sente pena de alguém?

— Deixá-lo na mão de quem pertence... na mão de Deus.

— Considero isto uma sentença implacável... e cruel.

— Não tão perigosa quanto a falsa piedade.

Ela debruçou-se sobre a mesa.

— Diga a verdade, tem pena de mim?

— Procuro não ter.

— Por quê?

— Para evitar que a senhora sinta pena de si mesma.

— O senhor acha que eu tenho pena de mim?

— Não tem?

— Não — respondeu ela, vagarosamente. — Não, mesmo... eu errei o caminho e acho que foi por minha própria culpa.

— Isto pode acontecer, mas não creio que seja o seu caso

— Diga, o senhor, que sabe pedir a Deus para as pessoas, que devo fazer?

— A senhora sabe.

Ela olhou para ele e de repente começou a rir. Um riso claro e alegre.

— Sim — disse ela, ofegante. — Eu sei muito bem. Fugir.

Parte IV
COMO ERA NO PASSADO - 1956

Capítulo Um

Llewelly examinou o prédio, antes de entrar. Era tão soturno quanto a rua; aqui, nesta zona de Londres, ainda se viam as ruínas da guerra que, acompanhadas pela pobreza do bairro, emprestavam a tudo um aspecto muito deprimente. Ele sentiu-se mal.

A incumbência que o trouxera àquele lugar era por demais dolorosa e, apesar de não querer fugir à responsabilidade, sabia que respiraria aliviado quando tivesse cumprido a missão.

Suspirou fundo, endireitou as costas, subiu um lance de escadas e passou por uma porta.

No interior do prédio havia muito movimento, mas era o que se podia chamar de uma agitação ordeira. Até as correrias pelos corredores eram disciplinadas. Uma moça, num uniforme azul claro, parou perto dele.

— Que deseja?

— Quero ver a Srta. Franklyn.

— Desculpe, mas ela hoje não pode receber. Vou levá-lo à sua secretária.

Ele insistiu gentilmente que precisava ver a Srta. Franklyn.

— É importante — acrescentou —, se puder fazer o favor de entregar-lhe esta carta.

A moça conduziu Llewellyn a uma saleta de espera. Pouco depois apareceu uma senhora gorda de olhar bondoso.

— Sou a Srta. Harrison, secretária da Srta. Franklyn. O senhor vai ter que aguardar um pouco, pois no momento ela está com uma criança que acabou de sair da anestesia.

Llewellyn agradeceu e começou a fazer perguntas. A secretária animou-se e passou a explicar como funcionava a Fundação Worley para Crianças Excepcionais.

— É uma fundação muito antiga, de 1840. Nosso fundador, Nathaniel Worley, era proprietário de vários moinhos nesta região, mas infelizmente os fundos foram escasseando, os investimentos diminuindo e o custo de vida aumentando. É claro que houve problemas de má administração, mas desde que a Srta. Franklyn passou a exercer a superintendência...

O rosto da Srta. Harrison iluminou-se e a velocidade com que falava

aumentou.

Era óbvio que a Srta. Franklyn era tudo para ela, pois havia limpado os estábulos, organizado mil coisas, lutado contra a burocracia e vencido e agora reinava suprema sobre tudo e sobre todos, o que era maravilhoso. Llewellyn se perguntou por que o entusiasmo de uma mulher por outra sempre lhe parecia tão vulgar e duvidou que fosse simpatizar com a Srta. Franklyn, que mais lhe parecia uma abelha-mestra cercada de escravas para produção de cera e mel.

Finalmente foi levado para o outro andar. A Srta. Harrison bateu na porta de uma das salas e deu passagem para Llewellyn; com um gesto indicou o santuário dos santuários: o escritório da Srta. Franklyn.

Ela estava sentada na sua escrivaninha e parecia muito cansada. Llewellyn olhou para ela e ficou tão atônito e surpreso que só conseguiu balbuciar:

— Você...

Uma ruga de interrogação cortou a testa dela, aquela testa tão conhecida para ele. Sim, pois era o mesmo rosto — pálido, delicado, a mesma boca amargurada, os olhos escuros, os cabelos negros que nasciam das têmporas triunfantes como asas. Um rosto trágico, pensou Knox, mas aqueles lábios generosos podiam ser feitos para o riso, e o rosto orgulhoso podia ser transformado pela ternura.

— Dr. Llewellyn? — perguntou ela, delicadamente. — Meu cunhado escreveu que o senhor viria. Foi muita bondade sua me procurar.

— Sinto que a morte de sua irmã deve ter sido um grande choque.

— Foi. Ela era tão jovem — a voz fraquejou um instante, mas logo ela conseguiu controlar-se.

Ela é disciplinada e corajosa, pensou Llewellyn. Veste-se como uma freira.

Laura usava um vestido preto com uma severa gola branca.

— Como eu preferiria ter morrido no lugar dela... mas creio que sempre se deseja isto!

— Nem sempre. Apenas quando se ama demais ou quando a própria vida se torna insuportável.

Ela abriu os olhos e encarou-o com interesse.

— O senhor é Llewellyn Knox, não é?

— Era. Hoje em dia me chamo Murray Knox para evitar a repetição contínua de explicações e pêsames. Foi uma solução para não encabular os outros e a mim.

— Já vi seus retratos nos jornais, mas não creio que o reconheceria.

— É mesmo. A maioria das pessoas não me reconhece mais. Temos tantos rostos novos nos jornais que eu já estou ficando praticamente esquecido.

— Esquecido?

— Não, fisicamente — disse ele, sorrindo —, mas em importância. Sabe que

trouxe alguns objetos pessoais da sua irmã. Seu cunhado achou que a senhorita gostaria de tê-los. Estão no meu hotel. Talvez pudesse jantar comigo ou prefere que eu os envie para cá?

— Quero tê-los. E quero ouvir tudo que o senhor tem para me contar sobre Shirley. Faz tanto tempo que eu não a via, quase três anos. Ainda não posso acreditar que tenha morrido. Quero saber de tudo, mas... por favor, não tente me consolar. Creio que o senhor ainda acredita em Deus, pois quero que saiba que eu não! Desculpe se isto o ofende, mas quero deixar bem claro o que sinto. Se existe um Deus, Ele é cruel e injusto.

— Por que Ele permitiu que sua irmã morresse?

— Não vamos discutir isso. Não me fale em religião. Fale de Shirley... até hoje ainda não entendi como ocorreu o acidente.

— Ela estava atravessando uma rua quando foi atropelada por um pesado caminhão. Morreu instantaneamente, e não sofreu nada.

— Foi o que Richard escreveu. Mas eu pensei que talvez ele estivesse tentando me poupar... ele é tão bom!

— Sim, é um homem muito bom. Pode acreditar que sua irmã morreu em segundos e não sofreu nada.

— Como aconteceu?

— Era tarde. Ela estava num café perto do porto. Ao sair, cruzou a rua sem olhar e um caminhão a atropelou.

— Estava sozinha?

— Sim.

— Mas onde estava Richard? Por que não estava com ela? Que estranho! Nunca pensei que Richard fosse capaz de deixá-la sair sozinha à noite para ir a um café. Pensei que ele a protegesse, a acompanhasse.

— Não o culpe. Ele a adorava e a protegia, tanto quanto possível. Naquela noite ele não sabia que ela havia saído.

A expressão de Laura abrandou-se.

— Compreendo. Fui injusta — disse apertando as mãos. — É tão cruel, injusto, sem sentido. Depois de tudo que ela passou... só ter tido três anos de felicidade.

Ele olhou para Laura com muita compaixão.

— Desculpe, mas a senhorita amava muito sua irmã?

— Mais do que qualquer coisa no mundo.

— Mas, mesmo assim, não a via há três anos... eles a convidaram, várias vezes, mas a senhorita nunca foi.

— Era difícil largar meu trabalho aqui, encontrar uma substituta.

— Mas, não impossível. Por que não quis ir?

— Eu quis, eu quis!

— Mas tinha razões para não ir?

— Já lhe disse: meu trabalho.

— Gosta tanto assim do seu trabalho?

— Gostar? Não — respondeu ela, surpresa. — É um trabalho útil. Responde a uma necessidade. Estas crianças não tinham quem as amparasse. Acho realmente que faço algo de útil.

Falou com uma sinceridade que pareceu estranha a Knox.

— É claro que é útil, não duvido que seja.

— O senhor não imagina como era este lugar quando viemos para cá. Tive um trabalho enorme para fazê-lo funcionar.

— A senhorita é uma boa administradora, sei disso. Tem muita personalidade, sabe lidar com as pessoas. Tenho certeza de que desempenha um trabalho útil e necessário. Tem algum prazer nisso?

— Prazer? — perguntou ela, espantada.

— Não estou falando grego — disse ele, gentilmente. — Seria um prazer... se a senhorita os amasse...

— Amasse quem?

— As crianças...

— Não, não as amo — disse ela, com tristeza. — Não como o senhor pretende. Gostaria de ser capaz, mas...

— Passaria a ser um prazer e não uma obrigação, não é isto que está pensando? E a senhorita precisa cumprir um dever.

— Por que diz isso?

— Porque se vê na sua expressão. As razões, eu não sei. — Ele levantou-se e andou pela sala. — Que fez a vida inteira? É estranho eu conhecê-la tão bem e no entanto não saber nada a seu respeito. É comovente e eu não sei por onde começar...

Ele estava tão nervoso que Laura não sabia o que fazer.

— Devo parecer um louco. A senhorita não pode compreender. Como seria possível? Acontece que eu vim para a Inglaterra para encontrá-la.

— Para trazer as coisas de Shirley?

Ele abanou a mão num gesto de impaciência.

— Era o que eu imaginava. Substituir Richard numa tarefa que ele não tinha coragem de realizar. Mas não tinha a menor idéia de que eu encontraria você...

Ele debruçou-se sobre a escrivaninha.

— Ouça, Laura, mais cedo ou mais tarde você vai saber de tudo. Há muitos anos, antes de começar minha missão, eu tive três visões, o que na família de meu pai era considerado muito comum. Vi três cenas tão claramente quanto

estou vendo você agora. Na primeira, uma enorme escrivaninha com um senhor de queixo quadrado, sentado... na segunda um enorme pinheiro recortado pelo céu azul, através de uma janela, e um senhor rosado de rosto redondo, com ar de coruja. Já vivi estas duas cenas na realidade. O homem atrás da escrivaninha era um multimilionário que financiou nossa cruzada religiosa. Anos depois, quando fui parar num sanatório, vi pela janela o tal pinheiro, coberto de neve, recortado pelo céu azul e um médico corado me informou que minha vida de evangelista estava encerrada. A terceira visão era você. Sim, Laura, você. Tão claramente quanto a vejo agora. Mais jovem, mas com a mesma tristeza no olhar, o mesmo ar de tragédia estampado no rosto. Não pude divisar claramente o lugar em que você se encontrava, mas parecia uma igreja e mais ao fundo uma enorme labareda...

— Labareda? — perguntou ela, espantada.

— Sim. Já esteve num incêndio?

— Uma vez, quando era criança. Mas, a igreja... que espécie de igreja era? Seria uma igreja católica, com uma Nossa Senhora de manto azul?

— Não posso garantir, pois na minha visão não havia cor ou luz. Era tudo cinza e você estava parada perto de uma pia batismal.

Llewellyn notou que ela empalidecia e instintivamente segurava a cabeça.

— Isto quer dizer alguma coisa, Laura?

— O quê? — insistiu ela, pouco depois.

— Shirley Margaret Evelyn, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... — ela calou-se. Depois continuou: — O batizado de Shirley... eu fui a madrinha por procuração. Segurei-a nos braços, mas queria jogá-la no chão contra as pedras. Queria que ela morresse, era isto que eu queria... e agora ela está morta.

Laura tapou o rosto com as mãos.

— Laura, minha querida, eu compreendo. E as chamas, o que querem dizer?

— Eu rezava, rezava. Até acendi uma vela e fiz promessa. Sabe para quê? Queria que Shirley morresse e agora...

— Pare, Laura. Não continue. O incêndio... como aconteceu?

— Na mesma noite, quando acordei, vi a fumaça. A casa estava em chamas. Eu pensei que minha promessa tinha sido atendida e ouvi o choro do bebê. De repente, tudo pareceu se modificar. Só pensei em salvar minha irmã e foi o que fiz. Ela não chegou sequer a ficar chamuscada. Quando a coloquei na relva, percebi que não sentia mais ciúmes, nem ódio... e sim amor e que daquele momento em diante eu sempre a amaria.

— Minha querida — disse Llewellyn, debruçando-se sobre a escrivaninha. — Percebe agora por que vim para cá...

A porta abriu-se e a Srta. Harrison entrou correndo.

— O especialista chegou. O Dr. Bragg... está na enfermaria A perguntando pela senhora.

Laura levantou-se.

— Já estou indo.

A Srta. Harrison saiu.

— Desculpe — disse Laura, apressada. — Preciso ir. Se puder mandar as coisas de Shirley...

— Preferiria que viesse jantar comigo no hotel. Estou no Windsor, perto da estação. Pode vir hoje à noite?

— Não, hoje é impossível.

— Amanhã então...

— É tão difícil para mim sair à noite...

— Sei que não trabalha de noite. Já andei perguntando.

— Tenho outros encontros... compromissos.

— Não é por isso. Você está com medo.

— Muito bem, estou com medo.

— De mim?

— Pode ser.

— Por quê? Me considera um louco?

— Não, não é isto.

— Mas tem medo. Por quê?

— Quero ficar só, não quero interferência na minha vida. Não sei por que estou lhe dizendo isso... Preciso atender o doutor...

— Mas jantará comigo amanhã? Ficarei em Londres até que possa.

— Então, hoje à noite.

— Assim já fica logo livre de mim! — disse ele, rindo e surpreendendo-se porque ela riu também.

Em seguida, Laura ficou séria, despediu-se formalmente e dirigiu-se para a porta. Llewellyn deu passagem para ela e correu para abrir a porta.

— Hotel Windsor, oito horas. Estarei esperando.

Capítulo Dois

Laura, no seu pequeno apartamento, sentou-se diante do espelho. Um estranho sorriso aflorou nos seus lábios enquanto estudava o rosto. Na mão direita segurava um batom, enquanto com a outra colocava a tampa diante dos olhos e lia atentamente o nome gravado no estojo dourado: *A Maçã Fatal.*

Ela perguntou-se que estranho impulso a fizera entrar na luxuosa loja de perfumes que ficava perto do seu trabalho.

A moça mostrara-lhe uma coleção de batons, experimentando-os nas costas da mão enfeitada com enormes unhas cor de vinho. Pequenas manchas rosa, cereja, vermelho, castanho e cíclame, alguns tons quase iguais aos outros, exceto pelos nomes... que nomes fantásticos, pensara Laura.

Raio Rosa, Rum Amanteigado, Coral Nebuloso, Rosa Calmo, Maçã Fatal...

Laura sentira-se atraída pelo nome e não pela cor... *Maçã Fatal,* uma sugestão de Eva, de tentação, de feminilidade. Em frente do espelho ela cuidadosamente pintou os lábios.

Baldy! Pensou em Baldy, mexendo no jardim e dando-lhe conselhos tantos anos atrás: “mostre que é mulher, desfralde as bandeiras, agarre seu homem”... e coisas parecidas. Não era isto que ela estava fazendo neste momento?

Sim, exatamente isto, pensou ela. “Só por esta noite quero ser uma mulher como as outras, feminina, pintada e preparada para atrair os homens. Jamais quis fazer isto antes, achei que não era este tipo de mulher. Mas vejo hoje que sou igual às outras, só que não sabia.”

Teve a sensação de que Baldy estava com ela no quarto, sentado, observando-a e aprovando com a cabeça, enquanto murmurava: “isto, Laura... nunca é tarde para se aprender!”

Querido, amado Baldy. O amigo eterno, sempre presente. O único e fiel amigo que tivera. Lembrou-se da sua morte há dois anos. Mandaram chamá-la, mas quando chegou o médico avisou que talvez fosse tarde demais e que possivelmente ele não a reconheceria. Estava piorando a cada momento e quase entrando em coma.

Laura sentou-se ao lado dele, Segurando-lhe as mãos nodosas.

Baldy, muito quieto, gemendo e grunhindo de vez em quando, como se estivesse irritado com alguma coisa. Palavras esparsas afluíam aos seus lábios.

De repente, ele abriu os olhos e viu Laura, mas não pareceu reconhecê-la.

— Onde está a menina? Mande chamá-la, por favor. Não me venha com a conversa de que criança não deve ver gente morrendo. O que conta na vida é a experiência... além do mais as crianças aceitam a morte melhor do que nós...

— Eu estou aqui — disse Laura.

Fechando os olhos ele murmurou indignado:

— Morrendo, não é? Não estou morrendo. Os médicos são todos iguais, uns abutres. Vou mostrar a eles...

Em seguida caiu num estado de torpor, murmurando, de vez em quando, trechos sobre o passado.

— Um estúpido... sem o menor sentido histórico... — um gemido... — O velho Curtis e seus jardins. Minhas rosas sempre foram mais bonitas.

Em seguida Baldock começou a falar sobre Laura.

— Laura, precisamos arranjar um cachorro para ela...

— Um cachorro? — perguntou Laura, espantada. Ela teve a impressão de que ele estava falando com a governanta dele.

— ... e tira estas guloseimas da minha frente, são nojentas... podem agradar às crianças, mas me dão nojo só de olhar.

Era lógico que ele estava falando dos chás magníficos que oferecia para ela.

Quanto trabalho em preparar aqueles maravilhosos *éclairs*, merengues, balas e biscoitos.

Ás lágrimas vieram aos olhos de Laura.

De repente, ele abriu os olhos, olhou para ela, reconheceu-a e começou a conversar normalmente.

— Não devia ter feito isto, Laura — disse ele num tom de reprovação. — Você sabe que não devia. Só vai lhe trazer confusão e problemas.

E com o ar mais natural do mundo, virou a cabeça sobre o travesseiro e morreu.

Seu amigo.

Seu único amigo.

Laura olhou-se novamente no espelho. Assustou-se com a imagem refletida.

Seria a linha vermelha escura desenhada em volta da boca que lhe dava aquele aspecto tão diferente? Lábios carnudos, não mais insípidos ou ríspidos. Aquele ar antisséptico e bem comportado tinha desaparecido.

— Por que não tentar ficar bonita? Só por esta vez? Só por esta vez? Sei que é tarde demais, mas pelo menos terei esta recordação...

* * *

— O que aconteceu com você? — perguntou ele, imediatamente.

Ela olhou para ele, com timidez, mas tentou disfarçar o mal-estar que sentia.

Controlou-se e o examinou com severidade.

Gostou dele. Não era jovem demais —, na verdade parecia mais velho do que

era na realidade (pelas informações dos jornais) — com um ar meio juvenil que ela considerou estranho e cativante.

Ele aliava uma ansiedade com uma timidez curiosa e expressiva, como se tudo no mundo fosse novidade para ele.

— Não aconteceu nada comigo — disse ela, enquanto lhe entregava o casaco.

— Como não? Você está diferente... tão diferente de hoje de manhã!

— Batom e ruge, é tudo — respondeu ela, rispidamente.

Llewelly aceitou a resposta.

— Ah! Compreendo. Achei seus lábios mais claros do que os das outras mulheres. Você hoje de manhã parecia uma freira.

— Sim, sim, eu suponho que parecia.

— Então é isso. Devo lhe dizer que está linda, realmente linda... Não se importa que eu lhe diga isto?

— Não, absolutamente.

Pode dizer sempre, pensou ela, repita sempre, pois sei que nunca mais ouvirei isto outra vez.

— Vamos jantar aqui, na salinha de visitas. Achei que você gostaria. Você não se importa? — perguntou Llewellyn, ansioso.

— Eu acho ótimo.

— Espero também que o jantar esteja bom, nem sempre está. Até hoje, nunca me preocupei muito com comida, mas gostaria de que fosse um bom jantar.

Ela sentou-se enquanto ele chamava o garçom. Laura sentia-se como se estivesse fazendo parte de um sonho.

Pois ele não era o mesmo homem que viera vê-la, de manhã, na Fundação. Era outra pessoa, jovem, agressivo, ansioso, inseguro, tentando agradá-la de qualquer maneira. Ele devia ser assim, quando tinha vinte anos, pensou ela, e agora estava tentando recuperar este tempo perdido.

Por um instante, Laura sentiu-se invadida pela tristeza e pelo desespero. Não era uma realidade e sim o que poderia ter sido o que eles dois estavam tentando recapturar.

O jovem Llewellyn e a jovem Laura. Era ridículo, patético, insubstancial em tempo e extremamente melancólico.

Jantaram uma comida medíocre, mas da qual nenhum dos dois pareceu tomar conhecimento. Juntos, exploravam o Pays du Tendre: falando, rindo, libertos da própria inconsciência...

Finalmente, quando o garçom saiu, deixando o café na mesa, Laura resolveu saber algo mais sobre aquele homem.

— Você já sabe muito da minha vida e eu não sei nada da sua — disse ela. — Conte-me.

Ele falou da sua juventude, dos pais, da sua educação.

— Ainda vivem?

— Meu pai morreu há dez anos, minha mãe no ano passado.

— Eles tinham... ela tinha... muito orgulho de você?

— Meu pai, eu creio, não gostava da forma que a missão tomou. A religião emocional o irritava, mas ele aceitou que para mim talvez não poderia ter sido de outra forma. Minha mãe compreendia melhor e tinha orgulho do meu sucesso mundial, como todas as mães. Mas ela era uma mulher triste.

— Triste?

— Por causa da parte humana que eu estava perdendo. Porque, sem eles, eu vivia isolado do convívio humano e, é claro, dela.

— Ah! Entendo.

Ela meditou sobre o que ele disse. Llewellyn continuou sua história, que pareceu fantástica a Laura, pois era uma experiência tão diferente da dela que, por momentos, até a irritava.

— É tão horrivelmente comercial.

— A engrenagem? É sim.

— Se ao menos eu pudesse entender melhor. Quero entender. Você acha... achou... que valia mesmo a pena?

— Para Deus?

Ela surpreendeu-se.

— Não, não quis dizer isto. Valia a pena para você?

Ele suspirou.

— É tão difícil explicar. Tentei explicar para Richard Wilding. A questão de validade nunca me interessou. Eu tinha uma missão a cumprir.

— Então, se você pregasse num deserto teria o mesmo efeito?

— Para mim, sim. Mas então eu não pregaria tão bem — disse ele, sorrindo. — Um ator não representa bem para uma casa vazia. Um autor necessita de público para ler seus livros. Um pintor faz exposições...

— Parece como se os resultados não lhe interessassem.

— Não posso saber quais foram os resultados.

— Mas os dados, as estatísticas, os seguidores... tudo isto devia ser anotado e processado.

— Eu sei, mas isto faz parte da engrenagem, dos cálculos humanos. Não sei que resultados Deus esperava ou conseguiu. Entenda, Laura, se de todos os milhões que me procuraram, Deus quisesse apenas um, apenas uma alma, e fosse esta a maneira de conquistá-la, já seria o bastante.

— É como se usasse um serrote para abrir uma noz!

— Para os valores humanos, sim. É a nossa dificuldade... aplicar nosso código

de valores humanos... de justiça ou injustiça... e achar que Deus faz o mesmo. Não temos, não podemos ter a menor noção do que Deus quer do homem, exceto que parece provável que Ele quer que o homem se torne algo. Que ainda não se tornou.

— E você? O que Deus quer de você agora? — perguntou Laura.

— Ser apenas um homem comum. Casar, ter filhos, sustentar uma casa, amar o próximo.

— E você ficará satisfeito com isso?

— Que mais posso desejar? Que mais pode alguém querer? Já perdi quinze anos da minha vida, por isso você tem que me ajudar.

— Eu?

— Você sabe que eu quero casar-me com você, não sabe? Deve saber que eu a amo.

Ela ficou quieta, muito pálida, olhando para Llewellyn. A irrealidade do jantar festivo acabara. Agora eles eram eles mesmos, de volta ao aqui e ao agora, criado pelo próprio momento.

— É impossível — disse ela.

— É? Por quê? — perguntou ele, sem parecer preocupado com a resposta.

— Não posso casar-me com você.

— Eu lhe darei tempo para se acostumar com a idéia.

— O tempo não fará diferença.

— Você está querendo dizer que não poderia me amar? Desculpe, Laura, mas não creio que seja verdade. Eu acho que você já me ama um pouco.

A emoção invadiu-a como uma chama.

— Sim, eu poderia amá-lo. Eu o amo...

— Isto é maravilhoso Laura. Minha querida, amada Laura.

Ela colocou a mão para a frente como para impedi-lo de se aproximar.

— Não posso me casar com você, nem com ninguém.

Llewellyn olhou para ela com seriedade.

— Como assim? O que é isto?

— Sim, existe uma razão.

— Jurou dedicar-se à filantropia? Ao celibato?

— Não, não, não.

— Desculpe-me se falei como um idiota. Diga-me o que é, meu amor.

— Sim, preciso contar. É uma coisa que eu pensei que nunca diria a ninguém.

— Talvez não, mas você sabe que precisa me contar.

Ela levantou-se e foi até a lareira. Sem olhar para ele começou a falar num tom monocórdico.

— O primeiro marido de Shirley morreu na minha casa.

— Eu sei. Ela me contou.

— Shirley saíra aquela noite. Eu fiquei sozinha com Henry. Ele tomava pílulas para dormir, em grande quantidade, todas às noites. Shirley tinha-me avisado ao sair que ele já havia tomado a dose, mas nesta altura eu já havia fechado a porta da rua. Quando fui vê-lo, às dez horas, ele me disse que não tinha tomado as pílulas. Eu fui buscá-las.

Na verdade ele havia tomado a dose, mas como estava adormecido e confuso, o que é muito natural, quando se tomam esses soporíferos, imaginou que ainda não tivesse tomado o remédio. A dose dupla o matou.

— E você se sente responsável?

— Tecnicamente, sim. Mais do que isso, eu sabia, por Shirley, que ele já havia tomado o remédio.

— Sabia que uma dose dupla o mataria?

— Sabia que era possível, e esperava que isto acontecesse — acrescentou ela, com firmeza.

— Compreendo — disse Llewellyn, num tom calmo e seguro. — Ele não tinha cura? Seria sempre um inválido?

— Não cometi eutanásia, se é isto que está querendo dizer.

— O que aconteceu depois?

— Assumi inteira responsabilidade e não fui considerada culpada. Levantou-se a suspeita de que seria suicídio... isto é, que Henry teria tentado me enganar para obter outra dose. Afinal ele não tinha acesso aos remédios devido a depressões de fúria e desespero, que de vez em quando o atacavam.

— O que você respondeu a isso?

— Que não achava provável. Henry nunca pensaria nisso. Viveria anos a fio... com Shirley ao seu lado, aguentando seu egoísmo, seu mau humor, sacrificando-se por ele. Eu queria que ela fosse feliz, que vivesse a vida. Ela conhecera Richard Wilding, um pouco antes, e eles estavam apaixonados.

— Sim, ela me contou.

— Se Henry não tivesse ficado aleijado e inválido, ela o teria abandonado com o correr do tempo... mas com a doença dele, isto se tornou impossível. Mesmo não gostando mais do marido, ela nunca o abandonaria, porque Shirley era leal, talvez fosse a pessoa mais leal que eu já conheci na vida. Você compreende que eu não podia suportar a idéia de vê-la arruinar a vida daquela maneira. Não me importei com o que pudesse acontecer comigo.

— Mas na realidade não aconteceu nada com você.

— Não, e às vezes eu desejaria que fosse ao contrário.

— Sim, posso entender que tenha pensado nisso. Mas, na verdade, ninguém poderia ter feito coisa alguma. Mesmo que fosse um erro, se o médico

suspeitasse que por algum impulso piedoso ou mesmo ímpio, nem assim ele poderia ou desejaria acusá-la. Se as suspeitas recaíssem sobre Shirley, aí sim, a história seria outra.

— Mas nunca poderiam suspeitar dela. Além do mais, a criada ouviu Henry dizer que não tinha tomado o remédio e pedir para eu lhe dar as pílulas.

— Sim, foi tudo facilitado para você... facilitado demais. Como se sente em relação a esse fato, agora?

— Eu queria libertar Shirley.

— Deixe Shirley de lado. Isto é entre nós dois. Como se sente em relação a Henry? Acha que encontrou a melhor solução?

— Não.

— Graças a Deus você disse isso.

— Henry não queria morrer: Eu o matei.

— Sente remorsos?

— Se está querendo saber se eu o faria outra vez, a resposta é sim.

— Sem remorsos?

— Remorsos? Não sei. Foi um pecado, disso estou certa. Tenho vivido com este peso e não posso esquecê-lo.

— Por isso criou a Fundação? Por filantropia? Como dever para corrigir seu erro?

— Foi tudo o que pude fazer.

— E serviu.

— Como assim? Se valeu a pena?

— Não me refiro ao bem que fez aos outros. Quero saber se a ajudou.

— Não sei...

— Você quer ser castigada?

— Quero fazer uma reparação.

— Para quem? Henry? Está morto. Pelo que pude saber Henry nunca se interessaria por crianças excepcionais. Você precisa enfrentar a realidade, Laura, não se pode fazer reparações.

Ela ficou imóvel como se tivesse levado um choque. Em seguida, jogou a cabeça para trás e a cor voltou ao seu rosto. Olhou para ele desafiadoramente.

— É verdade — disse ela —, tenho tentado fugir a esta realidade que você provou ser impossível. Já disse que não acredito em Deus, mas é mentira. Sei que cometi um pecado e no fundo do meu coração sei que não serei perdoada. Fiz o que fiz, sabendo das consequências. A não ser que eu me arrependesse e eu não posso me arrepender. Quis que Shirley fosse feliz, tivesse uma oportunidade e consegui. Sei que durou pouco... só três anos. Mas, se ela foi feliz nestes três anos, mesmo que tenha morrido tão jovem, valeu a pena.

Ao olhar para ela, Llewelly sentiu-se tentado a calar-se, a esconder a verdade.

Deixá-la na ilusão, pois afinal era tudo o que lhe restava. Ele a amava e, por isso, como poderia pulverizar a imensa coragem de Laura? Ela não precisaria saber a verdade.

Llewelly foi para a janela, abriu as cortinas e olhou para a rua distraído.

Finalmente, voltou-se para ela e falou num tom ríspido.

— Laura, você sabe como sua irmã morreu?

— Ela foi atropelada.

— Sim, mas por que foi atropelada, você não sabe... ela estava bêbada.

— Bêbada? — repetiu Laura, como se não tivesse entendido. — Você quer dizer que houve uma festa?

— Não houve festa alguma. Ela saiu de casa sem ser vista e foi para a cidade. Costumava fazer isto, de vez em quando, porque nem sempre gostava de beber em casa. E sabe o quê? Bebia lavanda e água-de-colônia, até desmaiar. Os empregados sabiam, só Wilding não. Shirley bebia porque achava a vida insuportável e precisava fugir.

— Não acredito.

— É verdade. Ela mesma me contou. Quando Henry morreu ela perdeu o rumo. Tornou-se uma criança assustada e só no mundo.

— Mas ela gostava de Richard... e ele gostava dela.

— Ele a amava, mas será que ela lhe correspondia? Uma paixão fugaz... fora tudo que ela sentira por ele. Depois, enfraquecida pelo sofrimento e pela tensão de tomar conta de um inválido deprimido, ela casou com Richard.

— E não foi feliz. Não posso acreditar.

— Será que você conhecia sua própria irmã? Será que uma pessoa é igual para todo o mundo? Para você, Shirley sempre foi um bebê que você salvou de um incêndio, uma criatura fraca, desprotegida, necessitada de amor e carinho. Mas, eu a via diferentemente, embora também pudesse estar errado. Para mim, ela era uma jovem corajosa, capaz de suportar os embates da vida, usando as dificuldades para realçar toda a força do seu espírito. Ela estava cansada e tensa, mas estava vencendo a batalha de trazer Henry de volta do desespero para a luz. Amava Henry e era Henry quem ela queria. Tinha uma vida difícil mas que para ela valia a pena. Aí, Henry morreu e ela foi jogada no ninho de algodão e seda, amor ansioso e protetor. Ela lutou mas não conseguiu se desvencilhar. Encontrou a bebida, que diminuía a realidade. E você sabe como a bebida toma conta de uma mulher e que não é fácil se largar um vício desses...

— Ela nunca me disse que estava infeliz... nunca.

— Ela não queria que você soubesse.

— E fui eu quem provocou tudo isso... eu!

— Sim, minha querida.

— Baldy sabia — disse Laura. — Pelo que disse ao morrer: “você não devia ter feito isso!” Há muitos anos ele tinha me dito que não interferisse, que nós não sabíamos o que era melhor para os outros! — Laura voltou-se para Llewellyn. — Ela não tentou suicidar-se?

— Pode ser. Ela atravessou a rua bem em frente do caminhão. Wilding, no fundo, crê que foi suicídio.

— Não, não.

— Mas, eu não acredito. Acho que Shirley seria incapaz disso. É verdade que vivia deprimida, mas não creio que fosse capaz de chegar a esse ponto, pois basicamente era uma lutadora. Acontece que não se larga a bebida com um estalar de dedos. Vive-se tendo recaídas. Para mim, ela atravessou a rua sem saber o que estava fazendo ou para onde estava indo.

Laura afundou-se num sofá.

— O que farei? O que farei?

Llewellyn aproximou-se dela e abraçou-a.

— Você vai se casar comigo, e recomeçar a vida.

— Não, não, isto seria impossível.

— Por que não? Você precisa de amor.

— Você não compreende? Tenho que pagar pelo crime que cometi. Todos nós pagamos pelos nossos erros.

— Como você vive obcecada pela noção de pagamento!

— Mas todos temos que pagar — repetiu Laura.

— Acho que é verdade, mas será que você não compreende, minha querida — disse Llewellyn, fazendo uma pausa antes de emitir uma verdade mais cruel, ainda — que pelo que você fez, alguém já pagou? E esse alguém foi Shirley.

Ela olhou para ele horrorizada.

— Shirley pagou?

Llewellyn concordou com a cabeça.

— Ouça, infelizmente, você precisa ouvir. Shirley pagou e morreu, cancelando a dívida. Você precisa continuar, Laura. Você precisa, não de esquecer o passado, mas mantê-lo no seu devido lugar, na sua memória e não na sua vida diária. Precisa aceitar a felicidade e não só o castigo. Sim, aceitar a felicidade. Precisa parar de dar e aprender a receber. Deus age conosco de uma maneira estranha. Ele está lhe concedendo, eu creio, o amor e a felicidade. Aceite isto com humildade.

— Não posso, não posso.

— Você deve e precisa aceitar — disse Llewellyn, colocando-a de pé. — Eu te amo, Laura, e você me ama, não tanto quanto eu, mas também me ama.

— Sim, eu te amo.

Trocaram um beijo longo e faminto. Ao se separarem ela riu baixinho.

— Queria que Baldy soubesse, ele ficaria satisfeito.

Ao afastar-se, ela tropeçou e quase caiu. Llewellyn apanhou-a no ar.

— Cuidado... machucou-se? Você poderia ter partido a cabeça no mármore da lareira.

— Que bobagem!

— Pode ser, mas para mim você é muito preciosa.

Ela sorriu para ele, sentindo seu amor e sua ansiedade. Finalmente era querida, como sempre desejara ser na infância.

De repente, sentiu-se como liberada de um enorme peso nos ombros e ficou leve como uma pluma.

Pela primeira vez na vida Laura sentiu e compreendeu o peso do amor.

Table of Contents

A Carga
- Prólogo
- Parte I
  - Capítulo Um
  - Capítulo Dois
  - Capítulo Três
  - Capítulo Quatro
  - Capítulo Cinco
- Parte II
  - Capítulo Um
  - Capítulo Dois
  - Capítulo Três
  - Capítulo Quatro
  - Capítulo Cinco
  - Capítulo Seis
  - Capítulo Sete
  - Capítulo Oito
  - Capítulo Nove
- Parte III
  - Capítulo Um
  - Capítulo Dois
  - Capítulo Três
  - Capítulo Quatro
  - Capítulo Cinco
  - Capítulo Seis
  - Capítulo Sete
- Parte IV
  - Capítulo Um
  - Capítulo Dois